UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

João Gabriel Duarte Ferreira

Os Intérpretes Surdos e o Processo Interpretativo Interlíngue Intramodal Gestual-visual da ASL para Libras

Florianópolis
2019

João Gabriel Duarte Ferreira

Os Intérpretes Surdos e o Processo Interpretativo Interlíngue Intramodal Gestual-visual da ASL para Libras

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestrado em 2019.
Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ferreira, João Gabriel Duarte
Os Intérpretes Surdos e o Processo Interpretativo Interlíngue Intramodal Gestual-visual da ASL para Libras / João Gabriel Duarte Ferreira ; orientador, Carlos Henrique Rodrigues, 2019.
135 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Intérprete surdo. 3. Interpretação Simultânea. 4. Interpretação Intramodal. 5. Libras. I. Rodrigues, Carlos Henrique . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

João Gabriel Duarte Ferreira

Os Intérpretes Surdos e o Processo Interpretativo Interlíngue Intramodal Gestual-visual da ASL para Libras

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues (Orientador)
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Patrícia Tuxi dos Santos
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Silvana Aguiar dos Santos
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Débora Campos Wanderley
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução.

Dirce Waltrick do Amarante:86391674949 Assinado de forma digital por Dirce Waltrick do Amarante:86391674949 Dados: 2019.08.30 08:34:50 -03'00'

Profa. Dra. Dirce Waltrick do Amarante
Coordenadora do Programa Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Carlos Henrique Rodrigues:03932217683 Assinado de forma digital por Carlos Henrique Rodrigues:03932217683 Dados: 2019.08.30 09:28:28 -03'00'

Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues
Orientador

Florianópolis, 18 de julho de 2019.

AGRADECIMENTOS

À minha família e aos meus amigos que me fizeram quem sou agora, realmente sou muito grato por isso!

Ao meu orientador, Carlos Henrique Rodrigues, por ter tanta paciência comigo, pela sua confiança em mim e pelas suas contribuições para esta dissertação!

Às professoras Silvana Aguiar dos Santos, Silvana Nicoloso e Edgar Veras Correa por suas contribuições no exame de qualificação!

RESUMO

Nas últimas duas décadas, o número de tradutores e de intérpretes intramodais surdos têm crescido significativamente, assim como a atuação de guia-intérpretes surdos. Entretanto, a ampliação da demanda por esses profissionais não vem sendo acompanhada pelo oferecimento de uma formação acadêmica específica. Pode-se notar que esses novos profissionais surdos atuam com base numa formação empírica — ocasionada pela demanda social e favorecida pela prática —, assim como ocorreu com os primeiros intérpretes e tradutores intermodais ouvintes (QUADROS, 2004; SANTOS, 2010). Embora já tenhamos um número considerável de tradutores, intérpretes e guia-intérpretes surdos (ADAM et al., 2014; LINDSAY, 2016 etc.), atuando tanto de modo intermodal quanto intramodal, em todo o Brasil, os desenhos curriculares dos cursos superiores que visam à formação de tradutores e intérpretes nas universidades federais, ainda têm como enfoque os profissionais intermodais ouvintes que trabalham com Libras-Português, assim como ocorreu com as primeiras edições do ProLibras. Considerando essa realidade, realizamos uma investigação sobre os intérpretes surdos na atualidade e sobre as características do processo de interpretação interlíngue intramodal gestual-visual da ASL (Língua de Sinais Americana) para a Libras (Língua de Sinais Brasileira). Para tanto, numa abordagem empírico-experimental: (i) aplicamos uma tarefa de interpretação simultânea intramodal a três participantes que foram selecionados a partir de um questionário *on-line* destinado aos intérpretes surdos brasileiros de ASL-Libras e de Libras-SI (Sinais Internacionais); e (ii) coletamos dados por meio de Protocolos Verbais (TAPs) e de entrevista semiestruturada. Os dados foram transcritos no ELAN (*EUDICO LINGUISTIC ANNOTATOR*), descritos e analisados com o apoio dos estudos da tradução e da interpretação (COKELY, 1986; GILE, 1995; BARBOSA, 2014; RODRIGUES, 2013, entre outros). Vimos que o desempenho dos intérpretes surdos e os processos intramodais, assemelham-se ao desempenho dos intérpretes ouvintes e aos processos intermodais, embora possuam suas singularidades. Por fim, acreditamos que a pesquisa é inovadora e que, portanto, pode contribuir tanto com o aprimoramento dos estudos sobre a atuação de tradutores, intérpretes e guia-intérprete surdos e com o melhor conhecimento dos processos intramodais, quanto com importantes apontamentos à formação dos profissionais surdos no contexto nacional e internacional.

Palavras-chave: Intérprete Surdo. Interpretação Simultânea. Interpretação Intramodal. Libras. ASL. Estudos da Interpretação

ABSTRACT

During the last two decades, the number of deaf translators and interpreters has been rising considerably, and so has the work of deafblind sign language interpreters. However, the increase on the demand for these professionals has not happened in accordance to specific academic training. It is possible to observe that the work of these new deaf professionals start from an empirical training process — caused by social demand and favored by practical work —, the same way it has occurred with hearing translators and interpreters working across modalities (Quadros, 2004; Santos, 2010). Despite the fact that in Brazil there is a considerable amount of deaf translators, interpreters and deafblind sign language interpreters (Adam et al., 2014; Lindsay, 2016 etc.) working with intermodal and intramodal processes, higher education curricular designs that aim at training translators and interpreters in federal universities are still focused on hearing intermodal professionals that work with Libras-Portuguese, as it occurred with the first editions of ProLibras. From this starting point, we have carried out an investigation about deaf interpreters that are current workers and about the visual-gestural interlingual intramodal interpreting process from ASL (American Sign Language) into Libras (Brazilian Sign Language). In order to do so, through an empirical-experimental approach, we have: (i) proposed a simultaneous intramodal interpreting task to three Brazilian deaf interpreters working with ASL-Libras and Libras-IS (International Sign); (ii) collected data through Think-Aloud Protocols (TAPs) and semi-structured interview. The data were transcribed in ELAN (EUDICO Linguistic Annotator), described and analyzed using Translation and Interpreting Studies as the theoretical support (Cokely, 1986; Gile, 1995; Barbosa, 2014; Rodrigues, 2013, among others). We have identified that deaf interpreters' performances and intramodal processes resemble those of hearing interpreter's performances and intermodal processes, although bearing their singularities. In conclusion, we believe that this research is innovative and therefore can contribute with both the improvement of studies involving the work area of translators, interpreters and deafblind sign language interpreters, providing a better knowledge of intramodal processes, and with important remarks to the training of deaf professionals in the national and international context.

Keywords: Deaf Interpreter. Simultaneous Interpreting. Intramodal Interpreting. Libras. ASL. Portuguese.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E GRÁFICOS

Figura 1 – Processos Intermodais..... 53

Figura 2 – Processos Intramodais..... 54

Figura 3 – Estrutura para registro dos estudos pré-conferência..... 78

Figura 4 – Estrutura para registro da interpretação simultânea..... 79

Figura 5 – Estrutura para a coleta dos Protocolos Verbais Livres..... 81

Figura 6 – Estrutura para a coleta dos Protocolos Verbais Guiados..... 81

Figura 7 – A Interface do ELAN..... 82

Figura 8 – A Interface do *Premiere* como insumo ao intérprete..... 94

Gráfico 1 – Contato com ASL e SI..... 68

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Publicações em âmbito internacional..... 32

Quadro 02 – Publicações em âmbito nacional..... 33

Quadro 03 – Surdos candidatos, ingressantes e egressos nos cursos de formação de tradutores e intérpretes das universidades federais..... 44

Quadro 04 – Diferenças entre a Tradução e a Interpretação Intermodal..... 51

Quadro 05 – Identificação dos participantes..... 74

Quadro 06 – Perfil dos participantes..... 75

Quadro 07 – Estudos do P1, antes da tarefa de interpretação..... 84

Quadro 08 – Estudos do P2, antes da tarefa de interpretação..... 85

Quadro 09 – Estudos do P3, antes da tarefa de interpretação..... 86

Quadro 10 – TAP 1: comentários de P1 sobre sua interpretação..... 95

Quadro 11 – TAP 1: comentários de P2 sobre sua interpretação..... 96

Quadro 12 – TAP 1: comentários de P3 sobre sua interpretação..... 96

Quadro 13 – Problemas de intepretação..... 99

Quadro 14 – TAP 2: comentários de P1 sobre a interpretação de trechos selecionados..... 100

Quadro 15 – TAP 2: comentários de P2 sobre a interpretação de trechos selecionados..... 102

Quadro 16 – TAP 2: comentários de P3 sobre a interpretação de trechos selecionados..... 103

Quadro 17 – Respostas de P1 na entrevista..... 106

Quadro 18 – Respostas de P2 na entrevista..... 106

Quadro 19 – Respostas de P3 na entrevista..... 107

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Surdos no ProLibras de Tradução e Interpretação..... 20

Tabela 02 – Quantidade de intérpretes e tradutores surdos..... 43

Tabela 03 – Surdos na pós-graduação em Estudos da Tradução UFSC 46

Tabela 04 – Surdos na pós-graduação em Estudos da Tradução UFC..... 46

Tabela 05 – Surdos na pós-graduação em Estudos da Tradução UnB..... 47

Tabela 06 – A escolaridade dos intérpretes surdos..... 60

Tabela 07 – O aprendizado/aquisição de língua de sinais..... 61

Tabela 08 – A proficiência em português brasileiro..... 62

Tabela 09 – A proficiência em Libras..... 63

Tabela 10 – A proficiência em inglês..... 64

Tabela 11 – A proficiência em ASL..... 64

Tabela 12 – A proficiência no sistema de sinais internacionais (SI)..... 65

Tabela 13 – A frequência de uso de Libras..... 67

Tabela 14 – A frequência de uso de ASL..... 67

Tabela 15 – A frequência de uso de SI..... 67

Tabela 16 – O ProLibras..... 68

Tabela 17 – A formação específica como intérprete..... 70

Tabela 18 – A experiência como intérprete de SI..... 71

Tabela 19 – A frequência de interpretação de SI para LIBRAS e vice-versa..... 71

Tabela 20 – A experiência de interpretação de SI nos contextos de conferências..... 72

Tabela 21 – A experiência como intérprete de ASL..... 72

Tabela 22 – A frequência de interpretação de ASL para LIBRAS e vice-versa..... 72

Tabela 23 – A experiência na interpretação de ASL em contextos de conferências..... 72

Tabela 24 – Dados do texto fonte em ASL..... 76

Tabela 25 – Busca de apoio externo e interno na preparação..... 88

Tabela 26 – Dados da sinalização em Libras..... 89

Tabela 27 – *Lag Time*: tempo entre o recebimento do texto e sua interpretação..... 90

Tabela 28 – Menor e maior lag time dos participantes..... 91

Tabela 29 – Duração do TAP Livre..... 98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	–	*American Sign Language*
AVLIC	–	*Association of Visual Language Interpreters of Canada*
CDI	–	*Certified Deaf Interpreters*
CODA	–	*Children Of Deaf Adults*
ELAN	–	*EUDICO Linguistic Annotator*
ELiS	–	Escrita das Línguas de Sinais
EI	–	Estudos da Interpretação
ET	–	Estudos da Tradução
ETILS	–	Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais
EUA	–	Estados Unidos da América
Libras	–	Língua Brasileira de Sinais
MEC	–	Ministério da Educação
NFATC	–	*National Foreign Affairs Training Center*
NCIEC	–	*National Consortium of Interpreter Education Centers*
NIC	–	*National Interpreter Certification*
INES	–	Instituto Nacional de Educação de Surdos
PGET	–	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - UFSC
POET	–	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - UFC
POSTRAD	–	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - UnB
ProLibras	–	Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras
RID	–	*Registry of Interpreter for Deaf*
SEL	–	Sistema de Escrita de Língua de Sinais
SENAC	–	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SI	–	Sinais Internacionais
SW	–	*SignWriting*
TAPs	–	Protocolos Verbais (*Think-aloud Protocols*)
TCLE	–	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRADUSP	–	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - USP
UFES	–	Universidade Federal do Espírito Santo
UFG	–	Universidade Federal de Goiás
UFRB	–	Universidade Federal do Recôncavo Baiano
UFRGS	–	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	–	Universidade Federal de Rio de Janeiro
UFRR	–	Universidade Federal de Roraima
UFSC	–	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	–	Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1. TRAJETÓRIA E MOTIVAÇÃO PESSOAIS 13
2. A PESQUISA, SUA RELEVÂNCIA E SEUS OBJETIVOS 18
2.1 A IMPORTÂNCIA DA TEMÁTICA 25
2.2 O QUE SE PRETENDE COM O ESTUDO 28
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 30
3.1 O RECONHECIMENTO DO INTÉRPRETE E DO TRADUTOR SURDO 30
3.2 AS ÁREAS DE ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE SURDO 36
3.3 A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS INTÉRPRETES SURDOS 38
3.4 OS PROCESSOS TRADUTÓRIOS E INTERPRETATIVOS 48
3.5 A TEORIA INTERPRETATIVA E O MODELO DOS ESFORÇOS 54
4. PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS E ANÁLISE INICIAL DE DADOS 58
4.1 OS POSSÍVEIS PARTICIPANTES: QUESTIONÁRIO INICIAL 59
5. O DESENHO EXPERIMENTAL PARA A COLETA E A ANÁLISE DOS DADOS 74
5.1 OS PARTICIPANTES 74
5.2 O TEXTO FONTE 76
5.3 A TAREFA 78
5.4 OS PROTOCOLOS VERBAIS RETROSPECTIVOS 80
5.5 A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS 81
6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS 83
6.1 PRÉ-CONFERÊNCIA: DADOS DA PREPARAÇÃO PARA A TAREFA 83
6.1.1 O primeiro participante: P1 84
6.1.2 O segundo participante: P2 85
6.1.3 O terceiro participante: P3 86
6.2 A TAREFA: DADOS DA INTERPRETAÇÃO REALIZADA 89
6.3 OS TAPS: DADOS DA REFLEXÃO SOBRE A TAREFA 94
6.3.1 TAPs Livres: P1, P2 e P3 95

6.3.2 TAPs Guiados: P1, P2 e P3. 99

6.3.3 As entrevistas semiestruturadas: um último diálogo. 105

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 114

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 117

ANEXOS 123

1. TRAJETÓRIA E MOTIVAÇÃO PESSOAIS

Apresento aqui minha trajetória pessoal e meus estudos e reflexões sobre o tradutor e o intérprete surdo, tanto no que se refere à sua entrada profissional no mercado da tradução e da interpretação de línguas de sinais quanto à sua inserção temática nas pesquisas dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (RODRIGUES, BEER, 2015). Explico um pouco a minha trajetória, como me tornei intérprete, tradutor e guia-intérprete, e menciono minhas experiências. Além disso, abordo a realização do ProLibras e apresento alguns fatores que me levaram à pesquisa sobre os surdos que atuam na tradução e na interpretação de/entre/para línguas de sinais.

Minha trajetória em direção à atuação como tradutor, intérprete e guia-intérprete de língua de sinais aproxima-se do que comumente ocorreu com os primeiros intérpretes ouvintes de línguas de sinais, os quais assumiram os postos de trabalho sem uma formação prévia e que, portanto, se "formaram" por meio da prática. Esse fato traz diversos desafios àquele que, sem uma preparação específica, começa a atuar "profissionalmente" junto às comunidades surdas. Vejamos um pouco do caminho que trilhei em direção à atuação como tradutor, intérprete e guia-intérprete, com suas funções diferentes, e ao ingresso no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

No Rio de Janeiro, eu tive aprendizagem na escola regular, onde eu era o único surdo. Como tantos outros, fui levado à oralização através da minha família e, por sua vez, conduzido às terapias da fonoaudiologia. Algo ainda comum em algumas escolas brasileiras que realizam a "inclusão" de surdos. Apesar dos desafios e das dificuldades enfrentadas durante minha escolarização, fui aprovado para o curso de Educação Física na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no concurso vestibular de 2010. Entretanto, ao saber da existência do curso de Letras Libras oferecido pela UFSC, decidi solicitar a transferência externa para esta universidade em meados de 2011. Com o ingresso no Letras Libras, eu pude desenvolver a fluência na Língua Brasileira de Sinais — Libras. E, no primeiro semestre de 2016, conclui o curso.

Ao longo desse período, em que estudava Letras Libras, comecei a me dar conta que, com frequência, meus colegas me procuravam para fazer a tradução do Português escrito para Libras, pessoalmente e em vídeos. Eu traduzia os textos para auxiliá-los a entender o conteúdo

que tratavam e a fazer as atividades. Além disso, um colega surdocego tinha dificuldades em acompanhar às aulas do curso e, como na época não havia guias-intérpretes (embora houvesse intérpretes de Libras-Português, eles não possuíam prática em Libras Tátil, por exemplo), comecei a dar apoio de forma voluntária, realizando a guia-interpretação nas aulas em que estávamos juntos. O processo foi assim: eu interpretava de forma intralingual e intramodal (RODRIGUES, 2018b) para o colega surdocego, da Libras para a Libras Tátil.

Além disso, vieram os pedidos dos colegas surdos para que eu os pudesse acompanhar em variadas situações, tais como em atendimentos médicos, processos jurídicos e estabelecimentos comerciais. Com a minha presença nas situações mencionadas, eu realizava a mediação entre o que meus colegas surdos sinalizam e o que os demais ouvintes falavam. Assim, eu viabilizava o diálogo por meio da interpretação consecutiva Libras-Português (através de leitura labial), tanto sinalizando (i.e., do Português para a Libras) quanto vocalizando (i.e., da Libras para o Português).

Em 2010, teve início um programa de intercâmbio com uma universidade parceira da UFSC, em Washington D.C., nos Estados Unidos (EUA), a *Gallaudet University*[1] — uma universidade voltada preferencialmente aos surdos. Esse projeto acontecia a cada dois anos. Um grupo de estudantes brasileiros ia para a *Gallaudet University* estudar lá por um semestre, enquanto um grupo de estudantes da *Gallaudet University* vinha para o Brasil para cursar um semestre na graduação de Letras Libras da UFSC. O primeiro grupo foi para os Estados Unidos em 2010.

No primeiro semestre de 2012, um grupo de estudantes norte-americanos da *Gallaudet University* veio estudar por um semestre na UFSC. Dois moraram na minha casa ao longo desse período e, assim, na comunicação do dia a dia, puderam aprender comigo a Libras e eu pude aprender com eles a ASL (i.e., *American Sign Language*, em Português, Língua de Sinais Americana). Devido a isso, eu cooperei com esse grupo interpretando algumas aulas, viabilizando sua comunicação com a secretaria do curso e sua interação em várias rotinas, até adquirirem mais fluência em Libras. Isso despertou meu interesse por realizar o intercâmbio na *Gallaudet University*. Inscrevi-me junto a alguns colegas de Letras Libras e fomos aprovados no processo de seleção para o segundo semestre de 2012. Me matriculei em algumas disciplinas, sem pensar na área de tradução e interpretação, como *Deaf Studies* (em Português, Estudos

[1] https://www.gallaudet.edu

Surdos), ASL 3 (i.e., Língua de Sinais Americana, no nível 3 — intermediário) e outras. Como alguns integrantes tinham dificuldades em acompanhar a rotina acadêmica na universidade estrangeira por ainda não possuírem fluência em ASL, eu comecei a interpretar para eles, de ASL para Libras e vice-versa, mesmo sendo um dos intercambistas.

No retorno ao Brasil, em 2013, me inscrevi para um minicurso ministrado pelo professor norte-americano Steve Collins[2], bem conhecido por seus conhecimentos sobre os processos de guia-interpretação para surdocegos na modalidade gestual-tátil. Após isso, vieram mais professores norte-americanos convidados pela UFSC para eventos variados, como minicursos, seminários, congressos e conferências, e, por já ser fluente em ASL, me convidavam a interpretar dessa língua para Libras e vice-versa.

Em 2014, trabalhei como professor de Libras numa escola pública em Florianópolis ministrando aulas aos alunos surdos. Porém, diante de situações em que não tinham intérpretes de Libras-Português, eu, preocupado com os alunos surdos, acabava interpretando. Para entender como foi esse processo: antes de iniciar a aula, eu — como sou oralizado e faço a leitura labial — conversava com o professor da disciplina para que pudesse estudar um pouco o conteúdo da aula; a partir disso, com informações adquiridas, eu interpretava para os alunos surdos na sala de aula, observando o professor explicando o conteúdo e me avisando ao mesmo tempo. Isso durou um ano.

No primeiro semestre de 2015, comecei a trabalhar como estagiário da área de tradução de línguas de sinais, realizando a tradução do Português para a Libras por meio de gravações em vídeo e, também, guia-interpretação no curso de Letras Libras a distância para um aluno surdocego no polo da UFSC localizado na cidade de Joinville, Santa Catarina. Na metade do ano de 2015, fui contratado como tradutor e guia-intérprete e, além disso, realizei a interpretação educacional algumas vezes no Colégio de Aplicação localizado no campus da UFSC em Florianópolis, juntamente com um intérprete ouvinte, e, também, em atendimentos de assistência social até finalizar o contrato no ano seguinte. Consegui também ser aprovado na sétima edição do ProLibras, Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa — há dois tipos de exames, um para uso e ensino da Libras e outro

[2] https://my.gallaudet.edu/steven-collins

para tradução e interpretação da Libras/Língua Portuguesa —, sendo aprovado na opção de tradução e interpretação da Libras/Língua Portuguesa.

Após concluir a licenciatura em Letras Libras, no primeiro semestre de 2016, trabalhei na sede administrativa de Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) em Florianópolis como analista de comunicação digital, onde tive a oportunidade de executar a função de tradutor de língua de sinais, Português-Libras, em vídeos institucionais. A forma como se dava esse processo foi a seguinte: com as transcrições em português dos vídeos produzidos, estudava qual seria a melhor forma de traduzir o texto para que fosse mais clara e significativa para os surdos e, então, realizava a gravação da tradução em Libras. Com a ajuda tecnológica, tudo ocorreu bem, e foram vários vídeos institucionais realizados durante o tempo em que estive nesse cargo, o qual precisei deixar, após ser aprovado na seleção de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, PGET-UFSC.

De modo geral, esses são alguns dos fatores que me motivam e que justificam o porquê de pesquisar o *surdo* em sua atuação como intérprete, em processos que se dão em uma mesma modalidade de língua, entre duas línguas de sinais: os *intramodais gestuais-visuais*. Assim, durante os mais de dois anos de mestrado, tive a oportunidade de: (i) participar de diversos eventos no Brasil compartilhando dados da pesquisa e reflexões sobre o trabalho e a importância dos intérpretes e dos tradutores surdos e sobre o processo de tradução intramodal gestual-visual; (ii) estabelecer contato com diversos tradutores e intérprete surdos do Brasil e do exterior, assim como com professores da área dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais; (iii) ampliar minhas leituras e estudos sobre a temática da pesquisa, inclusive tendo contato com várias publicações em inglês; e (iv) aperfeiçoar-me como profissional da tradução e da interpretação intermodal e intramodal gestual-visual e como pesquisador.

Vale mencionar que trabalhei como intérprete de ASL e SI (i.e., Sinais Internacionais) em alguns eventos internacionais realizados no Brasil e como tradutor de Libras para ASL no projeto INDLibras (Inventário Nacional da Diversidade Linguística da Libras)[3]. Além disso, atuei como consultor, tradutor e ator na série Crisálida[4] e como professor substituto no curso de graduação em Letras Libras da UFSC trabalhando com disciplinas de tradução e

[3] http://indllibras.com.br/
[4] https://www.seriecrisalida.com.br/

interpretação de línguas de sinais e com o ensino de Libras. Atualmente, estou trabalhando em duas produtoras como tradutor de Libras-Português e como editor de vídeos.

Por fim, reitero que, no Brasil, existem vários surdos, desde muitos anos, que atuam como tradutores/intérpretes/guia-intérpretes, e que não possuem a formação específica, salvo em alguns casos de surdos que possuem pós-graduação em tradução e/ou interpretação. Isso ocorre porque, ao contrário do que acontece nos Estados Unidos e na Europa, não existem cursos específicos para que surdos possam se capacitar para atuar profissionalmente como tradutores/intérpretes/guias-intérpretes, muito menos empresas ou instituições que possuem, por exemplo, intérpretes surdos para situações em que sua atuação pode ser central à qualidade da interpretação e, por sua vez, à melhoria do acesso das comunidades surdas aos atendimentos médicos, psicológicos, jurídicos, bem como aos contextos de conferências. Essa realidade confirma a importância de que minha trajetória seja marcada por estudos, reflexões e pesquisas capazes de impactar e contribuir com a melhoria dessa realidade tanto para favorecer a formação de tradutores e intérpretes surdos quanto para garantir o respeito aos direitos linguísticos dos surdos brasileiros.

2. A PESQUISA, SUA RELEVÂNCIA E SEUS OBJETIVOS

Atualmente, devido às lutas das comunidades surdas brasileiras e à promulgação de algumas leis específicas, como o Decreto nº. 5.626/2005 e a Lei n°. 12.319/2010, observamos uma crescente ampliação da inserção de intérpretes de língua de sinais nos espaços públicos. Com esse avanço na legislação, os surdos sinalizantes passam a ter reconhecido o seu direito de usar a Libras e a possibilidade de atuarem como seus tradutores e/ou intérpretes, inclusive para o público ouvinte não falante de língua de sinais, começa a se tornar uma realidade.

Essas mudanças têm contribuído para a constituição de um novo campo profissional: atuação dos surdos como tradutores, intérpretes e guia-intérpretes. Entretanto, no Brasil, os termos *intérprete surdo*, *tradutor surdo* e/ou *guia-intérprete surdo* são ainda pouco citados nas pesquisas dos Estudos da Tradução (ET), dos Estudos da Interpretação (EI) e dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) e a inserção do profissional tradutor, intérprete e/ou guia-intérprete surdo no mercado de trabalho é ainda mais infrequente, se comparada a outros países ou ao número de profissionais ouvintes que ocupam esses cargos.

Após a sanção da Lei de Libras, Lei nº. 10.436/2002, e sua regulamentação pelo Decreto nº. 5.626/2005, foi criado o primeiro curso superior para formação de tradutores e intérpretes de Libras-Português, na UFSC, em 2008, ampliando a garantia de uso e circulação social da Libras e a possibilidade de melhoria de serviços de tradução e interpretação para as comunidades surdas. Desde então, a formação de tradutores e intérpretes de Libras-Português no ensino superior ampliou-se significativamente contribuindo com o aumento de tradutores e intérpretes ouvintes mais qualificados profissionalmente. Atualmente, conforme aponta Rodrigues (2018c), temos oito diferentes cursos de graduação em sete universidades federais brasileiras visando à formação dos profissionais tradutores e intérpretes de Libras-Português: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Dentre esses cursos de graduação para a formação de tradutores e intérpretes, não encontramos nenhuma ação especificamente direcionada aos intérpretes, tradutores e guia-intérpretes surdos, ainda que esses já venham atuando profissionalmente em contextos comunitários e nas conferências nacionais e internacionais e ingressado nesses cursos. É

importante dizer que esses profissionais surdos brasileiros atuam com base em sua experiência e prática e não possuem uma formação profissional oficialmente válida ou reconhecida socialmente nas áreas de interpretação e de tradução pelas instituições representativas de surdos e/ou de tradutores e intérpretes.

Um breve olhar sobre os cursos superiores para formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais que existem no Brasil mostra que os currículos desses cursos são direcionados apenas para os ouvintes, ou seja, o perfil esperado do ingressante nesses cursos é de um *ouvinte* que tem o Português como sua língua materna e que atuará na tradução e/ou intepretação entre a Libras, de modalidade gestual-visual, e o Português, de modalidade vocal-auditiva, tanto realizando a tradução da Libras para o Português e do Português para a Libras quanto a sinalização e/ou a vocalização em diversos contextos comunitários e de conferência.

Em suma, não há no contexto brasileiro uma formação específica e permanente para que os surdos possam se tornar tradutores e/ou intérpretes, seja em cursos livres, de extensão universitária e/ou de graduação. O único exemplo que encontramos, no caso da certificação desses profissionais, é o Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras (ProLibras), criado com base no Decreto nº 5.626/05, cuja validade expirou em 2015, com o objetivo de realizar, por meio de exames de âmbito nacional, a certificação de proficiência no uso e ensino de Libras ou na tradução e interpretação da Libras para pessoas surdas ou ouvintes, comprovando, respectivamente, a sua competência no ensino de Libras ou na tradução e interpretação de Português-Libras.

Ainda que logo no começo, o ProLibras em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras não tenha sido pensado para certificação de tradutores e intérpretes surdos de línguas de sinais, encontramos casos de surdos (como o meu caso, em sua sétima edição) que realizaram o exame e que conseguiram a certificação a partir de 2008. Com base nos relatórios técnicos disponibilizados pelo ProLibras (MEC/INES/UFSC, 2006; 2007; 2008; 2009; 2010; 2012; 2015) temos, no que se refere à participação de candidatos surdos no ProLibras em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras, o seguinte:

TABELA 01 – Surdos no ProLibras de Tradução e Interpretação

	INSCRITOS	APROVADOS
1° ProLibras/2006	-	-
2° ProLibras/2007	21	-
3° ProLibras/2008	26	-
4° ProLibras/2009	69	13
5° ProLibras/2010	125	33
6° ProLibras/2012-13	128	26
7° ProLibras/2015	159	37
TOTAL	**528**	**109**

Fonte: o autor com base nos dados dos relatórios.

No 1° ProLibras (2006), não há o registro nos relatórios da inscrição de candidatos surdos. Acreditamos que isso se deva, dentre outros aspectos sociais e culturais, a não abertura em Edital para a inscrição de quem não fosse ouvinte na modalidade de certificação em tradução e interpretação Libras-Português, como mostra o edital de 2006 (MEC/INES/UFSC, 2006, p. 1):

> 1.2 - Poderão se inscrever no Prolibras para a certificação de proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras:
>
> a) ouvintes fluentes em Libras, com escolaridade de nível superior; e
> b) ouvintes fluentes em Libras, com escolaridade de nível médio.

A partir de 2007, no 2° ProLibras, houve mudanças, podendo-se identificar a inscrição de candidatos surdos para a prova em tradução e interpretação em Libras-Português:

> 1.2 - Poderão se inscrever no Prolibras para a Certificação de Proficiência em tradução e interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras, conforme Decreto 5626/05:
>
> a) Fluentes em Libras, com nível superior completo.
> b) Fluentes em Libras, com nível médio completo.
>
> 1.3 - Para as categorias a e b constantes dos itens 1.1 e 1.2, poderão inscrever-se pessoas surdas ou ouvintes. (EDITAL N°05/COPERVE, 2007, p. 1).

Entretanto, nenhum candidato surdo foi aprovado nessa edição e na seguinte. Nas provas dos anos de 2006, 2007 e 2008 não foram encontrados os detalhes da prova prática, apenas estes itens:

> 3.11.3 - A duração da prova prática para os participantes que se enquadrem no item 1.2. deste Edital será de 10 minutos, para cada participante, dos quais 5

> minutos para a interpretação da língua brasileira de sinais para o português e 5 minutos do português para a língua brasileira de sinais, de textos produzidos de acordo com o nível do intérprete. (EDITAL N° 13/COPERVE, 2006, p. 5).
>
> 3.11.9.1 - Esta prova terá a duração de 15 (quinze) minutos, dos quais até 5 (cinco) minutos para a apresentação pessoal, aproximadamente 5 (cinco) minutos para interpretação/tradução da Língua Brasileira de Sinais para o Português e aproximadamente 5 (cinco) minutos do Português para a Língua Brasileira de Sinais, de textos produzidos de acordo com o nível (médio ou superior) para o qual o participante se inscreveu. (EDITAL 05/COPERVE, 2007, p. 6)
>
> 3.18.8.1 - Esta prova terá a duração de 15 (quinze) minutos, dos quais até 5 (cinco) minutos para a apresentação pessoal, aproximadamente 5 (cinco) minutos para interpretação/tradução da Libras para o Português e aproximadamente 5 (cinco) minutos para interpretação/tradução do Português para a Libras, de textos produzidos de acordo com o nível (médio ou superior) para o qual o participante se inscreveu. (EDITAL N° 05/COPERVE, 2008, p. 6).

E, provavelmente, a exigência de que o candidato fizesse a interpretação de língua vocal[5] para língua sinalizada e vice-versa, pode ter gerado situações inesperadas e constrangedoras. As provas práticas eram realizadas através de DVDs:

> 4.8 - Em nenhuma hipótese, devido às características do Prolibras, haverá vistas, revisão ou recontagem de pontos das provas. Não serão fornecidos originais ou cópias dos cartões-resposta e dos DVDs contendo as provas práticas. (EDITAL N° 13/COPERVE, 2006, p. 7; EDITAL 05/COPERVE, 2007, p. 7; EDITAL N° 05/COPERVE, 2008, p. 7).

Logo, em 2009, no 4° ProLibras, a metodologia da prova prática foi mudada, podendo os candidatos surdos fazerem a tradução do português escrito para Libras e vice-versa. Segundo os relatórios técnicos do ProLibras 2009 e 2010, passou-se a contar com a realização de prova prática escrita para os candidatos surdos inscritos para a Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras. De acordo com os relatórios, isso tem como objetivo cobrir uma lacuna de interesse não contemplada nos exames anteriores. Temos a seguinte informação registrada nos editais de 2009 e de 2010, mas não encontramos maior detalhamento da questão:

---

[5] Para nos referirmos às línguas, em relação à sua modalidade, empregaremos os termos língua vocal em contraposição à língua gestual ou de sinais. O termo oral (assim como escrito/a) serão usados para nos referirmos às línguas, em relação à sua modalidade de uso. Assim, utilizaremos o termo oral como oposto à escrita e vocal como oposto ao gestual.

> 3.6.8.2 – Os participantes surdos que se inscreverem para certificação de proficiência em tradução e interpretação poderão optar, no momento da inscrição, por realizar a tradução de português escrito para Libras e de Libras para português escrito. (EDITAL N° 07/COPERVE/2009, p. 7; EDITAL 03/COPERVE/2010, p. 8).

Ao analisarmos os editais posteriores ao de 2010, vemos que, no edital de 2012, há uma descrição sobre como os candidatos surdos realizariam a prova prática:

> 4.7.3. Para candidatos surdos:
> 4.7.3.1. a **tradução** da Libras para a Língua Portuguesa será realizada na forma escrita, e será registrada em formulário específico fornecido pela COPERVE/UFSC.
> 4.7.3.2. a **interpretação** de Língua Portuguesa para Libras será realizada a partir de um texto escrito em Língua Portuguesa. Após a leitura do texto, o candidato fará a tradução para Libras, sendo sua participação registrada nos termos do item 4.3 deste Edital. O candidato poderá ler o texto quantas vezes desejar, respeitado o tempo de prova determinado. (EDITAL INES Nº 8/2012, p. 7).

No item 4.7.3.1., o modo de "tradução" seria uma tradução à prima vista da modalidade oral para a escrita na direção Libras em vídeo para português escrito. E no item 4.7.3.2., o modo de "interpretação" seria uma forma de interpretação sintética à prima vista, do texto em português na modalidade escrita para a Libras na modalidade oral. No edital de 2015, repetiram-se os mesmos itens de edital de 2012, só que a palavra "interpretação" foi substituída por "tradução" no item 4.7.3.2.:

> 4.7.3. Para participantes surdos:
> 4.7.3.1. a **tradução** da Libras para a Língua Portuguesa será realizada na forma escrita, e será registrada em formulário específico fornecido pela COPERVE/UFSC.
> 4.7.3.2. a **tradução** da Língua Portuguesa para a Libras será realizada a partir de um texto escrito em Língua Portuguesa. Após a leitura do texto, o participante fará a tradução para a Libras, sendo sua participação registrada nos termos do item 4.3 deste Edital. O participante poderá ler o texto quantas vezes desejar, respeitado o tempo de prova determinado. (EDITAL INES - UFSC Nº 01/2015, p.7)

É interessante notar que as habilidades e os conhecimentos requeridos nesse tipo de atuação tradutória é bem específico, diferenciando-se significativamente do tipo de avaliação dos ouvintes, os quais realizam uma interpretação simultânea da Libras em vídeo para o português falado (vocalização) e do português falado para a Libras (sinalização), sendo que

todo o processo avaliativo envolve somente a modalidade oral das línguas em questão. No edital de 2012, descreve-se a maneira como os candidatos ouvintes realizariam a prova prática:

> 4.7.2. Para candidatos ouvintes:
> 4.7.2.1. a **tradução** da Libras para a Língua Portuguesa será simultânea e na forma oral, sendo a interpretação do candidato registrada nos termos do item 4.3 deste Edital.
> 4.7.2.2. a **interpretação** de Língua Portuguesa para Libras será simultânea e registrada nos termos do item 4.3 deste Edital. (EDITAL Nº 8/2012, p. 7).

No item 4.7.2.1., é possível inferir com base na descrição apresentada que o termo mais adequado seria "interpretação" e não "tradução". Ainda que o uso desses termos não seja sustentado pela área dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Interpretação, acreditamos que o seu uso se deva à necessidade de afirmar que o ProLibras certificaria para a tradução e para a interpretação, ainda que na prática não sejam essas, de fato, as modalidades avaliadas.

Segundo Pagura (2003), embora não haja dúvidas de que a interpretação envolva um processo de tradução, os termos "tradução" e "interpretação" se referem a duas atividades diferentes. Na atividade de interpretação, "tem de ter pleno domínio das formas de expressão oral". Por outro lado, na atividade de tradução, o processo é na forma escrita, podendo "ser interrompido para a consulta de dicionários, enciclopédias, *sites* da Internet e uma infinidade de obras de referência" (PAGURA, 2003, p. 210 e p. 226). Se o modo é simultâneo, pressupõe-se que a atividade é de interpretação ou, em algumas exceções envolvendo o texto escrito, de tradução/interpretação à prima vista.

Vemos que no edital de 2015, o termo "tradução" foi substituído pelo termo mais adequado, ou seja, "interpretação":

> 4.7.2. Para participantes ouvintes:
> 4.7.2.1. a **interpretação** da Libras para a Língua Portuguesa será simultânea e na forma oral, sendo a interpretação do participante registrada nos termos do item 4.3 deste Edital.
> 4.7.2.2. a **interpretação** da Língua Portuguesa para a Libras será simultânea e registrada nos termos do item 4.3 deste Edital. (EDITAL Nº 01/2015, p.7)

Retomando a questão dos candidatos surdos no ProLibras, temos que dos 528 surdos inscritos para a avaliação em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras, desde quarta edição de ProLibras, 109 foram aprovados e receberam sua certificação.

O crescimento exponencial da participação de surdos no ProLibras na modalidade de tradução e interpretação de Libras-Português evidencia, entre outros, o interesse dos surdos em se certificarem como tradutores e intérpretes. Esse fato mostra certa mudança de concepção em relação à possibilidade de os surdos também atuarem como profissionais da tradução e da interpretação. Para além do contexto brasileiro, temos diversas ações voltadas à formação e à certificação de intérpretes surdos, algumas delas especificamente pensadas e voltadas a esse público. Vale destacar que grande parte dos estudos sobre a atuação e a formação de tradutores e de intérpretes surdos de línguas de sinais têm sido produzida na América do Norte e na Europa.

Além do ProLibras, temos em âmbito nacional o reconhecimento do profissional surdo apenas como intérprete de línguas de sinais por meio do Decreto nº. 5.626/2005. Vejamos o que diz o capítulo V do Decreto, que trata da formação dos tradutores e intérpretes:

> Art. 19. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja pessoas com a titulação exigida para o exercício da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, as instituições federais de ensino devem incluir, em seus quadros, profissionais com o seguinte perfil:
> I - profissional ouvinte, de nível superior, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação em instituições de ensino médio e de educação superior;
> II - profissional ouvinte, de nível médio, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação no ensino fundamental;
> **III - profissional surdo, com competência para realizar a interpretação de línguas de sinais de outros países para a Libras, para atuação em cursos e eventos**. (grifos meus).

É interessante notar que nos itens I e II, que tratam dos profissionais ouvintes atuantes como tradutores e/ou intérpretes, há a exigência da aprovação em exame de proficiência para a atuação, ou seja, é indispensável a certificação oferecida pelo ProLibras. Entretanto, no item III, que trata da atuação do profissional surdo como intérprete, há uma referência estrita a interpretação das línguas de sinais de outros países para a Libras, excluindo, de certa maneira, a atuação do profissional surdo como tradutor e intérprete no par linguístico Libras-Português, inclusive no campo da educação. É relevante observar que no item III não há referência à atuação do intérprete surdo na educação, mas apenas em cursos e eventos, ou seja, em contextos de conferência, que envolvem outra língua de sinais além da Libras. Assim, a visão do Decreto limita a atuação do profissional surdo a interpretação intramodal gestual-visual.

Em seguida, discuto alguns pontos que considero centrais: (1) o significado de tradutor surdo e o de intérprete surdo; (2) a história da atuação de surdos como tradutores e intérpretes no contexto internacional e no contexto brasileiro, segundo as publicações acadêmicas; (3) as perspectivas dos autores-pesquisadores sobre a atuação de surdos como intérpretes e como tradutores; (4) a formação de profissionais surdos para atuar na tradução e na interpretação; e (5) a análise das publicações acadêmicas sobre tradutores e/ou intérpretes surdos nos contextos internacional e nacional, do final da década de 1980 ao ano de 2017, com base em seu mapeamento.

Ao tratar dos *Processos tradutórios e interpretativos*, apresento: (1) a modalidade de língua como um aspecto central para tradução e interpretação envolvendo línguas de sinais; (2) a distinção entre os processos de tradução e de interpretação; (3) as distintas tarefas de tradutores e de intérpretes; e (4) a singularidade da atuação dos profissionais surdos na interpretação e na tradução em comparação com os profissionais ouvintes.

Em sequência, realizo uma discussão acerca da metodologia de pesquisa: (1) a aplicação de questionários aos tradutores e aos intérpretes surdos, com o intuito de traçar o seu perfil e experiência nesse tipo de atividade e de selecionar os participantes da pesquisa empírico-experimental; (2) a realização de entrevistas semiestruturadas para ampliar a compreensão acerca dos aspectos operacionais e cognitivos que envolvem a realização da interpretação interlíngue intramodal gestual-visual, ou seja, aquela que ocorre entre duas línguas de sinais; e (3) a construção de um desenho experimental para a coleta e análise de dados processuais decorrentes da interpretação simultânea intramodal gestual-visual realizada por intérpretes surdos de ASL-Libras.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA TEMÁTICA

Como mencionado acima, atualmente, nota-se a atuação cada vez mais crescente de surdos como intérpretes, tradutores e guias-intérpretes em contextos comunitários, em instituições educacionais, em eventos nacionais e internacionais e, inclusive, em espaços acadêmicos. Contudo, sua atuação parte, basicamente, de sua fluência nas línguas envolvidas no processo tradutório/interpretativo e não do fato de serem profissionais do ramo. O que acontece é que, sem uma formação acadêmica específica para atuar como tradutores/intérpretes/guias-intérprete, esses surdos têm assumido esses postos de trabalho e se

“formado” por meio da prática, de maneira empírica, assim como ocorreu com os primeiros intérpretes ouvintes de línguas de sinais (QUADROS, 2004; SANTOS, 2010; RODRIGUES, BEER, 2015).

Essa não formação específica para os surdos atuarem como profissionais da área da tradução e da interpretação de línguas de sinais decorre de diferentes fatores históricos e sociais. Nos cursos superiores brasileiros voltados à formação de tradutores e de intérpretes de línguas de sinais, os desenhos curriculares desses cursos estão construídos objetivando a formação de ouvintes que atuarão como *tradutores e intérpretes intermodais* de Libras-Português na viabilização do acesso dos surdos às diversas esferas e âmbitos sociais (QUADROS, STUMPF, 2014; RODRIGUES, 2018c).

Consideramos que a atualidade da temática que se propõe pesquisar é inegável, assim como sua importância social e relevância acadêmica. Vale mencionar que, hoje, nos contextos norte-americano e europeu, já encontramos estudos sobre a atuação de surdos, principalmente, na interpretação intramodal, e, inclusive, como mostram os escritos de Adam et al. (2014), no contexto norte-americano, e os de Lindsay (2016), no contexto europeu, já existem ações formativas para que surdos possam se preparar antes de atuarem como tradutores/intérpretes.

De qualquer modo, embora já haja inúmeros estudos específicos, realizados no contexto brasileiro, sobre os aspectos operacionais e cognitivos nos processos tradutórios e interpretativos interlíngues intermodais, não se encontram muitos voltados aos aspectos característicos dos *processos interpretativos interlíngues intramodais gestuais-visuais* (ou mesmo dos intralíngues intramodais gestuais-visuais). O número de pesquisas sobre a tradução e a interpretação intermodal (de línguas vocais para línguas de sinais e vice-versa) é bem mais significativo que o de pesquisas envolvendo a tradução e/ ou a interpretação interlíngue intramodal (entre duas línguas de sinais diferentes, de mesma modalidade). É importante mencionar que essa mesma diferença ocorre em relação aos tradutores e intérpretes ouvintes intermodais e os tradutores e intérpretes surdos intermodais e intramodais.

Uma leitura do trabalho de Santos (2013), que apresenta uma análise de teses e dissertações sobre tradução e interpretação de línguas de sinais produzidas no Brasil entre 1990 e 2010, e do de Pereira (2008), que apresenta as pesquisas sobre tradução e intepretação de línguas de sinais, evidencia o crescimento das pesquisas em tradução e interpretação intermodal de Libras-Português no Brasil. No contexto internacional, vemos também o aumento gradual

das pesquisas, como apresentado por Grbic (2007) em seu mapeamento de pesquisas sobre a interpretação intermodal de língua de sinais entre 1970 e 2005.

Considerando a carência de pesquisas brasileiras sobre (i) o processo de tradução e interpretação intramodal gestual-visual e (ii) a atuação do tradutor e do intérprete surdo na tradução/interpretação entre duas línguas de sinais, estabelecemos as seguintes **questões norteadoras**:

> Como intérpretes interlíngues intramodais surdos realizam a interpretação entre duas línguas de mesma modalidade, no caso de uma língua gestual-visual estrangeira (ASL) para a sua língua gestual-visual nacional (Libras)? Quais são os aspectos operacionais e cognitivos que caracterizam esse processo e que balizam e direcionam a solução de problemas e as de tomadas de decisão?

Os processos intramodais gestuais-visuais, embora ocorram numa mesma modalidade de língua, também envolvem diferenças linguísticas, culturais e sociais, o que nos leva a concluir que há aspectos operacionais e cognitivos similares aos que caracterizam a interpretação intermodal (i.e., entre uma língua vocal e outra gestual), assim como congruentes com as características da interpretação intramodal entre duas línguas vocais-auditivas. Para além das similitudes, esperamos encontrar aquelas diferenças que tornam os processos intramodais gestuais-visuais singulares em relação aos demais, ao mesmo tempo em que investigamos a *performance* dos surdos nesse processo.

Com base em nossos estudos iniciais, estabelecemos a seguinte **hipótese**:

> **H**: As características operacionais e cognitivas dos processos intramodais gestuais-visuais diferenciam-se substancialmente das dos processos intramodais vocais-auditivos, aproximando-se das características dos processos intermodais e, ao mesmo tempo, afastando-se delas por envolver apenas uma modalidade de língua, que no caso é recebida apenas pela visão. Nesse sentido, as tomadas de decisão e solução de problemas serão impactadas tanto pela modalidade de língua quanto pelo fato de ocorrer numa mesma modalidade.

Espera-se que, além da contribuição científica, essa dissertação possa incentivar estudos sobre a tradução e a interpretação intramodal gestual-visual e levar ao reconhecimento e à valorização da profissão de tradutor e de intérprete surdo de línguas de sinais, favorecendo, inclusive, novas perspectivas formativas e profissionais para os surdos que têm feito da tradução e da interpretação seu campo de trabalho.

2.2 O QUE SE PRETENDE COM O ESTUDO

No que se refere às pesquisas sobre o processo de interpretação, existem diferentes estudos internacionais sobre os processos interpretativos intermodais, envolvendo uma língua de modalidade vocal-auditiva e outra de modalidade gestual-visual (ISHAN, LANE, 1993, 1994; PADDEN, 2000; SWABEY, NICODEMUS, 2011, entre outros), os quais demonstram alguns aspectos operacionais e cognitivos desse tipo de processo tradutório. Temos também uma tese de doutorado de Eileen M. Forestal (2011), *Deaf Interpreters: Exploring Their Processes Of Interpreting*[6] abordando o processo tradutório interlíngue intermodal (da Língua de Sinais Americana para inglês escrito) dos intérpretes/tradutores surdos, logo nessa tese foram realizados os Protocolos Verbais Retrospectivos (TAPs).

No Brasil, encontramos também estudos envolvendo a interpretação entre a Libras e o Português (RODRIGUES, 2012a, 2013a, 2013b, 2014; SILVÉRIO et al., 2012; LOURENÇO, 2015; RODRIGUES, MEDEIROS, 2016; NOGUEIRA, 2016, dentre outros). Por outro lado, mesmo no cenário internacional, existem poucos estudos com foco na tradução intramodal (BOUDREAULT, 2005; ADAM et al., 2014). E, no contexto brasileiro, não encontramos nenhum estudo específico apresentando os aspectos cognitivos e operacionais do processo interpretativo que se dá entre duas línguas de sinais.

Além disso, a maioria dos estudos sobre a interpretação intermodal aborda um processo que ocorre desde a primeira língua dos intérpretes — sua língua materna, nesse caso, o Português — para a sua segunda língua (nesse caso, a Libras): uma espécie de inversão da direcionalidade, já que, ao invés de ocorrer como comumente com os demais processos tradutórios interlinguais intramodais vocais-auditivos, da L2 para L1, de B para A, faz o caminho contrário (i.e., da L1 para a L2/ de A para B) (NICODEMUS, EMMOREY, 2013; RODRIGUES, 2018a).

Portanto, a proposta que apresentamos é de investigar a interpretação direta, ou seja, da língua estrangeira (no caso, a ASL) para a língua materna dos intérpretes surdos (no caso, a Libras), com o intuito de conhecer os aspectos gerais que a caracterizariam (i.e., interpretação direta ASL-Libras — da L2 para a L1/ de B para A). Todavia, em alguns casos de intérpretes surdos, a Libras não é a sua língua materna. Pode-se considerar que "afirmar que a Libras é a língua materna do surdo é complexo e controverso, pois não se sabe qual é o contexto linguístico

[6] http://www.diinstitute.org/wp-content/uploads/2012/07/Forestal_Dissertation.pdf

familiar em que este surdo se insere" (AMORIM, 2014, p. 32). Independente disso, consideraremos a Libras, a primeira língua (L1) ou a língua materna dos surdos, já que entendemos que essa é a "língua de conforto" que é "aquela em que o sujeito sente-se inteiramente à vontade, a língua em que lhe é permitido transitar, sem limitações, entre as esferas sociais" (AMORIM, 2014, p. 32).

Então, o **objetivo geral** da pesquisa[7] foi conhecer e analisar os aspectos operacionais e cognitivos que caracterizam os processos interpretativos interlinguísticos intramodais, envolvendo uma língua estrangeira e uma língua materna, ambas de modalidade gestual-visual, realizados por intérpretes surdos. Com esse objetivo, espera-se desenvolver: (i) revisão bibliográfica de textos que abordam o tradutor e/ou o intérprete surdo, inclusive aqueles com foco na atuação intramodal gestual-visual e/ou que descrevem os processos intramodais; (ii) descrição e reflexão sobre o caráter de processos tradutórios e interpretativos interlinguísticos em relação à modalidade das línguas envolvidas; (iii) categorização dos tipos de processos tradutórios e interpretativos em relação à modalidade das línguas envolvidas, seguindo as perspectivas que vem sendo desenvolvidas por Rodrigues (2018b); (iv) descrição do processo interpretativo intramodal gestual-visual realizado por surdos da língua estrangeira (i.e., ASL) para a língua materna (i.e., Libras), da L2 para L1, da língua B para língua A; e, por fim, (v) identificação e análise dos aspectos operacionais e cognitivos que caracterizam esse processo intramodal, em relação às estratégias empregadas para a solução de problemas e para as tomadas de decisão.

[7] Aprovação do Comitê de Ética – CEPSH-UFSC sob o número CAAE 85353918.6.0000.0121.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta parte, apresentamos as bases teóricas e diversas perspectivas sobre os tradutores e intérpretes surdos no campo da tradução e da interpretação de línguas de sinais. Ela se divide em três partes: (i) a história do surgimento intérpretes e/ou tradutores surdos no mundo e no Brasil, seguindo as publicações acadêmicas no Brasil e internacionalmente, do final da década de 1980 ao ano de 2017; (ii) o significado de tradutor e/ou intérprete surdo e as perspectivas dos pesquisadores sobre sua atuação tradutória/interpretativa; e (iii) a formação acadêmico-profissional dos surdos como tradutores e intérpretes de línguas de sinais no mundo.

3.1 O RECONHECIMENTO DO INTÉRPRETE E DO TRADUTOR SURDO

De acordo com os relatos de Quadros (2004) sobre a história do profissional tradutor e intérprete de língua de sinais, apresentados em um livro que se tornou referência para muitos tradutores e intérpretes brasileiros, temos registros da atuação de intérpretes ouvintes de língua de sinais no século XIX, tanto na Suécia (NILSSON, 1997) quanto nos Estados Unidos (QUIGLEY, 1965). Entretanto, a autora não considera a atuação de tradutores ou intérpretes de línguas de sinais anteriores ao século XIX nem menciona a atuação de tradutores e intérpretes surdos.

No Brasil, encontramos alguns registros da atuação de surdos como intérpretes. Alguns pesquisadores (CAMPELLO, 2014; SIQUEIRA, 2015a, 2016b; SILVEIRA, 2017) atribuem a Flausino José da Gama, surdo, o mesmo autor de *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (1875), a função de intérprete, mas, segundo Felipe (2000) e Sofiato e Reily (2011), no período de 1871 a 1878, Flausino José da Gama atuava como "repetidor" (termo usado pelos autores) nas salas de aula do Imperial Instituto de Surdos Mudos, atualmente conhecido como Instituto Nacional de Educação dos Surdos — INES. Nas palavras das autoras, "pudemos verificar que a função de repetidor era muito mais abrangente que um 'mero' instrutor de língua de sinais". (SOFIATO, REILEY, 2011, p. 636).

Uma breve reflexão sobre a função exercida por Flausino, denominada de repetidor, nos permite questionar se o trabalho realizado por ele pode de fato ser caracterizado como uma "tradução", no sentido específico da palavra. Se como explica Rocha (2007), a função de

repetidor, em seu sentido estrito, era assistir a aula e retransmiti-la (repetir) em outro momento aos alunos, Flausino provavelmente "aprendia" em uma língua e ensinava em outra. Considerando-se isso, não temos elementos suficientes para dizer que a função docente exercida por Flausino consistia de fato em uma tradução de conteúdos para a Libras. Parece mais sensato considerarmos que a atividade de repetidor está mais próxima à atividade de um professor do que propriamente a de um intérprete ou tradutor de línguas de sinais. De qualquer maneira, nos faltam dados mais precisos sobre as características dessa atividade.

É provável que vários surdos tenham atuado como tradutores e intérpretes durante a história do INES, realizando a mediação comunicativa entre surdos e ouvintes. Todavia, não possuímos registros conhecidos dos primórdios desse tipo de atuação no contexto nacional, salvo a atribuição da função de intérprete ao repetidor Flausino José da Gama. Por outro lado, Campello (2014) faz referência à presença de um intérprete surdo de ASL-Libras no II Congresso Latino Americano de Bilinguismo para Surdos, realizado, em 1993, na Universidade Federal de Rio de Janeiro (UFRJ). Poderíamos dizer que esse seria um dos primeiros momentos registrados, no contexto brasileiro, de um intérprete surdo atuando na interpretação intramodal gestual-visual em um espaço acadêmico.

O primeiro registro conhecido de uma pessoa surda trabalhando como "intermediador linguístico" (minha tradução para *language broker*), data de 1684 e está em um escrito citado por Carty, Macready e Sayers (2009, p. 309-313), o qual conta a história de como Matthew Pratt, de Massachussetts, o marido de Sarah Pratt, ambos surdos, realizou uma "tradução" à primeira vista escrita das respostas dadas por Sarah em língua de sinais durante seu diálogo na igreja. Portanto, assim como afirma Boudreault (2005), essa atuação ocorreu muito antes de qualquer tipo de reconhecimento ou de busca pela certificação profissional de intérpretes/tradutores surdos.

A primeira certificação profissional de intérpretes surdos de que se têm registros ocorreu, em 1998, no contexto norte-americano. Denominada de *Certified Deaf Interpreter* [8] (CDI, em Português, Certificação de Intérprete Surdo), essa certificação foi criada pelo *Registry of Interpreters for the Deaf* [9] (RID, em Português, Registro de Intérpretes para Surdos), uma organização de intérpretes para surdos, fundada em 1964 nos Estados Unidos. Desde então, é

[8] https://www.rid.org/rid-certification-overview/available-certification/cdi-certification/
[9] https://www.rid.org/

possível encontrar publicações acadêmicas, sobretudo em inglês, citando a atuação de intérpretes e/ou tradutores surdos.

Encontramos 70 publicações acadêmicas, desde 1988 até 2015 (principalmente, em inglês), disponibilizadas no *site* do *Deaf Interpreter Institute*[10] (em Português, Instituto de Intérpretes Surdos). No quadro elaborado por nós, apresentamos alguns dos principais textos, no contexto internacional, que citam a atuação do intérprete e/ou tradutor surdo, em ordem cronológica, antes da implementação da primeira certificação profissional de intérpretes surdos, em 1998 (CDI-RID), com os seus cursos especificamente direcionados aos surdos.

QUADRO 01 – Publicações em âmbito internacional

ANO/TIPO	TÍTULO	AUTOR	DESCRIÇÃO
1988 Artigo	*Interpreting for minimally linguistically competent individuals.*	**NEUMANN**, Solow	Explica os benefícios de ter um intérprete surdo na equipe de intérpretes ouvintes nos serviços de interpretação.
1990 Capítulo	*Introduction to interpreting.*	**FRISHBERG**, Nancy	Descreve os papéis dos intérpretes surdos trabalhando com surdocegos e com surdos com habilidades linguísticas limitadas.
1992 Capítulo	*Relay interpreting in the 90's.*	**BIENVENU**, M. J. **COLONOMS**, Betty	Fornece uma visão geral da interpretação *relay* com surdos, incluindo o processo e as habilidades necessárias para ser um intérprete relé e para ensinar eficazmente aos intérpretes relés, assim como considerações éticas e legais.
1992 Artigo	*Deaf Interpreters*	**COLLINS**, Steve **ROTH**, Holly P.	Fornece uma visão geral dos intérpretes surdos, incluindo como e em que situações eles trabalham.
1994 Artigo	*Team interpreting: Deaf and hearing interpreters as allies.*	**SANDEFUR**, Ruth	Trata da importância dos intérpretes ouvintes e surdos trabalhando juntos como uma equipe, bem como de os benefícios da equipe, com ênfase na confiança e no respeito.
1995 Artigo	*Dual interpretation and discourse effectiveness in legal settings.*	**WILCOX**, Phyllis	Fornece uma visão geral do conceito e desenvolvimento de intérpretes surdos no contexto jurídico.

Fonte: o autor com base nos dados do *Deaf Interpreter Institute*.

[10] http://www.diinstitute.org/

No âmbito nacional, embora não haja nenhum curso que ofereça a formação profissional em tradução e interpretação para surdos, encontramos certo reconhecimento da atuação de intérpretes surdos, assim como podemos ver no Decreto nº 5.626/2005 e na aplicação do ProLibras de tradução e interpretação para surdos. Considerando as publicações acadêmicas nacionais, até 2017, podemos citar as seguintes que tratam exclusiva ou diretamente da atuação e/ou formação dos tradutores e intérpretes surdos ou simplesmente faz menção a eles.

QUADRO 02 – Publicações em âmbito nacional

ANO/TIPO	TÍTULO	AUTOR	DESCRIÇÃO
2000 Dissertação	*Uma leitura da tradução de Alice no País das Maravilhas para a língua brasileira de sinais.*	**RAMOS**, Clélia R.	Descreve o processo de tradução de Alice no País das Maravilhas com a equipe de dois surdos bilíngues e dois intérpretes ouvintes.
2008 Artigo	*Interpretação Interlíngue: as especificidades da interpretação de Língua de Sinais.*	**PEREIRA**, Maria Cristina P.	Descreveu brevemente o que seria o intérprete interlíngue surdo.
2008 Capítulo	*Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: prática tradutórias do curso de Letras Libras.*	**QUADROS**, Ronice M. **SOUZA**, Saulo X.	Trata das práticas de tradução experimentadas pelos atores-tradutores surdos do curso de Letras Libras a distância.
2009 Dissertação	*A Questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do Curso de Letras-Libras da UFSC.*	**AVELAR**, Thaís F.	Aborda a padronização linguística de sinais pelos atores-tradutores surdos do curso de Letras Libras a distância.
2010 Dissertação	*Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual: Português brasileiro escrito para a Língua Brasileira de Sinais.*	**SEGALA**, Rimar	Apresenta uma análise da tradução intermodal a partir de exemplos de tradução realizados por uma equipe com surdos no contexto do Curso de Letras Libras EaD da UFSC.
2010 Dissertação	*Tradução para a Língua brasileira de Sinais: descrição de performances observadas no curso de Letras-Libras.*	**SOUZA**, Saulo X.	Aborda a tradução do português para a Libras realizada por uma tradutora-atriz do conteúdo de uma disciplina do Curso de Letras-Libras EaD da UFSC.
2011 Capítulo	*Surdos como intérpretes/tradutores: um sonho possível?*	**STROBEL**, Karin	Expõe os acontecimentos de outros surdos de atuarem como intérpretes/tradutores nos contextos comunitários, até de conferências.
2013 Texto em Anais	*O Surdo como Intérprete: o Intérprete Surdo nesse Novo Cenário da Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais.*	**ROCHA**, Weslei da S.	Trata da atuação de surdos como intérpretes e como guia-intérprete para os surdocegos.

2013 Texto em Anais	*O Surdo como intérprete.*	**REIS**, Flaviane	Aborda a atuação dos intérpretes surdos e seu reconhecimento, inclusive daqueles que interpretam de/para os Sinais Internacionais.
2013 Artigo	*Introdução da glosinais como ferramenta de tradução/interpretação das pessoas surdas brasileiras*	**CAMPELLO,** Ana Regina e Souza **CASTRO,** Nelson P.	Aborta o uso da metodologia, procedimento e instrumentos utilizados na glosinais como a ferramenta de tradução/interpretação pelos tradutores/intérpretes Surdos.
2014 Texto em Anais	*O desempenho do candidato surdo na prova do Prolibras/proficiência em tradução e interpretação de língua brasileira de sinais.*	**MORAIS**, Carla D. **SANTOS**, Saionara F.	Descreve os dados de candidatos surdos no ProLibras para proficiência em tradução e interpretação e cita a importância de romper a ideia de que o surdo não pode ser intérprete.
2014 Artigo	*Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução / interpretação cultural e seu desafio.*	**CAMPELLO**, Ana Regina e Souza	O artigo reflete sobre a constituição do campo da tradução/interpretação de línguas de sinais por intérpretes-atores surdos.
2015 TCC	*O papel do intérprete surdo.*	**SIQUEIRA**, Ricardo B.	Aborda o papel do intérprete surdo e analisa o surgimento de um profissional relativamente novo na área de tradução e interpretação de língua de sinais.
2016 Monografia	*De professor surdo à intérprete de Línguas de Sinais:* *dois perfis em um profissional surdo.*	**SIQUEIRA**, Ricardo B.	Relata as suas experiências pessoais enquanto intérprete e educador surdo.
2016 Dissertação	*Intercorrências da qualificação subjetiva dos Intérpretes de libras.*	**YATIM**, Nahla	Aborda a importância do intérprete surdo em relação ao público alvo da interpretação e sua preferência.
2017 Capítulo	*Intérprete surdo: conquistando espaço no campo de conferências no Brasil.*	**SILVEIRA**, Bianca	Apresenta um levantamento documental sobre a atuação de intérpretes surdos no Brasil entre 1999 e 2015, refletindo sobre os aspectos que os caracteriza.
2017 Artigo	*Tradução, criação e poesia: descortinando desafios do processo tradutório da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras)*	**NASCIMENTO**, Vinícius **MARTINS**, Vanessa R. de O. **SEGALA**, Rimar R.	Aborda a tradução de poesias, refletindo sobre a questão da modalidade de língua e da atuação de tradutores surdos.

Fonte: o autor

É importante explicar as decisões acerca de quais trabalhos ocupariam os quadros acima. Como não há formação específica no contexto brasileiro, não definimos um período específico. Portanto, identificamos a existência das 17 publicações acadêmicas nacionais tratando da atuação dos tradutores e intérpretes surdos, sendo a primeira do ano 2000. Entretanto, no contexto norte-americano, encontramos, em nosso levantamento, 70 publicações acadêmicas abordando a atuação dos tradutores e intérpretes surdos, no período de 1988 a 2015. E optamos por considerar para o quadro apenas aquelas publicações anteriores ao estabelecimento da primeira certificação profissional de intérpretes surdos, a qual aconteceu em 1998, inclusive com cursos especificamente direcionados aos surdos que queiram tornar-se intérpretes. Assim, no quadro de produções internacionais constam apenas as publicações feitas num intervalo de dez anos (1988 a 1998).

3.2 AS ÁREAS DE ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE SURDO

> Como uma pessoa Surda pode ser um intérprete de língua de sinais na sua própria Comunidade Surda? Não pode. Você é surdo![11]. (BOUDREAULT, 2005, p. 323, tradução minha).

Essa frase, que uso como epígrafe, está em um capítulo do livro *Deaf Interpreters* (em Português, Intérpretes Surdos) de Boudreault (2005). O assunto tratado nela gera dúvidas em muitas pessoas, de intérpretes profissionais ouvintes a comunidades surdas: *o surdo pode ser um intérprete de língua de sinais?*. Assim como anteriormente relatado na parte em que apresento minha trajetória, bem como por Strobel (2011) e Boudreault (2005), há várias situações em que surdos atuam como intérpretes de línguas de sinais. Nas palavras de Boudreault (2005),

> são muitas possibilidades de interpretação informal na comunidade surda em que alguns membros dessa comunidade possuem inúmeras habilidades para atuar como facilitadores da comunicação. O contexto pode ser a escola de Surdos, o local de trabalho ou quando há o encontro com profissionais ouvintes, tais como advogados, médicos etc. Este processo de IS [interpretação surda] pode envolver vocalização, gesticulação, escrita ou o uso de outras línguas de sinais.[12] (p. 324, tradução minha).

Vejamos o que diz Strobel (2011) no capítulo *Surdos como intérpretes/tradutores: um sonho possível?* do livro *Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações* sobre as possibilidades de atuação de surdos: (i) leitores e escritores surdos que ajudam os outros surdos explicando traduzindo os textos escritos; (ii) surdos que são bons-leitores-de-lábios ou oralizados que repassam, mesmo que parcialmente, os conteúdos comentados em reuniões, palestras, cursos, conversas particulares, etc.; (iii) viajantes surdos que interpretam as outras línguas de sinais e Sinais Internacionais (SI)[13] para amigos surdos

---

[11] *How can a Deaf person be a signed language interpreter in your own Deaf community? It can´t be. You´re Deaf!*

[12] *There are many possibilities for informal interpreting within the Deaf community where some members of the community possess numerous skills to act as communication facilitators. The context can be within a Deaf school, the workplace or when meeting professional hearing people such as lawyers, doctors, etc. This DI* [Deaf interpreting] *process can involve voicing, gesturing, writing, or using other signed languages.*

[13] Sinais Internacionais — Segundo a *World Federation of the Deaf*, os *sinais internacionais* (SI) são considerados um sistema de comunicação usado em encontros e eventos internacionais. Não é considerada uma língua, já que possui um vocabulário limitado e não possui uma gramática.
Cf. http://wfdeaf.org/news/resources/perspectives-on-the-concept-and-definition-of-international-sign/

que os acompanham; (iv) surdos que interpretam para outros surdos que não compreendem os intérpretes ouvintes, usando sinais caseiros, dramatizações, registros simplificados ou a língua de sinais etc.; e (v) amigos surdos que se oferecem para espelhar a língua de sinais dos intérpretes para surdocegos.

Segundo Boudreault (2005) e Stone (2009), dentre outros, mesmo que não percebamos, os surdos têm sido pioneiros no exercício da interpretação e da tradução de/para as línguas de sinais. Eles atuaram e muitos ainda atuam "de forma voluntária" como intérpretes, tradutores e guias-intérpretes para outros surdos com os mais diversos níveis de proficiência linguística, incluindo aqueles com acesso restrito à aquisição de língua de sinais, aqueles com deficiências visuais (i.e., surdocegos e surdos com baixa visão), frequentemente estando presentes em diversos contextos.

Enfim, o que significa ser um *intérprete e/ou tradutor surdo*? Para uma primeira conceituação, utilizaremos a definição contida no *site* do *Deaf Interpreter Institute*, no qual lemos que

> um intérprete Surdo é um especialista que oferece serviços de interpretação, tradução e transliteração em língua de sinais americana [ou qualquer outra língua de sinais] e outras formas de comunicação visual e tátil usadas por indivíduos que são surdos, que têm deficiência auditiva ou que são surdocegos. Como uma pessoa Surda, o intérprete Surdo parte de um conjunto distinto de experiências formativas linguísticas, culturais e de vida que permitem uma compreensão e uma interação variadas em um amplo leque de formas de linguagem e comunicação visuais influenciadas pela região, cultura, idade, alfabetização, educação, classe e saúde física, cognitiva e mental. Essas experiências, em conjunto com a formação profissional [existente apenas fora do Brasil] dão ao intérprete Surdo a capacidade de realizar uma comunicação bem-sucedida em todos os tipos de interações com interpretação, tanto comuns quanto de alto risco […].[14] (DEAF INTERPRETER INSTITUTE, 2018, tradução minha).

Como diz Boudreault (2005), o termo intérprete surdo é novo e, portanto, vemos que é muito recente nos campos dos Estudos da Tradução e dos da Interpretação, inclusive nos

---

[14] *A Deaf Interpreter is a specialist who provides interpreting, translation, and transliteration services in American Sign Language and other visual and tactual communication forms used by individuals who are Deaf, hard-of-hearing, and Deaf-Blind. As a Deaf person, the Deaf Interpreter starts with a distinct set of formative linguistic, cultural, and life experiences that enables nuanced comprehension and interaction in a wide range of visual language and communication forms influenced by region, culture, age, literacy, education, class, and physical, cognitive, and mental health. These experiences coupled with professional training give the Deaf interpreter the ability to effect successful communication across all types of interpreted interactions, both routine and high risk* [...]

Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais. Entretanto, embora o uso do termo esteja ganhando mais visibilidade recentemente, a atuação dos intérpretes surdos não é tão recente e tem sido essencial à interação entre comunidades surdas e ouvintes, assim como entre diferentes comunidades surdas sinalizantes de distintas línguas de sinais.

No Brasil, assim como em outros países, os intérpretes surdos têm sido chamados, cada vez mais, para atuar em conferências internacionais, principalmente para realizar a interpretação entre duas línguas de sinais. Vale mencionar que, embora se destaque a figura do intérprete surdo, os tradutores surdos cada vez mais ganham visibilidade e conquistam reconhecimento.

3.3 A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS INTÉRPRETES SURDOS

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2017), atualmente mais de 5% de população mundial — 360 milhões de pessoas — têm perda de audição e a maioria das pessoas com deficiência auditiva vive em países de baixa e média renda. E, segundo o censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), há cerca de 9,7 milhões de brasileiros com deficiência auditiva. Deste total, cerca de 2 milhões possuem deficiência auditiva severa — 1,7 milhões têm grande dificuldade para ouvir e 344,2 mil não conseguem ouvir nada — e 7,5 milhões apresentam alguma dificuldade auditiva. No que se refere à idade, cerca de 1 milhão de pessoas com deficiência auditiva são crianças e jovens até 19 anos. O censo relevou também que o maior número de pessoas com deficiência auditiva, cerca de 6,7 milhões, está concentrado em áreas urbanas.

Esses dados, embora não se refiram diretamente às comunidades surdas sinalizantes, evidenciam que temos no Brasil um número considerável de pessoas com deficiência auditiva, dentre as quais encontramos as pessoas surdas sinalizantes. Considerando os dados da OMS e do IBGE, podemos dizer que há um significativo potencial de difusão e promoção das línguas de sinais, assim como de ampliação do campo da tradução e da interpretação de/entre/para línguas de sinais, inclusive do reconhecimento dos profissionais surdos atuando como tradutores, intérpretes e guia-intérpretes.

Baseado no artigo de Mathers (2009), que fala sobre os intérpretes surdos no contexto jurídico norte-americano, e considerando a atuação interpretativa de línguas de sinais em

contextos comunitários, em forma geral, e as comunidades surdas, vemos que o universo de pessoas surdas sinalizantes é bem diverso. Os surdos são diferentes entre si, como ocorre em qualquer comunidade e possuem distintas características, entre as quais podemos citar: deficiências; origem; apoio familiar; diagnósticos impróprios; socialização limitada na comunidade surda; educação precária; dificuldades cognitivas; atrasos de linguagem; doença mental; uso abusivo de substâncias químicas; residência na zona rural ou em localidades de baixa renda; conhecimento limitado da língua portuguesa; não formação no ensino médio ou fundamental; dependência de programas federais ou de seus familiares; competências linguísticas e conhecimento restritos; oportunidades limitadas de aquisição de Libras; isolamento social; etc.

Considerando, portanto, a realidade das comunidades surdas sinalizantes, em toda a sua pluralidade, assumimos que a formação de tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos é uma necessidade atual. É importante destacar o fato de que há muitos elementos culturais imbricados na tradução de/entre/para línguas de sinais e que, portanto, os intérpretes surdos são fundamentais por possuírem, em muitos casos, um senso mais apurado de suas culturas (BOUDREAULT, 2005; STONE, 2009).

Nos EUA, com o RID atuando na liderança e na defesa da excelência na prestação de serviços de interpretação (e, até mesmo, de transliteração[15]) entre pessoas sinalizantes, que usam línguas de sinais, e pessoas que usam línguas vocais, o crescimento da profissão através do estabelecimento de um padrão nacional para intérpretes qualificados de língua de sinais tem se difundido, assim como favorecido desenvolvimento profissional contínuo e adesão a um código de conduta profissional.

Existem os cursos de uma semana aos de dois anos que são específicos para os surdos que queiram se tornar intérpretes, como é o caso da formação oferecida pelo *National Consortium of Interpreter Education Centers* (NCIEC, em Português, Consórcio Nacional de Centros de Formação de Intérpretes). O seu currículo específico com seis módulos está disponível no *site* de *Deaf Interpreter Institute*[16].

---

[15] A transliteração é um processo em que sinais são usados para oferecer os conhecimentos aos usuários de um Sistema Sinalizado. Assim, transliteradores atuam com base numa única língua, aplicando a ela um sistema diferenciado. Por exemplo, utilizam um vocabulário adaptado da Libras para oferecer o Português visualmente em forma Português Sinalizado. O termo intérprete está reservado àqueles que trabalham entre duas línguas (ISHAM, 1998).

[16] http://www.diinstitute.org/learning-center/deaf-interpreter-curriculum/

O RID oferece os CDIs, assim como oferece a *National Interpreter Certification* (NCI, em Português, Certificação Nacional de Intérpretes) para os ouvintes atuarem como profissionais. A NCI é emitida a partir de exame para certificação. Vejamos suas regras:

> o teste consiste em 150 questões de múltipla escolha. Todas as questões são de igual peso e você receberá um ponto por cada resposta correta. Perguntas incorretas e não respondidas não recebem pontos. Você é incentivado a responder todas as perguntas, pois não há penalidade por respostas incorretas. O número total de respostas corretas obtidas é convertido em uma escala na qual as pontuações variam de 200 a 800. Você deve receber uma pontuação de 500 ou mais para passar no exame.[17] (CENTER FOR THE ASSESSMENT OF SIGN LANGUAGE INTERPRETATION, 2018, tradução minha).

No caso da certificação de intérpretes surdos (CDI) que desejam atuar como profissionais, temos o seguinte:

> o teste consiste em 100 questões de múltipla escolha. Todas as questões são de igual peso e você receberá um ponto por cada resposta correta. Perguntas incorretas e não respondidas não recebem pontos. Você é incentivado a responder todas as perguntas, pois não há penalidade por respostas incorretas. Você deve receber uma pontuação de 72 ou mais para passar no exame.[18] (CENTER FOR THE ASSESSMENT OF SIGN LANGUAGE INTERPRETATION, 2018, tradução minha).

É interessante notar que as formas de avaliação e certificação de intérpretes surdos e ouvintes é distinta. Entretanto, como nosso objetivo não é analisar esses exames de certificação, não nos ateremos aqui a essas questões. O que queremos é chamar atenção para o fato de que ambas certificações existem, sendo realizadas a partir de diferentes critérios avaliativos. Além disso, queremos destacar que a ênfase de ambas está na certificação de intérpretes e não de tradutores.

---

[17] *The test consists of 150 multiple-choice questions. All questions are of equal weight and you will receive one point for each correct answer. Incorrect and unanswered questions receive no points. You are encouraged to answer all questions since there is no penalty for incorrect answers. The total number of correct answers achieved is converted to a scale on which scores range from 200 to 800. You must receive a scaled score of 500 or better to pass the exam.* (Disponível em: http://www.casli.org/national-interpreter-certification-exam-nic/nic-knowledge-exam-details/ Acesso em 18 dez. 2018, tradução minha).

[18] *The test consists of 100 multiple-choice questions. All questions are of equal weight, and you will receive one point for each correct answer. Incorrect and unanswered questions receive no points. You are encouraged to answer all questions since there is no penalty for incorrect answers. You must receive a score of 72 or better to pass the exam.* (Disponível em: http://www.casli.org/national-interpreter-certification-exam-nic/nic-knowledge-exam-details/ Acesso em 18 dez. 2018, tradução minha).

Com base nos dados disponibilizados pelo RID[19] em seu *site*, numa pesquisa feita por nós no ano de 2018, encontramos mais de 4 mil intérpretes ouvintes certificados (NCI). Por outro lado, apenas 213 intérpretes surdos foram localizados com certificação (CDI). Esses dados mostram uma grande diferença no número de intérpretes ouvintes e surdos certificados e vinculados ao RID. Entretanto, os dados comprovam a existência e o reconhecimento dos surdos como profissionais da interpretação e de sua certificação.

Vale dizer que no Canadá também se reconhecem os intérpretes surdos (BOUDREAULT, 2005). No *site* da *Association of Visual Language Interpreters of Canada*[20] (AVLIC, em Português, Associação de Intérpretes de Língua Visual do Canadá), podemos localizar 813 intérpretes ouvintes que atuam entre ASL-Inglês e/ou LSQ[21]-Francês, destes 70 intérpretes possuem a certificação (i.e., COI, *Certificate of Interpretation*, em Português, Certificado de Interpretação). Em contraposição, localizamos 42 intérpretes surdos. Entretanto, nenhum deles possuía a certificação. Esses dados são bem parecidos aqueles que extraímos do *site* do RID.

Além do oferecimento de certificação, vale registrar a ampliação de pesquisas com os intérpretes surdos, as quais buscaram entender que semelhanças e diferenças existem entre eles e os intérpretes ouvintes de línguas de sinais. Em 2007, por exemplo, o NCIEC — uma organização de intérpretes com o objetivo de expandir e aumentar a formação e o desenvolvimento profissional nos EUA — realizou uma pesquisa com 196 intérpretes surdos questionando-os sobre suas áreas de atuação, sua relação com os intérpretes ouvintes e com seus clientes e também fez seis discussões em grupos focais com 26 intérpretes surdos problematizando suas experiências formativas, seus padrões e expectativas de atuação profissional e de mercado de trabalho (BRÜCK, SCHAUMBERGER, 2014).

Na Europa, encontramos o *ERASMUS+*, um programa da União Europeia que visa às oportunidades para a educação, formação, juventude e desporto. O programa tem um projeto chamado *Developing Deaf Interpreting*[22] (em Português, Desenvolvendo a Interpretação de Surdos) com cinco parceiros (*Hamburg University*, *Coimbra Polytechnic Institute*, *Humak*

---

[19] https://myaccount.rid.org/Public/Search/Member.aspx
[20] http://www.avlic.ca/about/members-directory
[21] LSQ – *Langue des Signes Québécoise* (Língua de Sinais do Quebec).
[22] https://www.deaf-interpreters.com/
https://www.up2europe.eu/european/projects/developing-deaf-interpreting_85647.html

University of Applied Sciences, *European Forum of Sign Language Interpreters* e *Danish Deaf Association*)[23]. O objetivo seria o de melhorar a qualidade, relevância e provisão de treinamento para intérpretes surdos na Europa. Ele está em atividade desde setembro de 2015, tendo sido concluído em agosto de 2018.

Nesse projeto, realizaram-se pesquisas fornecendo uma visão geral da situação atual da profissão de intérprete surdo na Europa (e.g., número de intérpretes surdos em países da Europa; oportunidade de formação para os intérpretes surdos em países da Europa; o tipo de trabalho realizado pelos intérpretes surdos; o acesso dos intérpretes surdos às Associações Nacionais de Intérpretes de Língua de Sinais; e o reconhecimento da profissão de intérprete surdo).

Através dos resultados de uma das pesquisas do *Developing Deaf Interpreting*, temos que a Alemanha, a França e o Reino Unido são os países que contam com maior número de intérpretes surdos, com mais de 16 intérpretes surdos cada um. Há oito países europeus que possuem mais de 10 intérpretes surdos e o resto tem entre 1 e 10 intérpretes surdos. De modo geral, considerando-se o apontado por Lindsay (2016), em relação aos dados dessa pesquisa, temos que na Europa existem mais de 190 e menos de 310 intérpretes surdos atuando em 28 países. Entretanto, não localizamos dados que demostrem objetivamente quantos intérpretes surdos possuiriam certificação e/ou formação.

Como não há formação específica para os intérpretes surdos no contexto brasileiro, apenas a certificação, não há como realizar uma estimativa de quantos intérpretes surdos formados existem atualmente no Brasil. Entretanto, se considerarmos o ProLibras, podemos afirmar que temos pelo menos 109 tradutores e/ou intérpretes surdos de Libras-Português no contexto brasileiro com certificação.

Além dos dados do ProLibras, temos algumas pesquisas que se referem à quantidade de intérpretes surdos no país. Em um texto publicado nos Anais do Congresso do INES, Reis (2013) registrou o seguinte: “o trabalho em equipe de Intérpretes Surdos no Brasil já tem uns 10 sujeitos como intérpretes surdos profissionais, são professores e pesquisadores que desenvolveram as competências para esse fim” (p. 162). Além dessa referência de Reis a dez intérpretes surdos que atuam em contextos internacionais interpretando entre a Libras e a ASL ou os SI, Silveira (2017) vai elencar 25 intérpretes surdos no contexto brasileiro, citando seus

[23] Universidade de Hamburgo, Instituto Politécnico de Coimbra, Universidade de Ciências Aplicadas de Humak, Fórum Europeu de Intérpretes de Língua de Sinais e Associação Dinamarquesa de Surdos.

nomes e as línguas com as quais trabalham, tendo um deles a certificação do ProLibras em Tradução e Interpretação. Para isso, ela considerou os eventos realizados entre 1999 e 2015 que contaram com a atuação de intérpretes surdos.

No *site* da *World Assocation of Sign Language Interpreters* (WASLI, em Português, Associação Mundial de Intérpretes de Línguas de Sinais), embora se mencionem os intérpretes surdos, não encontramos dados referentes a quantos intérpretes surdos estariam afiliados a ela. No Brasil, o mesmo se repete ao consultarmos o *site* da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils) e as associações de intérpretes vinculadas a ela. Somente localizamos a filiação de uma tradutora e intérprete surda na Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais, ACATILS. Nesse sentido, pode-se inferir que no contexto brasileiro os intérpretes surdos não possuem o mesmo reconhecimento por parte das entidades representativas dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais.

TABELA 02 – Quantidade de intérpretes e tradutores surdos

PAÍSES	INTÉRPRETES E TRADUTORES SURDOS
BRASIL	mais de 109
CANADÁ	mais de 40
ESTADOS UNIDOS	mais de 213
28 PAÍSES EUROPEUS	mais de 190 e menos de 310

Fonte: o próprio autor

Como menciona Rodrigues (2018c), há oito diferentes cursos de graduação nas universidades federais brasileiras visando à formação dos profissionais tradutores e intérpretes de Libras-Português, os quais possuem desenhos curriculares muito diferentes. O mais interessante é que há surdos que se inscreveram aos vestibulares para esses cursos de formação de tradutores e intérpretes, sendo que alguns ingressaram neles. Considerando esse fato, buscamos obter mais dados através do *Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão* (e-SIC)[24]. Enviamos pedidos de informação para as sete universidades federais sobre a quantidade de (1) candidatos surdos que se inscreveram aos vestibulares; (2) surdos que ingressaram nos cursos; e (3) egressos, surdos formados. Obtivemos dados de cinco dessas

[24] https://esic.cgu.gov.br/sistema/site/index.aspx

universidades[25]. Ainda que nem sempre esses dados tenham sido corretamente disponibilizados, buscamos estruturá-los e os apresentar aqui. Entretanto, é importante considerar que eles podem não ser de fato reais, já que muitas vezes as instituições enviam informações gerais com os todos candidatos incluindo "ouvintes", pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais, outros cursos de graduação, etc.

QUADRO 03 – Surdos candidatos, ingressantes e egressos nos cursos de formação de tradutores e intérpretes das universidades federais

1 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - EaD

ANO	CANDIDATOS	INGRESSANTES	EGRESSOS
2008	65	8	-
2012	-	-	3
2014	15	0	-
2016	22	0	-
2018	-	2*	-

* ingresso como retorno de graduado.

1 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Presencial

ANO	CANDIDATOS	INGRESSANTES	EGRESSOS
2009	5	3	-
2010	1	1	-
2012	3	1	-
2013	3	0	-
2014	5	7	-
2015	3	4	-
2016	3	1	-
2017	3	0	1
2018	1	1	1
2019	2	1	-

2 Universidade Federal de Rio de Janeiro (UFRJ)

ANO	CANDIDATOS	INGRESSANTES	EGRESSOS
2014	10	0	-
2015	1	0	-
2016	4	2	-
2017	1	0	-
2018	9	1	-
2019	5	0	-

3 Universidade Federal de Espírito Santo (UFES)

ANO	CANDIDATOS	INGRESSANTES	EGRESSOS
2014	4	1	-
2015	24	3	-
2016	14	5	-
2018	16	3	-

[25] A Universidade Federal de Goiás (UFG) informou não ter até 2018.2 nenhum candidato surdo ao curso e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) não respondeu.

4 Universidade Federal de Roraima (UFRR)

ANO	CANDIDATOS	INGRESSANTES	EGRESSOS
2014	6	2	-
2015	1	0	-
2016	0	0	-
2017	0	1	-
2018	1	0	1
2019	4	-	-

5 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

ANO	CANDIDATOS	INGRESSANTES	EGRESSOS
2014	X	0	-
2015	X	0	-
2016	X	1*	-
2017	X	0	-
2018	X	0	-

* inferimos que esse candidato não se identificou como surdo no processo seletivo ou ingressou por outro meio que não processo seletivo.

TOTAL		
CANDIDATOS	INGRESSANTES	EGRESSOS
231	48	6

Fonte: o autor com base nos dados recebidos via e-SIC e demais dados obtidos em *sites* e outros.

Embora não tenhamos as informações sobre todos candidatos surdos inscritos para os cursos de formação de tradutores e intérpretes de Libras-Português de todas as sete universidades brasileiras que oferecem essa graduação, temos pelo menos 231 candidatos surdos, se considerarmos os dados de 2008 a 2018. Além disso, vemos que 48 surdos ingressaram e que apenas seis concluíram a graduação. Destes 46, podemos inferir que aqueles que não constam como egressos (i) podem ainda estar estudando; ou (2) podem ter se transferido para outra graduação, como, por exemplo, a licenciatura em Letras Libras; ou (3) podem ter desistido do curso.

Esses dados são significativos, pois evidenciam que pelo menos seis surdos no contexto brasileiro se formaram na graduação como tradutores e intérpretes de Libras-Português. Por outro lado, esses cursos de graduação não são destinados à formação de tradutores ou intérpretes surdos e nem estão preparados para isso, já que visam à formação de um tradutor e intérprete generalista ouvinte que tenha o português como primeira língua e a Libras como segunda. Como aponta Rodrigues (2018c):

> […] a proposta político-pedagógica de algumas dessas graduações […] coloca a ênfase apenas na atuação do egresso como intérprete e/ou tradutor de Libras-Português, com destaque em muitos casos à atividade interpretativa em detrimento da tradutória. Portanto, fica claro que a formação proposta, em

> todos os cursos, não tem como ir além da formação de um profissional generalista que, nesse caso, tem como foco central a tradução e a interpretação de Libras-Português. (RODRIGUES, 2018c, p. 206 - 207)

Esse fato confirma a busca dos surdos pela formação para atuação como tradutores e intérpretes e atesta a necessidade urgente de se discutir as questões referentes a adequação dessas graduações aos estudantes surdos, no que se refere aos seus desenhos curriculares. Portanto, é importante que se possa pensar em uma formação na graduação direcionada aos surdos e, também, a formação do intérprete e do tradutor intramodal gestual-visual.

Além da formação do tradutor e intérprete generalista de Libras-Português na graduação, consideramos que é relevante a formação de pesquisadores surdos no campo dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS). Partindo do mapeamento realizado por Santos (2018), vemos a existência de programas de pós-graduação em Estudos da Tradução em quatro universidades federais: (i) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) — mestrado e doutorado —, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); (ii) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD) — mestrado —, da Universidade de Brasília (UnB); (iii) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POET) — mestrado —, da Universidade Federal do Ceará (UFC); e (iv) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (TRADUSP) — mestrado e doutorado —, da Universidade de São Paulo (USP)[26]. Considerando esses programas específicos, solicitamos informações sobre a quantidade de surdos matriculados ou egressos, também, através do *Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão* (e-SIC), a solicitação foi feita em 2018.

TABELA 03 – Surdos na pós-graduação em Estudos da Tradução da UFSC

NÍVEL	MATRICULADOS	EGRESSOS
Mestrado	7	20
Doutorado	6	1

Fonte: o autor com base nos dados recebidos via e-SIC e demais dados obtidos em *sites* e outros.

TABELA 04 – Surdos na pós-graduação em Estudos da Tradução da UFC

NÍVEL	MATRICULADOS	EGRESSOS
Mestrado	2	2

Fonte: o autor com base nos dados recebidos via e-SIC e demais dados obtidos em *sites* e outros.

[26] Não encontramos dados de surdos matriculados ou egressos no TRADUSP.

TABELA 05 – Quantidade de surdos na pós-graduação em Estudos da Tradução da UnB

NÍVEL	MATRICULADOS	EGRESSOS
Mestrado	9	1

Fonte: o autor com base nos dados recebidos via e-SIC e demais dados obtidos em *sites* e outros.

De modo geral, esse tipo de Pós-Graduação, como é o caso da PGET, "tem por objetivo a formação de pessoal para o exercício das atividades de pesquisa, tradução propriamente dita, e de magistério superior na área de tradução"[27]. Vemos que a PGET tem exercido um importante papel na formação de professores e pesquisadores surdos. É interessante registrar que o primeiro surdo ingressou na PGET em 2004 e produziu a dissertação intitulada: Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais e defendeu a dissertação em 2010. Atualmente, temos 23 mestres e um doutor surdo na área de Estudos da Tradução até o ano 2019.

Vale mencionar também que, nos últimos anos, os programas de Pós-Graduação em Estudos da Tradução dessas universidades, excluindo-se o da USP, tem recebido estudantes surdos. Nesse sentido, vemos que alguns editais fazem referência direta aos surdos. Na PGET, por exemplo, seu último edital (para ingresso em 2019.1) permite que o candidato surdo concorra às vagas entregando o projeto de pesquisa em Libras, em vídeo, realizando a arguição/entrevista com o possível orientador em Libras como vemos nos seguintes trechos do edital:

> 8.2. Projeto de pesquisa, […]. O(A) candidato(a) poderá entregar o projeto de pesquisa em Libras (vídeo de 15 a 20 min.), desde que contenha as especificações acima indicadas.
> […]
> 13.6.1. A arguição será marcada pelo(a) orientador(a) indicado pelo candidato(a), assim que as inscrições forem homologadas, e poderá ser realizada presencial ou virtualmente, via Skype ou similar, em português, ou em Libras, ou ainda na língua determinada pelo(a) orientador(a). (EDITAL N° 7/PGET, 2018, p. 2, 8)

Na POET, os candidatos surdos, podem se filmar respondendo em Libras às avaliações de cada uma das etapas:

> 11. No caso de candidatos surdos, as avaliações referentes à primeira e à segunda etapas, ou seja, Prova de Proficiência Leitora em Língua Inglesa e Prova Escrita de Conhecimentos Específicos, serão respondidas em Libras e filmadas. [...] (EDITAL N°3/POET/2018, p. 8)

[27] http://ppget.posgrad.ufsc.br/historico/

Logo, o POSTRAD tem o seu edital específico separado para os candidatos surdos e para os candidatos com deficiência visual, fazendo que as suas provas sejam mais "acessíveis" por meio da "[…] presença de tradutores-intérpretes de Libras":

> 4.1.1 Os candidatos surdos contarão com tradutores-intérpretes de LIBRAS em todas as etapas presenciais. (EDITAL N° 2/POSTRAD, 2018, p. 2)

Esses dados da graduação e da pós-graduação da área de Estudos da Tradução, evidencia que a realidade brasileira tem avançado tanto na possibilidade de o surdo formar-se como tradutor e intérprete generalista de Libras-Português (ainda que a formação não seja destinada a ele) quanto na possibilidade de ele se formar como pesquisador e professor de magistério superior na área da tradução e interpretação. Acreditamos que essa realidade não é encontrada em nenhum outro país e que, portanto, precisamos aproveitar isso para avançar no reconhecimento, na formação e na especialização de tradutores e intérpretes surdos intermodais e intramodais gestuais-visuais.

3.4 OS PROCESSOS TRADUTÓRIOS E INTERPRETATIVOS

Sabe-se que os processos de tradução e de interpretação vão bem além do aspecto linguístico, já que envolvem o comunicativo, o textual e seu sentido, os aspectos sociais, ideológicos e culturais, os cognitivos etc. Portanto, a tradução e a interpretação não se realizam palavra-por-palavra ou sinal-por-sinal. Não restam dúvidas de que a tradução e a interpretação são processos textuais, cognitivos e comunicativos que se desenvolvem em um contexto social e possuem um propósito específico (HURTADO ALBIR, 2005).

Os intérpretes, em relação aos tradutores, atuam bem mais próximos ao seu público compartilhando, muitas vezes, o mesmo contexto. Nesse sentido, as atividades interpretativas exigem um esforço significativo desses profissionais estejam eles atuando em diferentes âmbitos, tais como os de conferência, os religiosos, os de serviços sociais e/ou os comunitários em suas diversas manifestações, ou ainda com diferentes modos, ou seja, com a interpretação simultânea, com a consecutiva, com a de enlace, com a sussurrada ou com a tradução à prima vista. Dito de outro modo, os intérpretes surdos, assim como os demais, atuam com as múltiplas atividades interpretativas existentes.

Considerando-se que, atualmente, os intérpretes surdos têm se destacado em contextos de interpretação de conferências, é importante entendermos que esse tipo de atividade é bem complexo e exige bastante do profissional que a executa, independentemente do modo tradutor empregado, ou seja, se é uma interpretação simultânea, consecutiva, sussurada etc. Assim, alguns autores, tais como Seleskovitch e Lederer (1989), Pagura (2003) e Freire (2008), ao considerar a complexidade da atividade de interpretação, afirmam que o intérprete deve se esforçar para passar uma "mensagem equivalente", entendida aqui como uma mensagem no melhor sentido textual, cultural e comunicativo, de forma que possa ser mais facilmente compreendida pelo público-alvo. Pagura (2003) e Freire (2008), por exemplo, explicam que a melhor prática é contar com intérpretes atuando na tradução direta, ou seja, da língua estrangeira para a sua língua materna (i.e., da língua B para a língua A), a qual é partilhada pelo público alvo. Segundo Carneiro, "quanto à direcionalidade, é historicamente mais frequente que os intérpretes de línguas orais trabalhem da sua L2 para a sua L1, isto é, de sua língua estrangeira ou segunda para a sua língua materna ou primeira" (2017, p. 11).

Entretanto, essa não é a realidade vivenciada pela maioria dos intérpretes de línguas de sinais (NICODEMUS, EMMOREY, 2013; RODRIGUES, 2018a). No caso dos intérpretes de Libras-Português, a atuação mais comum é de sua primeira língua (i.e., Português) em direção à segunda (i.e., Libras), ou seja, de sua língua A para sua língua B. Segundo Rodrigues,

> um ponto que merece atenção na interpretação para a língua de sinais é o fato de que, ao contrário do que comumente ocorre com os intérpretes de línguas orais, os intérpretes de sinais, na maioria dos casos, interpretam de sua primeira língua (L1) para sua segunda (L2). Esse fato exige desses profissionais um significativo esforço cognitivo para que, diante da sobrecarga inerente à interpretação simultânea, eles mantenham uma *performance* corporal-visual capaz de explorar os elementos característicos das línguas de modalidade gestual-visual na construção de seu texto alvo. (2018a, p. 123).

Atualmente, no contexto brasileiro, observamos uma situação interessante em relação à atuação dos tradutores surdos que traduzem do português escrito para a Libras em vídeo e também à atuação dos intérpretes surdos intramodais que, em sua maioria, interpretam de uma língua de sinais estrangeira para a sua língua de sinais materna, no caso, para a Libras. Dito de outro modo, os surdos têm contribuído para que a tradução e a interpretação de línguas de sinais possam ser realizadas por meio da tradução direta, seguindo a direcionalidade considerada mais comum e proveitosa, a saber, da língua B para a, da língua estrangeira em direção à primeira

língua ou à língua materna. Nesse sentido, o público surdo tem tido a oportunidade de contato com profissionais tradutores e intérpretes surdos traduzindo/interpretando para sua primeira língua.

Portanto, os intérpretes surdos intramodais gestuais-visuais que atuam em conferências exercem uma atividade bem diferente daquela realizada pelos tradutores surdos intermodais ou intramodais gestuais-visuais. Além disso, embora a atividade desses intérpretes surdos intramodais gestuais-visuais se aproxime da atividade realizada pelos intérpretes intermodais ouvintes, ela se diferencia, não só pela diferença ou não de modalidade das línguas envolvidas no processo interpretativo, mas, também, pela direcionalidade da interpretação. Se a maioria dos intérpretes intramodais gestuais-visuais surdos atua em direção à Libras como sua primeira língua (i.e., na direcionalidade direta), a maioria dos intérpretes intermodais ouvintes atua em direção à Libras como sua segunda língua (i.e., na direcionalidade inversa).

Vale mencionar que as línguas de sinais são "semi-ágrafas", pois ainda que existam, por exemplo, diversas propostas de sistemas de escrita para elas, nenhuma delas é de uso social corrente. No âmbito brasileiro, temos pelo menos três propostas difundidas: (i) o SignWriting (SW), desenvolvido por Sutton, em 1974, na Dinamarca, sendo este o sistema mais utilizado atualmente (STUMPF, 2004); (ii) a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), desenvolvida na Universidade Federal de Goiás (UFG) e aperfeiçoada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) pela Profa. Dra. Mariangela Estelita Barros, em 2008; e (iii) o Sistema de Escrita de Língua de Sinais (SEL), proposta na Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) pela Profa. Dra. Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira, em 2012. Porém, nenhum destes três sistemas é largamente utilizado para escrever a língua de sinais, tampouco possuem algum tipo de oficialização ou reconhecimento legal, o que traz algumas características específicas ao processo de tradução escrita envolvendo línguas de sinais, principalmente aqueles que têm como fim a escrita em língua de sinais.

Como explica Silvério et al. (2012), o processo de tradução para a Libras, por usar, muitas vezes, o registro da Libras em vídeo e não um sistema de escrita, pode comportar-se como um processo singular, híbrido, com características que o aproximam da interpretação simultânea. Numa abordagem similar, Marques e Oliveira (2012) abordam a possibilidade de se considerar o vídeo como um sistema de registro de línguas de modalidade gestual-visual, ao invés de representações feitas com base na modalidade escrita de uma língua vocal-auditiva. Por fim, é possível dizer que a tradução envolvendo línguas de sinais pode ter um texto-alvo registrado,

basicamente, de três diferentes formas: em escrita, em áudio ou em vídeo; sendo que há uma diferença marcante: no vídeo, o tradutor torna-se necessariamente visível, assim como na interpretação da língua vocal-auditiva para a gestual-visual. Pesquisadores como Peluso (2015) e Wurm (2010) têm demonstrado a especificidade da tradução de línguas de sinais que tem como texto alvo a Libras em vídeo e não um sistema de escrita.

Como esclarecem Hurtado Albir (2015) e Pagura (2003), dentre outros autores dos Estudos da Tradução e dos da Interpretação, a tradução e a interpretação são semelhantes e distintas. Semelhantes, pois são atividades cognitivas e comunicativas que levam material textual de uma língua para outra, e distintas por suas características operacionais e cognitivas singulares. Além disso, consideramos que esses processos precisam ser definidos por outros critérios que não necessariamente estão reduzidos ao suporte do texto fonte ou do alvo, ou seja, se eles são escritos ou orais (i.e., vocais ou gestuais) (RODRIGUES, 2018b).

Para além das diferenças entre a tradução e a interpretação e em relação aos processos intermodais, é importante que consideremos uma distinção proposta por Rodrigues (2018b), o qual apresenta algumas diferenças entre a tradução intermodal e a interpretação intermodal.

QUADRO 04 – Diferenças entre a Tradução e a Interpretação Intermodal

TRADUÇÃO INTERMODAL	INTERPRETAÇÃO INTERMODAL
Atividade menos comum que a interpretação e que, gradativamente, tem ganhado mais espaço e destaque, principalmente, no meio acadêmico.	Atividade bem comum e, inclusive, responsável pela visibilidade das línguas de sinais nos Estudos da Tradução e nos Estudos Interpretação.
Frequentemente, os materiais traduzidos de/para línguas de sinais apresentam o texto alvo junto ao texto fonte (muitas vezes, destaca-se a janela com sinais ou em língua vocal escrita ou a voz ou um tipo de *voice-over* etc.).	Frequentemente, o texto alvo é apresentado diante do público sem uso de cabines ou equipamentos tecnológicos (salvo em grandes eventos que usam a projeção do intérprete em telões e, em casos, em que produto final é na língua vocal e, assim, pode-se usar as cabines e seus equipamentos).
Como a língua de sinais não possui um sistema de escrita consolidado e difundido socialmente utiliza-se sua versão oral registrada em vídeo em diversos processos tradutórios, tornado o tradutor visível.	Como a língua de sinais é gestual-visual, o intérprete apresenta-se fisicamente diante do público, estando sempre visível.

Fonte: Rodrigues, 2018b, p.308 (tradução minha).

Em relação à tradução e à interpretação intermodais, encontramos estudos e tentativas de caracterizar, conceituar e inclusive categorizar essas duas diferentes atividades, como pode ser visto no quadro acima. Entretanto, precisamos considerar que a tradução e a interpretação envolvendo línguas de sinais podem ser realizadas em uma mesma modalidade, ou seja, apenas

entre duas línguas de sinais, a qual definimos, assim como outros autores, como *intramodal* [28] (RODRIGUES, 2018a, 2018b).

Nesse sentido, entendemos que os processos tradutórios e interpretativos intramodais gestuais-visuais se caracterizam com base na visualidade e nas habilidades e destrezas corporais requeridas na produção linguística gestual-visual. Ainda que os processos intramodais vocais-auditivos, entre duas línguas vocais, compartilhem características com os processos intramodais gestuais-visuais, a tradução e a interpretação intramodais possuem algumas especificidades resultantes dos efeitos de modalidade.

Assim, seguindo algumas reflexões iniciais apresentadas por Rodrigues (2018b), consideramos a modalidade de língua como um aspecto central para a conceituação e caracterização da tradução e da interpretação. Nessa direção, conceituamos os processos *intramodais* (unimodais, monomodais) em oposição aos *intermodais* (bimodais), sendo que os processos intramodais são basicamente de dois tipos: (i) *intramodais vocais-auditivos*, que ocorrem entre duas línguas vocais; e (ii) *intramodais gestuais-visuais*, que ocorrem entre duas línguas de sinais.

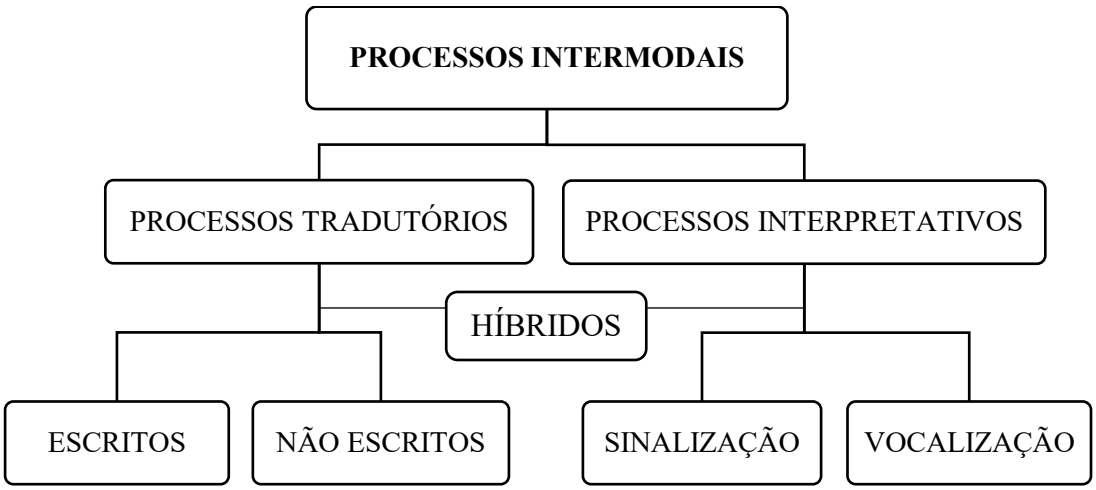
De acordo com Rodrigues (2018b), é possível organizar uma categorização desses processos tradutórios e interpretativos que envolvem línguas de sinais. Segundo ele, nos processos tradutórios intermodais, há três categorias em relação ao caráter do produto: (i) *tradução intermodal escrita* – tradução que tem como produto final um texto escrito, que envolve tanto sistemas de escrita de língua vocal como de língua de sinais (e.g. SW, Elis e SEL) e é passível de uma produção prévia e um registro automático[29]; (ii) *tradução intermodal não escrita* – tradução que tem como produto final um texto registrado em vídeo e/ou áudio, que não envolve sistemas de escrita e é passível de produção prévia ao conhecimento do público, não possuindo registro automático; e (iii) *tradução intermodal "híbrida"* – tradução que envolve uma forma híbrida, ou seja, que mescla características de tradução e interpretação aproximando-se da tradução/interpretação à prima vista (i.e., da língua de sinais imediatamente para a escrita do português ou da língua de sinais escrita imediatamente para o português oral

[28] Existem aqueles que definem a tradução entre uma língua vocal e outra gestual como *bimodal* em oposição àquela que ocorre entre duas línguas gestuais ou duas vocais, denominada de *unimodal* (NICODEMUS, EMMOREY, 2013; NAPIER, LEESON, 2015).

[29] Para o autor, o registro automático seria o fato de o processo pressupor e não poder ser realizado sem o necessário registro do texto alvo. Nesse caso, o processo só existe por meio de seu registro, já que o registro constitui o processo em si.

ou ainda do português escrito imediatamente em língua de sinais). E nos processos interpretativos intermodais, há dois processos diferentes, conforme a direcionalidade: *sinalização* (i.e., da língua vocal para a de sinais) e *vocalização* (i.e., da língua de sinais para a vocal).

FIGURA 1 – Processos Intermodais



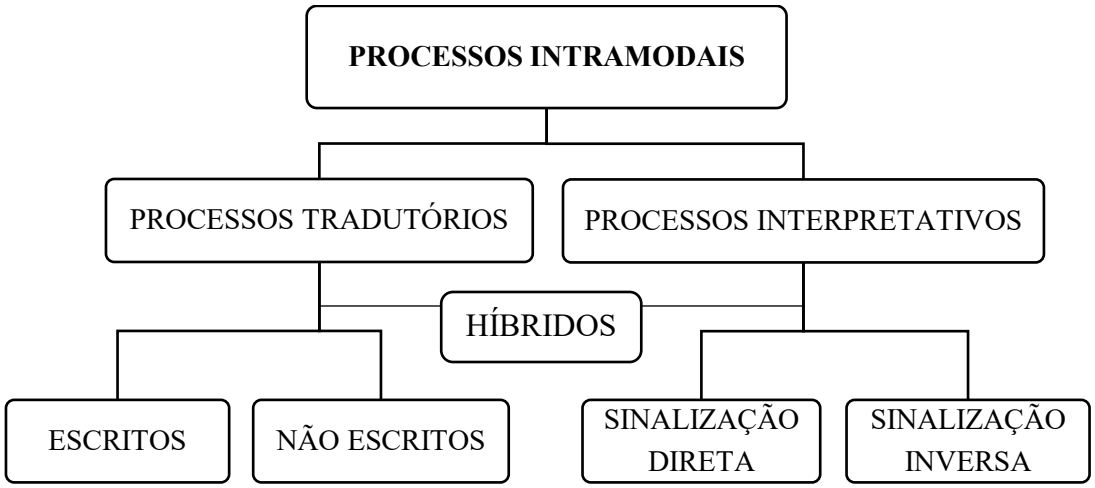
Fonte: próprio autor com base em Rodrigues (2018b)

Considerando os processos intramodais, propomos uma categorização similar àquele feita por Rodrigues (2018b) para a tradução e interpretação intermodal. Em relação à tradução intramodal, de forma geral, temos três categorias em relação de caráter do produto: (i) *tradução intramodal escrita* – tradução que envolve dois textos escritos, tanto como texto fonte como produto final, cada um em uma língua de sinais diferente. Esses textos são registrados por meio dos sistemas de escrita de línguas de sinais, tais como SW, Elis e SEL, e é passível de uma produção prévia e registro automático; (ii) *tradução intramodal não escrita* – tradução que tem como produto final um texto registrado em vídeo, que, embora possa ter um texto fonte em escrita de sinais, não envolve os sistemas de escrita na construção do texto final, e é passível de produção prévia ao conhecimento do público, não possuindo registro automático; e (iii) *tradução intramodal "híbrida"* – tradução que envolve uma forma híbrida, ou seja, que mescla características de tradução e interpretação aproximando-se da tradução/interpretação à prima vista (de uma língua de sinais imediatamente para a escrita de outra língua de sinais ou de uma língua de sinais escrita imediatamente para outra língua de sinais).

Em relação aos processos interpretativos intramodais (que se realizam mesma modalidade de língua), teremos apenas a sinalização que podemos classificar de acordo com a

direcionalidade da seguinte maneira: *tradução intramodal direta* (i.e., da língua de sinais estrangeira para a língua de sinais materna do sinalizante: L2 para L1, B para A) e *tradução intramodal inversa* (i.e., da língua de sinais materna do sinalizante para a língua de sinais estrangeira: L1 para L2, A para B).

FIGURA 2 – Processos Intramodais



Fonte: o próprio autor

A partir destas reflexões, hipotetizamos que a Libras, quando utilizada na interpretação para surdoscegos pode se configurar como um processo específico que envolve o tátil. Embora as línguas de sinais sejam de modalidade gestual-visual, a *língua de sinais tátil* não depende de recepção visual, ao contrário, direciona-se à recepção tátil. Se considerarmos a existência de uma modalidade gestual-***tátil*** (MEIER et al., 2004), podemos pensar em uma aproximação da tradução e interpretação de/para línguas de sinais táteis tanto como processos intermodais (envolvendo a modalidade vocal-auditiva) quanto como intramodais (envolvendo a modalidade gestual-visual). Esperamos que futuras pesquisas possam desenvolver melhor essa reflexão que não é o objetivo dessa dissertação.

3.5 A TEORIA INTERPRETATIVA E O MODELO DOS ESFORÇOS

O processo de interpretação vem sendo analisado por diferentes propostas teóricas, dentre as quais se destacam o Modelo de Esforços (em Inglês, *Effort Models*), proposto originalmente por Daniel Gile (1995), e a Teoria do Sentido (*Théorie du Sens*), conhecida também como Teoria Interpretativa, apresentada por Danica Seleskovitch (1978). É importante

dizer que essas propostas teóricas não foram criadas com o intuito de servirem como ferramentas de pesquisa. Entretanto, mostraram-se produtivas na compreensão, investigação e análise da interpretação, tanto simultânea quanto consecutiva, tornando-se a orientação teórica de diferentes pesquisadores dos Estudos da Interpretação.

Considerando a relevância e destaque dessas abordagens teóricas no campo dos Estudos da Interpretação, acreditamos que tanto a Teoria Interpretativa quanto o Modelo de Esforços podem contribuir com nossa compreensão e reflexão sobre os *aspectos operacionais e cognitivos que caracterizam o processo interpretativo simultâneo intramodal gestual-visual realizado por intérpretes surdos de uma língua de sinais estrangeira para a sua língua de sinais materna, no caso, da ASL para a Libras*.

A Teoria Interpretativa pressupõe que os intérpretes lidam com o sentido dos enunciados e que, portanto, o processo de tradução envolve certa *desverbalização*, pois "à medida que se percebe o sentido, as formas verbais utilizadas para transmiti-lo desaparecem, deixando apenas a consciência a partir da qual o intérprete pode espontaneamente expressar o sentido, sem estar preso à forma da língua de partida" (SELESKOVITCH, LEDERER, 1995, p. 24 apud PAGURA, 2003, p. 221). De modo geral, o processo interpretativo (principalmente a interpretação consecutiva, foco dos estudos de Seleskovitch) se realizaria em três etapas:

> 1. Percepção auditiva de um enunciado linguístico que é portador de significado. Apreensão da língua e compreensão da mensagem por meio de um processo de análise e exegese; 2. Abandono imediato e intencional das palavras e retenção da representação mental da mensagem (conceitos, ideias, etc.); 3. Produção de um novo enunciado na língua-alvo, que deve atender a dois requisitos: deve expressar a mensagem original completa e deve ser voltado para o destinatário (SELESKOVITCH, 1978, p. 9 apud PAGURA, 2003, p. 219).

Em relação ao Modelo de Esforços, podemos dizer que seu enfoque central é a interpretação simultânea e que essa interpretação é entendida como um conjunto de diversas operações cognitivas (GILE, 1995). Nesse sentido, como ressalta Pagura (2015, p. 201), "Gile propõe a explicação do processo da interpretação simultânea como uma soma de esforços, a saber, a soma dos esforços da escuta, da produção, da memória e da coordenação".

O Modelo de Esforços reúne componentes operacionais da interpretação em três fases: (i) o esforço de audição e análise – no caso da pesquisa, visão e análise; (ii) o esforço de produção; (iii) o esforço de memória de curto prazo:

> A – O Esforço de Audição e Análise, referindo-se à escuta do intérprete do discurso fonte.
> P – O Esforço de Produção (produção de fala simultânea e produção de anotações, durante a primeira fase da interpretação consecutiva, enquanto o intérprete está ouvindo, mas ainda não está interpretando). O Esforço de Produção inclui automonitorização e autocorreção.
> M – O Esforço da Memória de Curto Prazo abrange operações de memória a partir do momento em que um segmento de voz é ouvido até que seja reformulado no discurso-alvo (ou feitas anotações na interpretação consecutiva), ou desapareça da memória (observe que este Esforço de Memória de Curto Prazo é, em muitos aspectos, semelhantes a vários modelos de memória de trabalho desenvolvidos na psicologia cognitiva, mas não deve ser equiparado a qualquer um deles, pois é um conceito mais holístico). (GILE et al., 2015, p. 593-594)

Um dos esforços que integra o modelo, ainda em sua fase inicial, é o de coordenação (C) — a necessidade de coordenar e direcionar a atenção entre os três esforços mencionados acima. Como destaca Barbosa (2014, p. 40), "o intérprete lida com quatros esforços cognitivos simultaneamente: Audição e Análise (A), Memória de Curto Prazo (M), Produção (P) e a Coordenação dos esforços (C)", principalmente durante a interpretação simultânea. Vale mencionar que o Modelo de Esforços (Interpretação Simultânea = A + P + M + C) vem sendo atualizado, desde sua primeira versão na década de 1980.

As diversas atualizações do modelo, apresentadas por Gile (2018)[30], incluem sua aplicação à interpretação consecutiva, à tradução à prima vista, à interpretação simultânea apoiada com textos e à interpretação para a língua de sinais (sinalização). Embora tenhamos a aplicação do Modelo à interpretação intermodal (Francês-LSF, Língua de Sinais Francesa) e sua consequente atualização, proposta por Pointurier-Pournin (2014), ainda não temos a aplicação do modelo à interpretação intramodal entre duas línguas de sinais.

De modo simples, o Modelo (Interpretação Simultânea = A + P + M + C) aplicado à interpretação para a língua de sinais inclui dois esforços (Interpretação Simultânea = A + P + M + **AGE** + **ICS** + C), considerados a partir da interpretação simultânea intermodal para a língua de sinais, realizada diante do público, a saber, o *esforço de autogestão do espaço* (AGE) e o de *interação em tempo real com os surdos* (ICS).

O *esforço de autogestão do espaço* (em Inglês, *Self-Management in Space*) refere-se, basicamente, ao posicionamento espacial do intérprete, seu distanciamento em relação ao

[30] https://www.cirinandgile.com/powerpoint/The-Effort-Models-and-Gravitational-Model-Clarifications-and-update.pdf

orador, a sua melhor localização para a escuta e compreensão do texto fonte, assim como para a visualização de sua interpretação pelo público surdo. E o *esforço de interação em tempo real com os surdos* (em Inglês, *Online Interaction with the Deaf*) diz respeito à leitura das respostas corporais do público surdo em relação à recepção do texto alvo em Libras, tanto aquelas pessoais e particulares quanto as direcionadas diretamente ao intérprete (POINTURIER-POURNIN, 2014; GILE, 2018).

Considerando as contribuições do Modelo de Esforços (GILE, 1995) e essa atualização do Modelo que leva em consideração à modalidade gestual-visual, propomos sua aplicação na análise dos dados processuais coletados em nossa pesquisa com o intuito de verificar suas contribuições ao estudo de processos interpretativos intramodais gestuais-visuais e, inclusive, de uma possível hipótese inicial de atualização do Modelo direcionada à análise desse tipo específico de *interpretação simultânea intramodal gestual-visual*.

4. PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS E ANÁLISE INICIAL DE DADOS

De modo geral, a pesquisa é de caráter empírico-experimental tendo como o seu objetivo principal a investigação do processo interpretativo interlingual intramodal gestual-visual da ASL para a Libras por meio de uma "situação controlada, em que as coisas não acontecem como na vida real", mas que se aproximam, ao máximo, da atividade comum dos intérpretes (PAGANO, 2001, p. 9). Além disso, esse processo interpretativo será desempenhado por intérpretes surdos.

Portanto, utilizamos um desenho específico à coleta de dados processuais por meio do registro em vídeo de uma tarefa de interpretação simultânea de um texto gestual-visual oral[31] em ASL para outro texto gestual-visual oral em Libras, seguida da coleta de Protocolos Verbais Retrospectivos (TAPs). Com essa pesquisa, acreditamos que poderemos contribuir muito com o entendimento desse processo, assim como com apontamentos para à formação de intérpretes surdos, assim como de tradutores surdos.

É importante destacar que a interpretação simultânea intermodal é entre uma língua de modalidade gestual-visual e outra de modalidade vocal-auditiva, e que o principal foco desta pesquisa é o *processo interpretativo entre línguas de mesma modalidade*, no caso a gestual-visual. Assim, embora tenhamos um grande número de intérpretes intermodais de Libras-Português no Brasil, o mesmo não ocorre com intérpretes surdos intramodais que de fato atuam regularmente como intérpretes e ou tradutores. Portanto, temos um universo pequeno de intérpretes surdos intramodais de Libras-ASL no contexto brasileiro, se compararmos com o número de tradutores e intérpretes intermodais de Libras-Português.

Iniciaremos essa parte apresentando o questionário que aplicamos aos tradutores e intérpretes surdos com o intuito de traçar o seu perfil e experiência nesse tipo de atividade e de selecionar os participantes da pesquisa empírico-experimental.

[31] Nesse caso, estamos utilizando o termo oral como referência à língua em uso em oposição à modalidade escrita.

4.1 OS POSSÍVEIS PARTICIPANTES: QUESTIONÁRIO INICIAL

Foi elaborado um questionário de perfil de intérprete surdo intramodal de línguas de sinais (i.e., de Libras para ASL e/ou SI e vice-versa), através de *Formulários Google*[32], no *site* do Google, e enviado a intérpretes surdos para que respondessem de acordo com suas experiências de interpretação intramodal gestual-visual, como intérpretes de ASL e de SI. Vale dizer que a maioria dos intérpretes intramodais brasileiros atuam com SI em eventos de conferências, existem pouquíssimos intérpretes surdos de ASL no Brasil. Devido a isso, nosso enfoque no questionário foram os intérpretes intramodais gestuais-visuais surdos e não o par linguístico. Então, os intérpretes de SI foram convidados também.

Vale explicar que, segundo o *site* do *European Union of the Deaf*[33] (em Português, União Europeia de Surdos), o sistema de SI, é bastante influenciado por sinais da ASL e os intérpretes experientes de SI no mundo, atualmente, "tentam não depender de uma língua de sinais nacional específica para garantir que um grande público de origens variadas seja capaz de entender melhor a mensagem"[34] (tradução minha). Nesse sentido, os usuários de SI conseguem entender muitos sinais da ASL, ainda que não sejam fluentes nela.

O questionário, estruturado e disponibilizado on-line por meio do *Google Forms*, foi nomeado como: "Perfil do Intérprete Surdo no Brasil (ASL-Libras/ SI-Libras)". Com o *Google* é possível construir formulários, enquetes, coletas de dados etc. de forma gratuita na internet. Os dados ficam armazenados e disponíveis, e é possível acessá-los, consultá-los e extrair de planilhas e gráficos. Esclarecemos que, embora os respondentes tenham se identificado no momento em que responderam ao questionário, eles não serão nomeados nessa pesquisa, mantendo seu anonimato.

O questionário é composto por uma página inicial de apresentação da pesquisa, de seus objetivos, orientações sobre a participação e informações dos pesquisadores. A primeira questão teve a finalidade de registrar o e-mail dos convidados interessados em receber os resultados da pesquisa. E as seguintes questões, divididas cinco seções: (i) informações pessoais (nome, sexo, data de nascimento e estado onde mora); (ii) formação geral (escolaridade

---

[32] O questionário pode ser acessado em: https://forms.gle/p43eHH3gMxEUf6R66
[33] https://www.eud.eu/about-us/eud-position-paper/international-sign-guidelines/
[34] […] *experienced IS signers nowadays try to be as independent from one specific national sign language as possible to ensure a large audience of varied backgrounds can understand the message to the fullest extent possible.*

e principal área de formação); (iii) perfil linguístico (idade de aprendizado/aquisição de Libras, ASL e de SI, auto avaliação da proficiência nessas línguas, frequência de utilização de língua e principais modos de contato com essas línguas); (iv) perfil profissional (certificação de ProLibras e formação específica como tradutor/intérprete); e (v) experiência profissional (como intérprete de ASL-Libras e de SI-Libras, contextos de atuação como intérprete, experiência como intérprete nos contextos de conferência e na direcionalidade da interpretação nesses pares linguísticos). Por fim, temos uma última questão aberta, na qual o respondente tem a liberdade de comentar sobre alguma questão ou resposta específica.

Serão mostradas algumas tabelas com os dados dos 16 respondentes, pois é interessante conhecer um pouco da realidade dos intérpretes intramodais surdos brasileiros e de suas experiências. Isso contribuirá com nosso aprofundamento e reflexões sobre as suas necessidades de formação profissional em um contexto onde não há "cursos" especificamente voltados aos intérpretes intramodais gestuais-visuais.

TABELA 06 – A escolaridade dos intérpretes surdos

ESCOLARIDADE	QUANTIDADE
Superior Incompleto	2
Superior Completo	3
Pós-Graduação – Especialização em andamento	2
Pós-Graduação – Especialização	1
Pós-Graduação – Mestrado em andamento	1
Pós-Graduação – Mestrado	2
Pós-Graduação – Doutorado em andamento	2
Pós-Graduação – Doutorado	3

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

Dos 16 respondentes, apenas dois não concluíram o ensino superior; cinco possuem pós-graduação *stricto sensu* concluída e três a estão cursando. Além disso, temos um respondente que concluiu a pós-graduação *lato sensu* e dois que a estão cursando. Em relação à principal área de formação na Graduação, quase 70% dos participantes (i.e., 11 deles) informou ser a área de Linguística, Letras e Artes. Vejamos abaixo com que idade os respondentes aprenderam a Libras, a ASL e os SI.

TABELA 07 – O aprendizado/aquisição de língua de sinais

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

MOMENTO DO APRENDIZADO	QUANTIDADE
Filho(a) de surdos sinalizantes - Libras	2
Entre 0 e 5 anos de idade	5
Entre 6 e 10 anos de idade	4
Entre 11 e 15 anos de idade	2
Entre 16 e 20 anos de idade	3
A partir de 21 anos de idade	-

LÍNGUA DE SINAIS AMERICANA (ASL)

MOMENTO DO APRENDIZADO	QUANTIDADE
Filho(a) de surdos sinalizantes – ASL	-
Entre 0 e 5 anos de idade	-
Entre 6 e 10 anos de idade	-
Entre 11 e 15 anos de idade	1
Entre 16 e 20 anos de idade	5
A partir de 21 anos de idade	10

SINAIS INTERNACIONAIS

MOMENTO DO APRENDIZADO	QUANTIDADE
Entre 0 e 5 anos de idade	-
Entre 6 e 10 anos de idade	-
Entre 11 e 15 anos de idade	1
Entre 16 e 20 anos de idade	6
A partir de 21 anos de idade	9

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

Vemos que dois dos respondentes indicaram ser filhos de surdos sinalizantes de Libras. Isso indica que possivelmente seu contato com a Libras foi desde seu nascimento. Além disso, cinco respondentes indicaram que sua aquisição de Libras ocorreu no início da infância (entre 0 e 5 anos de idade); quatro disseram que ocorreu entre os 6 e 10 anos e dois entre os 11 e 15 anos de idade. Apenas três dos 16 respondentes informaram ter aprendido a Libras já no fim de sua adolescência, entre os 16 e 20 anos de idade. Temos que a maioria, 70% dos respondentes (i.e., 11 deles), aprendeu a Libras antes dos 10 anos de idade, ainda na infância.

Em relação à língua estrangeira, ASL, e o sistema de Sinais Internacionais, temos que o aprendizado se deu mais tardiamente, sendo que mais de 90% dos participantes iniciou seu aprendizado após os 16 anos de idade. No caso da ASL, dez respondentes a aprenderam já na idade adulta, após seus 21 anos. E no caso dos SI, nove respondentes o aprenderam também após os 21 anos de idade. Esse fato pode estar vinculado a diversos fatores sociais relacionados ao acesso a essas línguas no contexto brasileiro. Vale mencionar que, no Brasil, o aprendizado formal da ASL e dos SI raramente existe. As instituições representativas de surdos e/ou de

tradutores e intérpretes, ou mesmo as escolas e as universidades, não oferecem cursos regulares de ASL e de SI.

A próxima seção de questões está direcionada à visão que os respondentes têm de sua proficiência em Português, Libras, Inglês, ASL e SI, ou seja, qual seria seu perfil linguístico. Essas questões foram elaboradas com base na classificação de proficiência da escala desenvolvida pelo *National Foreign Affairs Training Center* (NFATC)[35] dos Estados Unidos. Assim, perguntamos como o participante avalia seu nível de proficiência em cada uma das habilidades: compreensão, leitura, produção escrita, produção oral (fala/sinalização). Ele tinha a opção de indicar as seguintes categorias: nenhuma proficiência; proficiência elementar; proficiência profissional limitada; proficiência profissional; proficiência profissional plena e proficiência nativa/bilíngue.

TABELA 08 – A proficiência em português brasileiro

PORTUGUÊS BRASILEIRO

	Nenhuma proficiência	**Proficiência Elementar**	**Proficiência Profissional Limitada**	**Proficiência Profissional**	**Proficiência Profissional Plena**	**Proficiência Nativa ou Bilíngue**
Compreensão (auditiva)	10	1	1	1	1	2
Produção escrita	-	2	6	1	2	5
Produção Oral (fala)	6	1	4	-	2	3
Leitura	-	1	1	4	3	7

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

É muito interessante notar o perfil dos participantes. Em relação à compreensão do português falado, dez respondentes indicaram não ter proficiência. Por outro lado, dois deles indicam proficiência nativa/bilíngue. Com relação à produção oral, seis respondentes indicaram não possuir nenhuma proficiência, enquanto três se consideram com proficiência nativa/bilíngue. Os dados decorrentes desses dois aspectos, compreensão auditiva do português e fala vocal, nos parecem surpreendentes. Podemos inferir que os participantes surdos podem ter entendido essa questão de distintas maneiras. Independente disso, o que temos é o fato de os surdos possuírem diferentes relações com o português oral e escrito.

A maioria, quatorze respondentes, indicou ser proficiência na leitura, variando entre a proficiência profissional e a nativa/bilíngue. Por outro lado, no que se refere à escrita, o quadro é diferente, já que 50% dos participantes considera sua proficiência entre profissional e

[35] http://www.govtilr.org/Skills/ILRscale1.htm

nativa/bilíngue e 50% considera sua proficiência entre elementar e profissional limitada. No que se refere à leitura e escrita, nenhum dos respondentes indicou "nenhuma proficiência". Prevíamos isso, já que o questionário foi aplicado em português escrito.

TABELA 09 – A proficiência em Libras

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

	Nenhuma proficiência	Proficiência Elementar	Proficiência Profissional Limitada	Proficiência Profissional	Proficiência Profissional Plena	Proficiência Nativa ou Bilíngue
Compreensão (visual)	-	-	-	1	-	15
Produção escrita	2	5	-	1	-	8
Produção Oral (sinalização)	-	-	-	1	1	14
Leitura	2	5	-	-	-	9

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

Os dados relacionados à proficiência em Libras são bem interessantes. Vemos no que se refere a habilidade de compreensão, quinze participantes indicaram ter proficiência nativa/bilíngue e apenas um considerou sua proficiência como profissional. Em relação à produção oral da Libras (i.e., sinalização), praticamente o mesmo quadro se repete, com uma única diferença: quatorze participantes indicaram ter proficiência nativa/bilíngue, um considerou ter proficiência profissional plena e outro profissional.

Em relação à produção escrita de Libras, os dados são bem destoantes da compreensão e da produção oral. Acreditamos que isso se deve ao fato, já mencionado acima, de que a Libras não possui um sistema de escrita de uso corrente. Assim, acreditamos que nem todos respondentes tiveram a oportunidade de aprender um sistema de escrita de sinais, mesmo porque esse ensino está concentrado de forma regular em alguns cursos de algumas poucas universidades.

No que diz respeito à escrita, dois indicaram não possuir proficiência; cinco assinalaram a proficiência elementar; um a proficiência profissional e os 50% restantes consideraram-se como possuidores de proficiência nativa/bilíngue. Na habilidade de leitura, temos que dois afirmaram não possuir proficiência; cinco indicaram a proficiência elementar e nove se consideraram com proficiência nativa/bilíngue.

TABELA 10 – A proficiência em inglês

INGLÊS

	Nenhuma proficiência	Proficiência Elementar	Proficiência Profissional Limitada	Proficiência Profissional	Proficiência Profissional Plena	Proficiência Nativa ou Bilíngue
Compreensão (auditiva)	11	2	2	1	-	-
Produção escrita	-	8	6	2	-	-
Produção Oral (fala)	12	2	2	-	-	-
Leitura	-	3	7	4	2	-

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

No que se refere à proficiência em inglês, nenhum dos respondentes indicou possuir proficiência nativa/bilíngue em nenhuma das quatro habilidades. Aproximadamente 70% dos respondentes indicou não possuir proficiência nas habilidades de compreensão e fala em inglês. Já na escrita, temos o seguinte: oito respondentes indicando proficiência elementar; seis indicando a profissional limitada e dois a profissional. Por fim, na habilidade de leitura: três acreditam possuir proficiência elementar; sete a proficiência profissional limitada; quatro a profissional e dois a profissional plena.

Portanto, em relação ao Inglês, excluindo-se a habilidade de leitura, quase a totalidade dos respondentes demonstra não possuir uma proficiência que seja satisfatória. O fato de seis respondentes considerarem sua leitura em inglês como profissional e profissional plena, provavelmente, está relacionado ao fato de 50% de nossos respondentes estarem ou já terem concluído a pós-graduação *stricto sensu* que exige habilidades de leitura do inglês.

TABELA 11 – A proficiência em ASL

LÍNGUA DE SINAIS AMERICANA (ASL)

	Nenhuma proficiência	Proficiência Elementar	Proficiência Profissional Limitada	Proficiência Profissional	Proficiência Profissional Plena	Proficiência Nativa ou Bilíngue
Compreensão (visual)	-	2	4	3	5	2
Produção escrita	6	3	5	1	1	-
Produção Oral (sinalização)	1	4	5	2	3	1
Leitura	5	4	1	2	3	1

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

Como mencionado acima, segundo o site de *European Union of the Deaf*[36], os SI são bastante influenciados pelo léxico da ASL. Assim, como já foi dito, os intérpretes de SI

[36] https://www.eud.eu/about-us/eud-position-paper/international-sign-guidelines/

conseguem compreender algumas informações em ASL. Portanto, devido ao fato de nem todos os respondentes serem intérpretes de ASL-Libras, temos uma variação significativa nas respostas.

Na compreensão da ASL, temos dois respondentes indicando possuir proficiência nativa/bilíngue; cinco a profissional plena; três a profissional, quatro a profissional limitada e dois a elementar. Assim, todos os respondentes indicaram compreender a ASL ainda que com níveis de proficiência bem distintos. Algo parecido ocorre com a habilidade de sinalizar em ASL. Entretanto, apenas um participante indicou possuir proficiência nativa/bilíngue. E, por outro lado, um afirmou que não possui proficiência para sinalizar em ASL.

Em relação à produção escrita nenhum respondente disse possuir proficiência nativa/bilíngue e seis indicaram não ter proficiência alguma. Os demais ficaram entre proficiência elementar (três) e profissional limitada (cinco); um considerou sua proficiência como profissional e outro como profissional plena. Apenas um respondente considerou possuir proficiência nativa/bilíngue na habilidade de leitura; cinco disseram possuir nenhuma proficiência; quatro a proficiência elementar; um a profissional limitada; dois a profissional e três a profissional plena.

TABELA 12 – A proficiência no sistema de sinais internacionais (SI)

SISTEMA DE SINAIS INTERNACIONAIS (SI)

	Nenhuma proficiência	**Proficiência Elementar**	**Proficiência Profissional Limitada**	**Proficiência Profissional**	**Proficiência Profissional Plena**	**Proficiência Nativa ou Bilíngue**
Compreensão (visual)	-	1	3	-	3	9
Produção escrita	4	5	1	2	1	3
Produção Oral (sinalização)	-	3	2	1	3	7
Leitura	6	3	-	1	2	4

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

Como os intérpretes de ASL-Libras compreendem bastante os SI (sendo que a maioria também e intérprete de SI) e os demais respondentes que não dominam a ASL atuam com SI-Libras, temos que todos eles possuem alguma habilidade de compreensão e produção de SI. É significativo o fato de nove respondentes considerarem sua proficiência nativa/bilíngue na compreensão de SI e três a considerarem profissional plena. O mesmo ocorre em relação à habilidade de sinalização: sete consideram sua proficiência nativa/bilíngue e três a profissional plena. Em relação a produção escrita e a leitura de SI, é possível inferir que os respondentes se

apoiaram em suas habilidades de escrita e leitura de Libras e de ASL para responder, visto que não temos conhecimento de textos em SI registrados com sistemas de escrita de sinais que circulem.

Vale ressaltar aqui que o sistema de escrita de sinais mais usado é o *SignWriting* de Sutton. Para Quadros (1999), ele mostra a forma das línguas de sinais. Considera-se que a primeira estória em escrita *SignWriting* foi publicada em 1977 nos EUA, em Connecticut. Sendo que, logo depois desse ano, o *SignWriting* começou a ser muito popular nos EUA, sendo que existe dicionário produzido em escrita de sinais. Segundo Quadros (1999),

> […] muitas pessoas estão usando *SignWriting* nos EUA e a tendência natural é de haver uma padronização. Algumas pessoas começaram a trocar arquivos em *SignWriting* […]. Claro que cada língua de sinais vai naturalmente desenvolver uma forma comum de escrever os sinais. Nesta sala, vamos ter a oportunidade de ler ASL, LIBRAS, bem como outras línguas de sinais. Obviamente, as pessoas precisam saber pelo menos uma língua de sinais e saber escrever tal língua usando o *SignWriting*. Na verdade, é o que acontece nas salas que existem agora, se eu sei escrever italiano eu entro numa sala e converso com pessoas que sabem italiano, mesmo estando no Brasil. (QUADROS, 1990, on-line).

No Brasil, alguns cursos de formação de professores de Libras e de tradutores e intérpretes de Libras-Português possuem disciplinas voltadas à escrita de sinais (i.e., *SignWriting*). Como exemplo, podemos citar o Letras Libras EaD e presencial, Licenciatura e Bacharelado, da UFSC. Nesses cursos, existem disciplinas específicas de ensino de escrita de sinais. No presencial, temos: (i) Corporalidade e Escrita; (ii) Escritas de Sinais I; (iii) Escritas de Sinais II. E no EaD, temos: (i) Escrita de Sinais I; (ii) Escrita de Sinais II; e (iii) Escrita de Sinais III. No caso do presencial, vale dizer que a ementa da primeira disciplina citada (i.e., Corporalidade e Escrita) menciona apenas a introdução aos sistemas de escrita de línguas de sinais e as outras duas disciplinas possuem a prática de escrita de sinais, assim como as três disciplinas presentes no EaD.

As próximas questões trazem informações acerca da frequência com que os respondentes têm contato e utilizam as línguas. Vejamos.

TABELA 13 – A frequência de uso de Libras

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

	Nunca	Raramente	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente
Intérpretes	-	-	-	-	16

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

TABELA 14 – A frequência de uso ASL

LÍNGUA DE SINAIS AMERICANA (ASL)

	Nunca	Raramente	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente
Intérpretes	1	7	3	2	3

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

TABELA 15 – A frequência de uso de SI

SISTEMA DE SINAIS INTERNACIONAIS (SI)

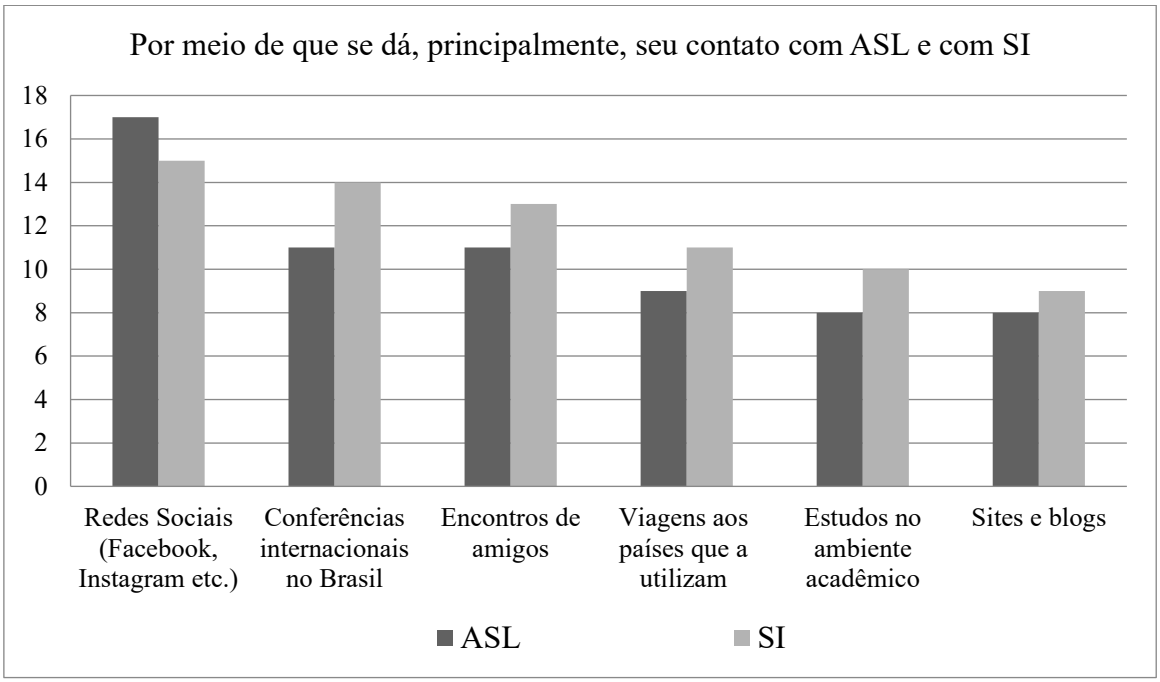
	Nunca	Raramente	Mensalmente	Semanalmente	Diariamente
Intérpretes	1	3	3	8	1

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

Vemos que todos os respondentes utilizam diariamente a Libras. Isso ocorre pelo fato de todos serem surdos e inseridos em comunidades surdas sinalizantes. Em relação ao contato e uso de ASL, temos uma variação significativa, já que apenas três informaram utilizar essa língua diariamente. Ainda que acreditemos que, na verdade, esse uso não seja tão diário assim, essa resposta indica que esses respondentes, assim como os dois que indicaram o contato semanal, têm muito mais contato com ASL que os demais (três afirmaram ter contato mensal, sete raramente e um não ter contato).

No que se refere aos SI, é interessante perceber que a frequência de contato e uso aumenta bastante. Se em ASL temos cinco respondentes com um contato mais frequente (três diariamente e dois semanalmente), em SI temos nove com mais contato (um diariamente e oito semanalmente). Esse dado indica, por exemplo, que os tradutores e intérpretes intramodais surdos brasileiros tem muito mais contato com os SI do que com a ASL, o que sinaliza uma atuação bem mais comum no par-linguístico Libras-SI.

GRÁFICO 1 – Contato com ASL e SI



Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

Em relação aos meios pelos quais se dá o contato com a ASL e com SI temos, principalmente os seguintes meios, em ordem decrescente: (1) redes sociais (Facebook, Instagram etc.); (2) conferências internacionais no Brasil; (3) encontros de amigos; (4) viagens aos países que a utilizam; (5) estudos no ambiente acadêmico; e (6) sites e blogs. Embora o maior contato se dê de modo virtual, por meio das redes sociais, o contato direto e pessoal também é marcante, já que em sequência estão as conferências internacionais que ocorrem no país, a relação direta com amigos (presenciais e virtuais) e as viagens aos países que falam ASL ou que demandam a utilização de SI para estabelecimento da comunicação.

TABELA 16 – O ProLibras

PROLIBRAS

	Não possui	**ProLibras no uso e ensino da Libras**	**ProLibras em tradução e interpretação de Libras/ Língua Portuguesa**
Intérpretes	6	8	2

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

Como mencionado no capítulo 2, existem dois tipos distintos de certificação, sendo que um deles foi pensado com foco nos surdos (i.e., ProLibras no uso e ensino da Libras) e o outro com foco nos tradutores e intérpretes ouvintes (i.e., ProLibras em tradução e interpretação de Libras/ Língua Portuguesa). Vemos que somente dois dos respondentes possuem o ProLibras em Tradução e Interpretação; oito possuem o ProLibras de Ensino (o que já se esperava, pois a maioria atua no ensino de Libras) e seis indicaram não possuir ProLibras. Reconhecemos que o fato de não termos dado a opção de o respondente indicar que possuía os dois ProLibras (i.e., o de Ensino e o de Tradução/Interpretação) pode ter feito com que alguns deles tivessem que escolher uma das opções, ou indicar que tinha o de ensino ou que tinha o de tradução, ainda que tivessem ambos. Assim, não temos como verificar quantos dos respondentes teriam as duas certificações.

A próxima questão tem como foco verificar qual(is) seria(m) a(s) formação(ões) específica(s) como tradutor e/ou intérprete os respondentes já teriam realizado.

TABELA 17 – A formação específica como intérprete

FORMAÇÃO ESPECÍFICA COMO TRADUTOR/INTÉRPRETE

IDENTIFICAÇÃO DO RESPONDENTE	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16
Cursos livres em entidades representativas dos surdos		■		■	■	■	■	■	■	■		■			■	■
Cursos de Extensão Universitária		■	■							■	■		■			
Curso Profissionalizante em Tradução e Interpretação	■						■			■						
Curso Sequencial ou Tecnólogo em Tradução e Interpretação																
Graduação em Letras Libras Bacharelado, Tradução e Interpretação																
Pós-Graduação - Especialização em Tradução e Interpretação	■	■						■	■							
Pós-Graduação - Mestrado em Estudos da Tradução/ Linguística Aplicada	■			■	■						■					
Pós-Graduação - Doutorado em Estudos da Tradução/ Linguística Aplicada																
Outros	■	■	■												■	

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

Como não existem cursos específicos de graduação e/ou pós-graduação (i.e., especialização ou mestrado profissional) voltados a formação de tradutores e/ou intérpretes intramodais ou intermodais surdos, o que ocorre é que a formação fica muito individualizada. Cada intérprete surdo, por exemplo, que queira se profissionalizar, terá que buscar, por si mesmo, meios de aprofundar seus conhecimentos sobre os aspectos que envolvem a tradução e/ou a interpretação. A maioria dos respondentes realizou, principalmente, cursos livres em entidades representativas dos surdos. Vale mencionar, que o mesmo aconteceu com os intérpretes ouvintes intermodais, antes de 2008, já que eles se formaram de maneira empírica, participando de alguns cursos livres (QUADROS, 2004).

As próximas tabelas apresentam as informações acerca da experiência dos respondentes como intérpretes intramodais (ASL-Libras e SI-Libras), incluindo-se sua atuação na interpretação de conferências e apontando a frequência com que atuam em cada direção (i.e., ASL para Libras e vice-versa; e SI para Libras e vice-versa).

TABELA 18 – A experiência como intérprete de SI

EXPERIÊNCIA COMO INTÉRPRETE DE SI

	SI
Nunca atuei	1
Menos de 1 ano	2
Entre 1 e 5 anos	7
Entre 6 e 10 anos	2
Mais de 10 anos	4

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

TABELA 19 – A frequência de interpretação de SI para LIBRAS e vice-versa

FREQUÊNCIA DE INTERPRETAÇÃO DE SI-LBRAS

	SI para Libras	**Libras para SI**
Nunca	1	1
Raramente	3	3
Algumas vezes	8	8
Muitas vezes	2	1
Sempre	2	3

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

TABELA 20 – A experiência de interpretação de SI nos contextos de conferências

EXPERIÊNCIA NOS CONTEXTOS DE CONFERÊNCIAS

	Intérpretes
Nenhuma vez	3
Menos de 3 vezes	3
Entre 3 e 6 vezes	2
Entre 7 e 10 vezes	4
Mais de 10 vezes	4

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

TABELA 21 – A experiência como intérprete de ASL

EXPERIÊNCIA COMO INTÉRPRETE DE ASL

	ASL
Nunca atuei	4
Menos de 1 ano	3
Entre 1 e 5 anos	5
Entre 6 e 10 anos	2
Mais de 10 anos	2

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

TABELA 22 – A frequência de interpretação de ASL para LIBRAS e vice-versa

FREQUÊNCIA DE INTERPRETAÇÃO ASL-LIBRAS

	ASL para Libras	**Libras para ASL**
Nunca	4	5
Raramente	5	4
Algumas vezes	3	4
Muitas vezes	3	3
Sempre	1	-

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

TABELA 23 – A experiência na interpretação de ASL em contextos de conferências

EXPERIÊNCIA NOS CONTEXTOS DE CONFERÊNCIAS

	Intérpretes
Nenhuma vez	4
Menos de 3 vezes	5
Entre 3 e 6 vezes	5
Entre 7 e 10 vezes	1
Mais de 10 vezes	1

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

Em relação às experiências, temos que um respondente nunca atuou como intérprete de SI-Libras e quatro nunca atuaram como intérprete de ASL-Libras. A maioria dos respondentes possui mais de um ano de experiência, sendo que alguns tem mais de dez anos. No que diz respeito à direcionalidade, não temos uma diferença significativa, já que a maioria trabalha nas duas direções, de L1 para L2/de A para B e vice-versa. Vale destacar que três respondentes não atuaram nenhuma vez como intérpretes de SI-Libras em contextos de conferências e que quatro respondentes não atuaram nenhuma vez em contextos de conferência como intérpretes de ASL-Libras. Também questionamos sobre os contextos mais comuns de atuação dos intérpretes intramodais surdos, vimos que o principal deles é o contexto de conferência, assim como nossa experiência já apontava.

5. O DESENHO EXPERIMENTAL PARA A COLETA E A ANÁLISE DOS DADOS

A partir dos questionários, foram selecionados quatro intérpretes surdos intramodais, incluindo um intérprete para o estudo piloto (que nesse caso, atua como intérprete de SI-Libras). Para essa seleção, seguimos como critério: (i) brasileiro; (ii) sinalizante de Libras como L1; (iii) domínio mínimo de inglês escrito e de ASL; e (iv) experiência na interpretação simultânea intramodal gestual-visual, assim como a experiência na interpretação ASL-Libras em conferências.

5.1 OS PARTICIPANTES

Os dois primeiros participantes selecionados são intérpretes com grande parte de suas experiências na interpretação Libras-SI nos contextos de conferências (i.e., respondente 12 e respondente 1, respectivamente, R12 e R1) e os dois seguintes são intérpretes com maior parte de suas experiências na interpretação Libras-ASL em contextos de conferências (i.e., respondente 2 e respondente 14, respectivamente R2 e R14).

QUADRO 05 – Identificação dos participantes

IDENTIFICAÇÃO NO QUESTIONÁRIO	IDENTIFICAÇÃO DE PARTICIPANTE
R12	PP (participante do estudo piloto)
R1	P1 (participante 1)
R2	P2 (participante 2)
R14	P3 (participante 3)

Fonte: o próprio autor

Assim, com esses critérios mínimos apresentados acima, selecionamos os três intérpretes surdos (excluindo-se o participante do estudo piloto), os quais têm atuado, cada vez mais, com a interpretação intramodal ASL-Libras em eventos internacionais realizados no Brasil. Após a seleção dos participantes, coletamos os dados empírico-experimentais com a aplicação de uma tarefa de interpretação simultânea intramodal, seguida da coleta dos protocolos verbais. Realizamos, primeiramente, o estudo piloto e, em seguida, a coleta dos dados da pesquisa.

Destacamos que o estudo piloto teve a finalidade de contribuir com o aperfeiçoamento do desenho experimental, nos permitindo conhecer possíveis falhas e, por sua vez, aperfeiçoá-lo. Entretanto, não apresentaremos aqui esses dados nem sua análise, por não serem o foco da pesquisa.

Selecionamos, portanto, três dos respondentes para a tarefa propriamente dita, como indicado acima (Quadro 05). Esses intérpretes foram os participantes da tarefa da pesquisa experimental (i.e., P1, P2 e P3). Eis um quadro abaixo com um perfil mais específico dos participantes.

QUADRO 06 – Perfil dos participantes

P1	- Doutorado - Libras – entre 6 e 10 anos, com proficiência nativa ou bilíngue na compreensão (visual) e na produção oral (sinalização), frequência com a utilização da língua: diariamente - Português – proficiência profissional plena na produção escrita e proficiência nativa ou bilíngue na leitura - ASL – entre 16 e 20 anos com proficiência profissional plena na compreensão (visual) e na produção oral (sinalização), frequência com a utilização da língua: mensalmente - Inglês - proficiência profissional na produção escrita e proficiência profissional plena na leitura - Sistema de Sinais Internacionais – entre 6 e 10 anos, com proficiência nativa ou bilíngue na compreensão (visual) e na produção (sinalização), frequência com a utilização da língua: semanalmente - Formação como tradutor/intérprete: Cursos livres em entidades representativas dos surdos, Cursos de Extensão Universitária - Experiência na interpretação intramodal SI/Libras – mais de 10 anos - Experiência na interpretação intramodal ASL/Libras – entre 6 a 10 anos
P2	- Doutorado - Libras – entre 0 e 5 anos, com proficiência nativa ou bilíngue na compreensão (visual) e na produção oral (sinalização), frequência com a utilização da língua: diariamente - Português – proficiência nativa ou bilíngue na produção escrita e na leitura - ASL – entre 16 e 20 anos com proficiência profissional plena na compreensão (visual) e na produção oral (sinalização), frequência com a utilização da língua: diariamente - Inglês – proficiência elementar na produção escrita e proficiência profissional limitada na leitura - Sistema de Sinais Internacionais – a partir de 21 anos, com proficiência profissional plena na compreensão (visual) e na produção (sinalização), frequência com a utilização da língua: diariamente - Formação como tradutor/intérprete: Cursos livres em entidades representativas dos surdos, Cursos de Extensão Universitária - Experiência na interpretação intramodal SI/Libras – mais de 10 anos - Experiência na interpretação intramodal ASL/Libras – mais de 10 anos
P3	- Graduado - Libras – entre 6 e 10 anos, com proficiência nativa ou bilíngue na compreensão (visual) e na produção oral (sinalização), frequência com a utilização da língua: diariamente - Português – proficiência profissional limitada na produção escrita e proficiência profissional na leitura - ASL – entre 16 e 20 anos com proficiência profissional na compreensão (visual) e na produção oral (sinalização), frequência com a utilização da língua: diariamente - Inglês – proficiência profissional limitada na produção escrita e proficiência profissional na leitura - Sistema de Sinais Internacionais – a partir de 21 anos, com proficiência profissional limitada na compreensão (visual) e proficiência elementar na produção oral (sinalização), frequência com a utilização da língua: raramente - Formação como tradutor/intérprete: Cursos de Extensão Universitária - Experiência na interpretação intramodal SI/Libras – menos de 1 ano - Experiência na interpretação intramodal ASL/Libras – entre 1 e 5 anos

Fonte: o próprio autor com base nos dados dos questionários

Após apresentar os participantes selecionados, seguiremos para a apresentação do texto fonte selecionado para a coleta dos dados empíricos da pesquisa.

5.2 O TEXTO FONTE

Considerando que nosso tema é o intérprete surdo no contexto de conferência, escolhemos como texto fonte uma palestra de aproximadamente 22'30" realizada em ASL por Nigel Howard [37] sobre *Deaf Interpreters: The State of Inclusion* na Conferência de *StreetLeverage* — que foi fundada por Brandon Artur, CODA (*Children Of Deaf Adults,* filho de surdos), com o objetivo de destacar os intérpretes, promover as ideias e perspectivas compartilhadas — em Baltimore, Estados Unidos, em 2012.

Essa palestra é sobre a inserção de intérpretes surdos no mercado e na prática diária e possui 14 *slides*. O texto fonte, transcrito no ELAN, possui 2327 sinais em ASL. Para a transcrição, seguiu-se a proposta do manual[38] de transcrição do Grupo de Pesquisa Corpus de Libras do Núcleo de Aquisição de Língua de Sinais — NALS[39], como meio de favorecer inclusive a análise contrastiva do texto fonte em ASL com as transcrições dos textos alvos em Libras.

TABELA 24 – Dados do texto fonte em ASL

	TOTAL	**MÃO DIREITA**	**MÃO ESQUERDA**	**PAUSAS[40]**
Sinais em ASL	2327	2076	1284	37

Fonte: o próprio autor

O vídeo com a palestra está disponível no canal de *StreetLeverage* no YouTube, podendo ser acessado no seguinte link: https://youtu.be/VK_VfXeRKmY. Consideramos que o texto possui uma complexidade razoável. E ele é bem similar àqueles que compõem os

[37] Mesmo o vídeo sendo público na *World Wide Web*, solicitamos ao Nigel Howard que nos autorizasse por escrito a utilizar e exibir publicamente trechos de sua palestra em vídeo, assim como utilizar *prints* com sua imagem e *slides* em nosso trabalho e em publicações decorrentes dele.
[38] https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169881/2015%202905%20MANUAL_CORPUS%20transcric%CC%A7a%CC%83o.pdf?sequence=1&isAllowed=y
[39] http://nals.cce.ufsc.br/
[40] De forma geral, compreendemos as pausas como momentos de não produção de sinais, ou seja, momento em que os intérpretes pararam de sinalizar abaixando-os braços. Essas pausas podem ser de diferentes naturezas e possuir distintas funções, mas não é foco da pesquisa na dissertação.

contextos de conferência envolvendo a interpretação intramodal gestual-visual. Veja abaixo exemplo de um trecho do texto em glosas feitas com base no inglês[41].

E(me) · ME · FS(nigelhoward) · FROM · VICTORIA · FS(bc) · CANADA · IX(there) · DO NT · FROZEN · NORTH · NO · NICE · GREEN · LOCAL · OK · ME · INVOLVE · FS(di) · MANY · YEARS · AROUND · 18 · YEARS · DV(diferent_place) · MANY · DIFFERENT · MAJOR · MAJOR · MAJOR · E(so) · MEDICINE · IX(middle_finger) · MENTAL-HEALTH · COMMUNITY · PERFORMANCE · INTERNATIONAL · ETC · IX(mouth) · S HORT · BACKGROUND · IX(there) · ME · LOCAL · OFTEN · INTERPRETER · E(local) · TOPIC · EXAMPLE · COURT · E(so) · MENTAL_HEALTH · MEDICINE · DV(diferent_ place) · E(next_down) · NATIONAL · CONFERENCE · STAGE · EXAMPLE · CANADA · ASSOCIATION · VISUAL · LANGUAGE · INTERPRETER · CANADA · FS(avic) · E(so) · DIFFERENT · WORKSHOP · E(so) · GUEST · CANADA · STAGE · IX(middle_finger) · E(next_down) · INTERNATIONAL · E(so) · IX(thumb) · FS(wfd) · IX(index_finger) · WOR LD · FS(federation) · DEAF · IX(middle_finger) · FS(wasli) · WORLD · ASSOCIATION · S IGN · INTERPRETER · THAT · EXAMPLE · DEAF · OLYMPICS · ETC · INVOLVE · IX (there) · E(next_down) · IX5(there) · E(so) · MY · PERSPECTIVE · YOUR · PERSPECTIV E · PERSPECTIVE+++ · DIFFERENT+++ · OH · ONE · KNOW · FS(di) · YOUR · ROLE · IX5(me) · KNOW · HEARING · INTERPRETER · YOUR · ROLE · KNOW · E(so_down) · BUT_ · YOUR · PERSPECTIVE · CAN · BUT · MEAN · DIFFERENT · FOR · EXAMPLE · DV(to_sit) · IX2(we) · TEAM · INTERPRETER · DV(a-b) · SAME1 · LOOK · WHAT · MEAN · TEAM · INTERPRETER · IX(that) · SAME2 · QU ESTION2 · E(so) · IX(me) · LOOK · MEAN · THAT+ · LOOK · NO · IX(me) · THINK · M EAN · THAT+_ · THAT+ · HOW · INVOLVE · INVOLVE · HOW · CONNECT · IX(this) · GOAL · MAKE · TRUTH · DEAF · HEARING · DV(a-b) · CONNECT · SUCESS · THROUGH · DV(a-b) ·INTERPRETER · DV(two-to-two) · DV(turning_back) · IX(this) · DV(bring) · FS(di) · FOR+ · NEED · NEW · FIELD · F S(yes) · DEAF · INTERPRETER · NEW+ · FIELD · FIELD · NEW · IX(this) · BUT · FS(di) · TRUTH · SINCE · E(so) · BING · SCHOOL · DV(child-look) · SIGN+ · SOMETHING · DV(looking) · DV(call) · UNDERSTAND · SIGN2+ · FINI SH · HAVE · ROLE · TOPIC · INTERPRETER · IX5(there) · FINISH · IX(this) · ONE · BU T · PROFESSIONAL · STILL · NEW+ · PLENTY · PRATICE ·IX(finger) · HAVE · DEVE LOP · SKILL · HAVE · PLENTY · OUT · AREA · E(more_or_less) · DONT · MUCH · TH ERE · DEVELOP+ · E(next) · IX(there) · E(so) · IF · DV(bring) · FS(di) · THERE · PLENT Y · MEAN · SUFFICIENT · DV(bring) · FS(di) · HAVE · MEAN · IX(me) · ALSO · HEAR ING · INTERPRETER · E(less_or_more) · E(less_or_more) · ME · CONCERN · IF · HAVE · FS(si) · WITH · IX(me) · MEAN · DEAF · COMMUNITY · DV(less_deaf) · IX(me) · E(le ss_or_more) · SKILL · INTERPRETER

Fonte: o próprio autor com base nas transcrições.

[41] O texto completo está disponível no Anexo 2.

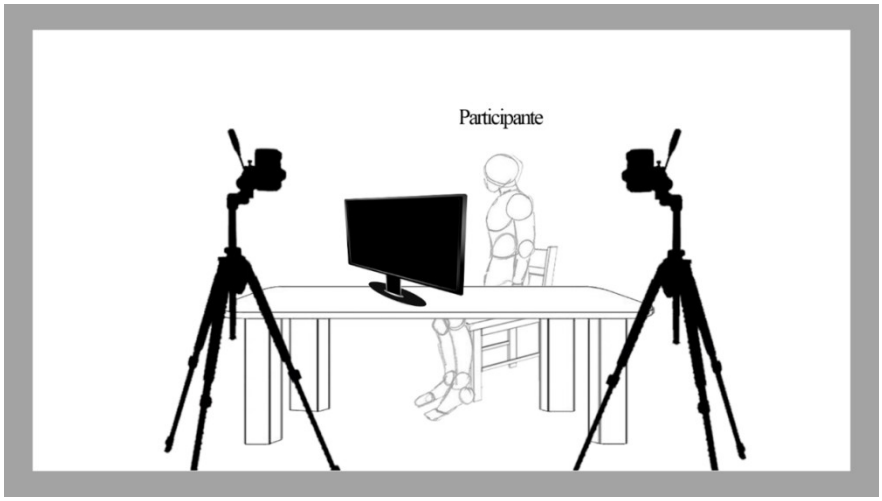
A seguir apresentamos a tarefa que foi aplicada aos três intérpretes intramodais surdos de ASL-Libras selecionados.

5.3 A TAREFA

A tarefa compreende a realização de uma interpretação simultânea intramodal de uma palestra ministrada em ASL por um surdo que tem essa língua como primeira. Cada participante realizou a interpretação individualmente em estúdio. Foi disponibilizado um pequeno resumo em Libras do texto fonte (vídeo-resumo do pesquisador falando sobre a palestra – 2'02")[42] e os 14 *slides* usados na palestra em inglês[43].

O intérprete pode assistir e estudar o resumo quantas vezes achou necessário e ver os *slides*, até o limite do tempo de preparação para a tarefa que foi de 15 minutos. Essa fase de orientação para a realização da tarefa assemelha-se àquelas vivenciadas nas conferências internacionais, nas quais os intérpretes surdos estudam os *slides* e/ou resumo das palestras ou, até mesmo, encontram-se com o palestrante, antes da interpretação. Consideramos esse momento de preparação individual como um momento de orientação ou mesmo de pré-conferência.

FIGURA 3 – Estrutura para registro dos estudos pré-conferência



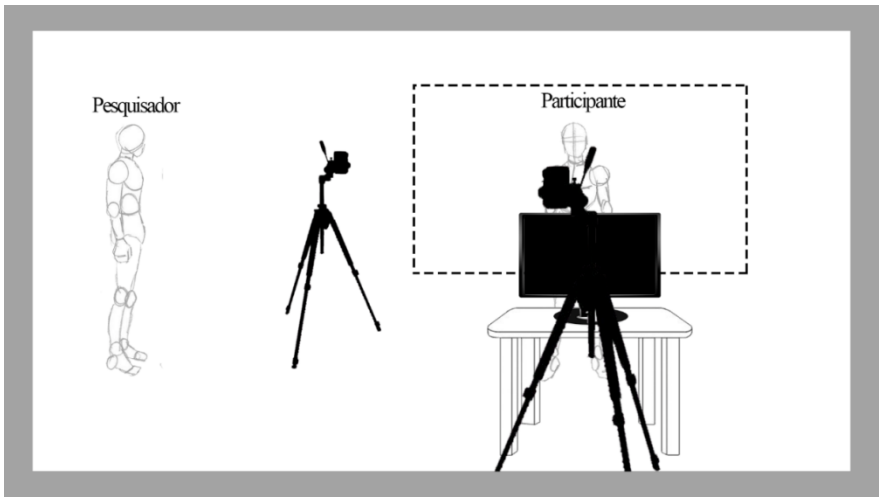
Fonte: o próprio autor

[42] Disponível em: https://youtu.be/R5Eqf0KJLnU
[43] Podem ser consultados no Anexo 03.

Antes de realizar a interpretação, foram dados os termos de consentimento[44] e coletadas as assinaturas dos participantes, deixando claro que são voluntários e que podem desistir da participação na pesquisa a qualquer momento. Foram dadas as seguintes instruções em Libras:

1. você está recebendo um vídeo em Libras com a síntese da palestra em ASL que será interpretada por você para a Libras e os 14 *slides* dessa palestra;
2. você dispõe de, no máximo, 15 minutos para conhecer o resumo e os *slides* e poderá acessar a internet, caso considere necessário (o computador estará com acesso bloqueado ao local onde o vídeo se encontra disponível);
3. como perceberá no resumo, o texto-fonte é um vídeo da palestra feita em ASL por Nigel Howard sobre *Deaf Interpreters: The State of Inclusion*, na conferência de *StreetLeverage*;
4. o texto-fonte deverá ser interpretado simultaneamente para a Libras e a interpretação será gravada, portanto, você não deverá interromper a interpretação, por dúvidas ou outras questões comuns à atividade de interpretação simultânea;
5. após os 15 minutos, realizaremos a gravação da interpretação simultânea da ASL para a Libras, seguida da coleta de TAPs e da entrevista;
6. o público da interpretação é a comunidade surda acadêmica da UFSC.

FIGURA 4 – Estrutura para registro da interpretação simultânea



Fonte: o próprio autor

[44] O TCLE pode ser visto no Anexo 1.

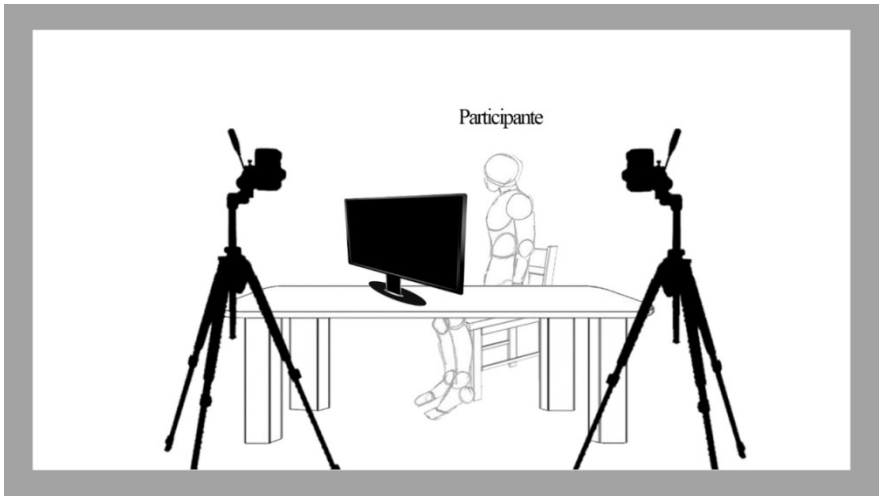
Foram usadas duas câmeras e um *software* chamado *Camtasia* para gravar a tela do *notebook* durante a etapa de pré-conferência, na qual os intérpretes estavam se preparando pelo estudo do material disponibilizado. Esse registro é importante, pois para fazer as análises foi preciso acompanhar os dois vídeos gravados ao mesmo tempo, o vídeo do participante nos estudos e o vídeo da tela do *notebook* gravada, já que precisamos observar como ele utilizou o *notebook* com acesso à internet para se documentar (i.e., se preparar para interpretação, estudar). Vejamos agora os protocolos verbais usados como método de coleta de dados.

5.4 OS PROTOCOLOS VERBAIS RETROSPECTIVOS

Os Protocolos Verbais Retrospectivos (TAPs) são uma técnica de coleta de dados que tem como objetivo principal compreender os processos cognitivos. Eles têm sido usados na investigação dos processos tradutórios e interpretativos na área de Libras (RODRIGUES, 2015b, 2014, 2013a, 2012b; BARBOSA et al., 2014, entre outros). Permitem que o pesquisador melhor entenda como o indivíduo está desempenhando a tarefa, os passos realizados, as estratégias empregadas, os desafios, a solução de problemas e as decisões tomadas, por exemplo.

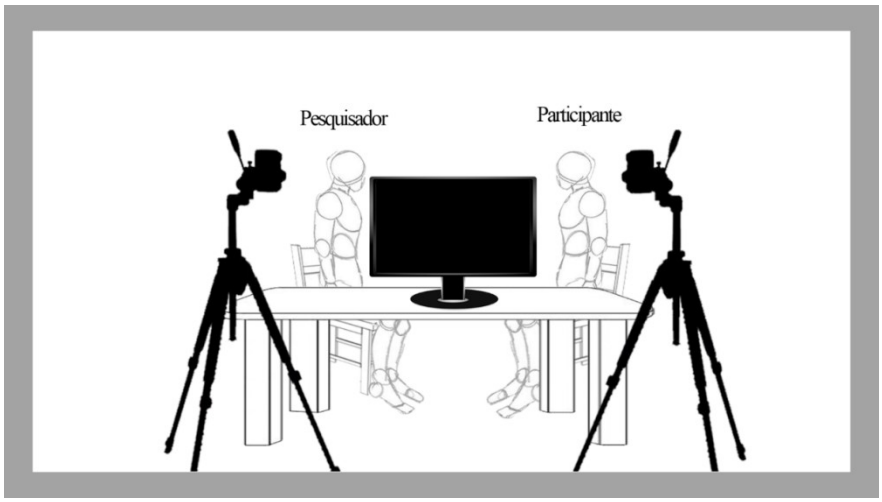
Assim, os TAPs são uma forma de se obter informações sobre o que está ocorrendo na mente do tradutor ou intérprete durante a tarefa. O foco principal desse método é o conhecimento do processo e não do produto ou resultado da realização da tarefa. Portanto, o método é usado como uma ferramenta de investigação fundamental, juntamente com questionário prévio. Vale mencionar que realizamos também TAPs guiados com as perguntas feitas em Libras pelo pesquisador para cada participante. Os participantes responderam em Libras. As respostas foram gravadas em vídeo.

FIGURA 5 – Estrutura para a coleta dos Protocolos Verbais Livres



Fonte: o próprio autor

FIGURA 6 – Estrutura para a coleta dos Protocolos Verbais Guiados



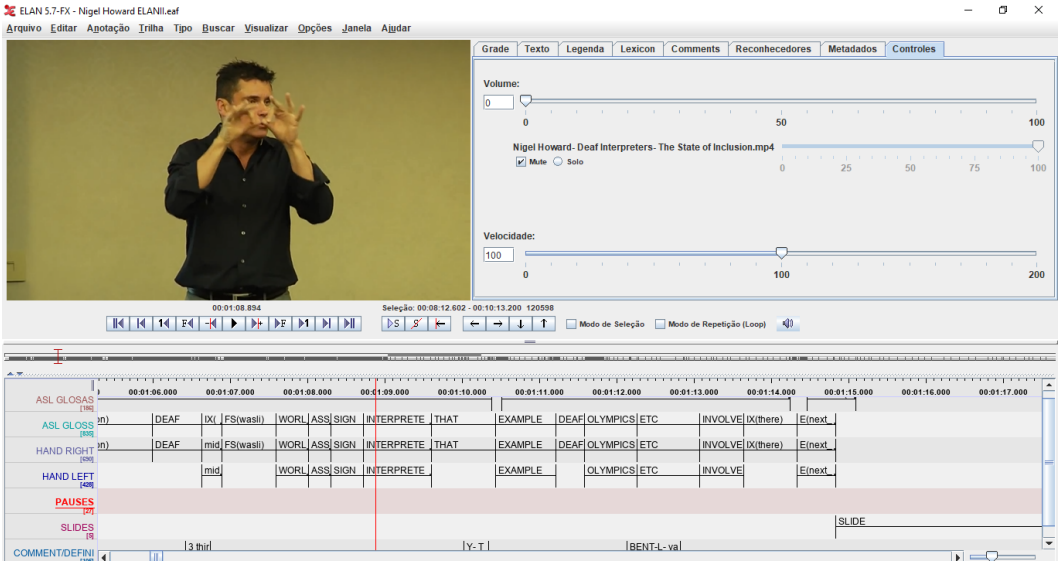
Fonte: o próprio autor

5.5 A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Para a transcrição dos dados, foi empregado o *software* ELAN (*Eudico Language Annotator*) que é uma ferramenta bastante usada por pesquisadores em estudos de língua de sinais, inclusive de Libras. Segundo McCleary e Viotti (2007), Quadros e Pizzio (2007), Leite (2010) e Rodrigues (2013), esse *software* permite a informatização dos dados em língua de sinais. É uma ferramenta bem útil para transcrever os sinais, pois permite a inserção dos vídeos e o registro de sua transcrição por meio de trilhas. É possível também criar trilhas de anotação

para as observações do pesquisador, alinhando as notas com as ocorrências como mostra a Figura 7.

FIGURA 7 – A Interface do ELAN



Fonte: o próprio autor

O *software* ELAN contribuiu com a análise da interpretação simultânea intramodal em Libras em relação ao texto-fonte em ASL, contamos com as convenções de transcrição para Libras baseada na proposta de manual de transcrição do NALS e as criação de trilhas: (1) glosas libras – cada sinal produzido em uma ou duas mãos juntas de participante em Libras; (2) mão direita – cada sinal produzido em mão direita de participante em Libras; (3) mão esquerda – cada sinal produzido em mão esquerda de participante em Libras; (4) sinais (*code-switching*/ *intromissões lexicais*) de ASL e de SI no texto alvo em Libras; (5) pausas – quando o participante faz as pausas durante a interpretação, fora as pausas dos *slides*; permitindo que se estabeleçam as diferenças e as comparações entre as interpretações simultâneas pelos intérpretes surdos intramodais.

Logo, para a transcrição do texto fonte em vídeo da palestra de Nigel Howard, as trilhas criadas foram: (1) glosas em ASL – cada sinal produzido em uma ou duas mãos juntas de palestrante em ASL; (2) *hand right* – cada sinal produzido na mão direita do palestrante em ASL; (3) *hand left* – cada sinal produzido na mão esquerda do palestrante em ASL; (4) *pauses* – quando o participante repousa as mãos durante a interpretação, excluindo as pausas dos slides.

6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Nesse capítulo, temos os dados coletados e sua análise. Primeiramente, apresentaremos a preparação da tarefa pelos participantes, seu tempo de estudo, com uma análise geral das semelhanças e diferenças que podemos encontrar. Em seguida, apresentamos dados sobre a realização da tarefa, sua transcrição e os dados gerados. Então, trazemos os TAPs e a análise dos dados.

6.1 PRÉ-CONFERÊNCIA: DADOS DA PREPARAÇÃO PARA A TAREFA

Nessa seção, descreveremos o que os participantes P1, P2 e P3 fizeram durante os 15 minutos destinados à sua preparação para a tarefa. Como já mencionamos, eles tinham acesso a um *notebook* conectado à internet, aos slides que seriam usados pelo palestrante surdo durante sua fala em ASL e a um breve resumo feito pelo pesquisador em Libras com o objetivo de contextualizá-los.

Para apresentar esses dados, utilizaremos um quadro com as principais ações dos participantes, as quais estão organizadas temporalmente. Na primeira coluna, encontramos a marcação do tempo inicial das ações, indicado por minutos e segundos. E, na segunda coluna, a descrição dessas ações. Para essa descrição, utilizamos algumas convenções bem simples, seguindo a "Proposta de Manual de transcrição do Corpus Libras" [45].

(i) sinais da Libras grafados em glosas com base em palavras do Português escritas em maiúsculas (e.g., ACEITAR, INTÉRPRETE etc.);

(ii) sinais da ASL grafados em glosas com base em palavras do Inglês escritas em maiúsculas (e.g. *WHO*, *WHY* etc.);

(iii) sinais de SI em glosas com base em palavras do Inglês escritas em maiúsculas com a indicação entre colchetes [SI] (e.g., *DEAF*[SI] etc.);

(iv) sinais soletrados ou datilologias grafados com letras maiúsculas separadas por hífen (e.g., *H-E*, *E-I* etc.);

(v) ações descritas em português com palavras em inglês marcadas com *itálico*.

[45] https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169881/2015%202905%20MANUAL_CORPUS%20transcric%CC%A7a%CC%83o.pdf?sequence=1&isAllowed=y

6.1.1 O primeiro participante: P1

Durante o período destinado aos estudos, a primeira ação do P1 foi abrir os *slides* em inglês. Somente depois de 12’07” foi que ele assistiu ao vídeo com o resumo em Libras. Em sua preparação, ele utilizou recursos de apoio externo, como o *Google Tradutor* e, em alguns momentos, sinalizou consigo mesmo e fez anotações num papel, as quais ele utilizou para orientar seu uso dos recursos do *Google*. Vejamos algumas de suas ações:

QUADRO 07 – Estudos do P1, antes da tarefa de interpretação.

2’02”	O participante sinalizou ACEITAR e também *ACCEPT* apontando para a tela IX(tela-notebook) que estava no quarto *slide* que contém a palavra *acceptable*.
2’24”	Ele fez um C (soletração)
3’15”	O participante sinalizou H-E (soletração)
5’26”	O participante chamou o pesquisador e o perguntou se pode pesquisar no *Google*
5’57”	Ele abriu o *Google* e escreveu “tradutor” na busca e, em seguida, clicou no ícone do *Google Translate*. Ele o acessou e escreveu *underline* e o tradutor automático traduziu para “sublinhado”. Apagou a palavra, escreveu *enough* e obteve “o suficiente”. Apagou a palavra e escreveu *attidudinal*, traduzida como “atitudinal”. Apagou e escreveu *clarification of boundaries* e traduziu para “esclarecimento de limites”.
7’27”	Voltou para *slides*.
7’49”	O participante fez *A . EI* (soletração) e perguntou ao pesquisador o que seria, mas o pesquisador disse não poder responder.
8’27”	Voltou para o *Google* e escreveu *undermine*, obtendo “minar”.
8’48”	Voltou para *slides*.
8’50”	Sinalizou COPIAR . COPIAR . COMPARAR pensando em como seria a tradução para Libras no sexto *slide.*
9’01”	O intérprete fez o sinal *DEAF* [SI] seguido de *BLIND* [ASL], *PSYCHOLOGY* [ASL], *DIFFERENT* e *SI* [sinal de Sinais Internacional] enquanto pensava sobre o texto dos *slides*.
9’31”	Fez o sinal CERTO em Libras
10’09”	Continuando suas reflexões usou um conjunto de sinais da Libras e da ASL juntos *DOCTOR*, ACEITAR, SOCIEDADE, JUSTIÇA, IX(tela) [apontou longe de tela de *notebook,* sem detalhe sobre alguma palavra, e fez expressão de dúvida com gesto de cabeça “não”], ENTRAR, *NOTHING*, LÍNGUA_DE_SINAIS [em Libras], *CHILDREN*, COMUNIDADE, *WHO*, *DECIDED*, *WHO*, *WHY* ,*WHY*, *TRUE* [em SI], *NEED*, *REASSON*, *NEXT*, *WHO*, *CLEAR*, *IDEA* [ASL], *GOAL*, *CONCEPT*, *A FEW*, *BOTH*, D-I (soletração), E-I (soletração). E, por fim, fez a expressão de dúvida.
11’44”	Ele fez o gesto de positivo com o punho fechado e dedo polegar levantado E(positivo) e sinalizou *FELLING*, *COMPARE*, *PUBLIC*.
12’07”	Então, assistiu ao vídeo com o resumo em Libras.
14’04”	Voltou para *slides*.
14’08”	Terminou os estudos.

Fonte: o próprio autor

Vemos que o P1 buscou diversas palavras em inglês no tradutor do *Google*. É interessante ver que ele sinaliza termos em Libras, ASL e SI, inclusive para ver as diferenças entre os sinais em cada uma das línguas. Passados 14’08”, o participante informou já ter

finalizado sua preparação e estar pronto para a interpretação simultânea intramodal gestual-visual da ASL para a Libras.

6.1.2 O segundo participante: P2

Durante os estudos, o P2 também optou em, primeiramente, abrir os *slides* em inglês. Diferentemente do P1, ele assistiu ao vídeo com o resumo depois de transcorridos 6'04". Assim como o primeiro participante, ele consultou o pesquisador, acessou o *Google* e, algumas vezes, sinalizou consigo mesmo. Vejamos um pouco do que ele fez:

QUADRO 08 – Estudos do P2, antes da tarefa de interpretação.

0'08"	O participante sinalizou *BACKGROUND*.
3'28"	Ele perguntou ao pesquisador se podia procurar o significado de *EI* em inglês no *slide* no *Google.* O pesquisador esclareceu que sim.
3'31"	Abriu a janela do *Google* e escreveu *A. EI* na busca e foi navegar pelos resultados.
3'51"	Então, escreveu *A – EI Interpreter* na busca.
4'38"	No *Google*, apareceu uma lista de *links* e ele clicou em um *link*[46], mas informou não existir a página.
5'01"	Ele clicou em outro *link*[47] e o acessou.
5'53"	O participante perguntou ao pesquisador se podia abrir o vídeo de resumo.
5'58"	Então, abriu o vídeo do resumo e iniciou a reprodução do vídeo.
6'07"	O participante sinalizou VER, SABER e E-I (soletração);
8'02	Terminou de assistir ao vídeo com o resumo.
8'21"	Ele então apontou para si mesmo IX(eu) e sinalizou SABER, SURDO, INTÉRPRETE, A (soletração), E-I (soletração) e fez NÃO balançando a cabeça para os lados.
8'34"	Abriu o *Google* e escreveu *Deaf Interpreter* na procura.
9'21"	Escreveu depois de *Deaf Interpreter* o seguinte *and A*, *EI.*
9'48"	O participante sinalizou INTÉRPRETE, EDUCAÇÃO, NOSSA.
10'24"	Clicou em outro *link*[48].
11'03"	Terminou os estudos.

Fonte: o próprio autor

Vimos que o P2 realizou comparativamente menos buscas na *internet* do que o P1. Talvez ele possua um domínio melhor do inglês ou tenha optado em não se ater ao vocabulário geral. Durante a procura no *Google,* ocorreu o mesmo que havia acontecido com participante 1: não encontraram o significado de *EI.* Entretanto, após assistir ao resumo em Libras, ele retornou às suas buscas na internet e aos 9'48" encontrou o significado de *EI* (no caso, *Educational Interpreter*, Intérprete Educacional, em Português). Aos 11'03", o P2 informou ter

[46] https://mrid.org/Sys/Error/404
[47] https://www.wiu.edu/ProviderConnections/enrollment/mentors.php
[48] https://liberalarts.iupui.edu/wlac/pages/undergraduate-program-folder/american%20sign%20language.php

finalizado sua preparação e estar pronto para realizar a interpretação simultânea intramodal gestual-visual de ASL para Libras.

6.1.3 O terceiro participante: P3

Durante os estudos, o P3 optou por, primeiramente, assistir ao vídeo com o resumo. Após assisti-lo, ele abriu os *slides* em inglês. Ao contrário dos P1 e P2, ele deixou os *slides* para um segundo momento. Assim como os outros dois participantes, ele consultou o pesquisador, acessou o *Google* e, algumas vezes, sinalizou consigo mesmo. Vejamos:

QUADRO 09 – Estudos do P3, antes da tarefa de interpretação.

0'00"	O participante abriu o vídeo com o resumo.
2'09"	Ele perguntou ao pesquisador onde estariam os *slides* em *PowerPoint* e logo os encontrou na aba *Iniciar* do *Windows*.
2'12"	Ele abriu o *PowerPoint*.
2'34"	O participante sinalizou *PERCEPTION*.
4'42"	O participante sinalizou *GOAL* (4x) e *PERCEPTION*.
4'54"	Sinalizou *HAPPEN* (2x) e fez em datilologia *A-C-C-U-R-A-Y* (soletração).
4'56"	Então, perguntou ao pesquisador se podia pesquisar a palavra num dicionário na *internet* e o pesquisador esclareceu que sim.
4'57"	Ele abriu o *Google* e escreveu "*accuray meaning"* na busca. Então apareceu o significado, a definição de palavra no *Google.*
5'20"	O participante sinalizou *NEED*, *SERVICE* e apontou na tela de *notebook* a procura do *Google* IX(tela). Sinalizou *POSSIBLE*, *SERVICE*, *POSSIBLE* e outra vez apontou a tela IX(tela) e então fez *CANADA*.
5'26"	Em seguida, escreveu na procura "*accuray* em português" e apareceu o ícone para o *Google Translate* e ele o usou para traduzir para "precisão" em português.
5'37"	O participante sinalizou É [em Libras] seguido de *SUPPORT*, *WHAT* e *NEED.*
5'40"	O participante escreveu *accuray concept meaning* na procura. Apareceu uma lista de *links.* Então ele apagou a palavra *concept* na procura e ficou *accuray meaning.* Apareceu a definição da palavra, na procura de *Google* e ele clicou em "mais definições e origens de palavras".
6'14"	Voltou para *PowerPoint*.
6'23"	O participante sinalizou *GOAL*.
6'45"	Voltou para a janela de *Google* e escreveu "*mirror interpreter* em português". Apareceu o ícone do *Google Translate* e ele traduziu para "intérprete espelho" em português. Em seguida, escreveu "*shadow interpreter* em português". Apareceu uma lista de *links* e logo, escreveu depois de "*shadow interpreter* em português palavra", obtendo "intérprete de sombra".
7'35"	Voltou para *PowerPoint.*
7'47"	O participante voltou para a janela do *Google* e escreveu "*intervenor* em português*"*. Apareceu o ícone do *Google Translate* e ele traduziu para "interventor" em português. Então escreveu "*intervenor meaning"* na procura e clicou em um *link*[49] na lista de *links.* Logo, depois de ver o *site*, voltou para a lista de *links.* Clicou noutro *link*[50].
8'49"	O participante apontou para tela IX(tela) no décimo *slide* e sinalizou *LAW*, *SERVICE*, *LAW* e *PROCEED.*
8'56"	Voltou para *PowerPoint* e sinalizou PALAVRA, *SUPPORT*, *CLEAR* apontou para a tela IX(tela) no 12º *slide* e fez E(positivo).
9'05"	Terminou os estudos.

Fonte: o próprio autor

[49] https://www.merriam-webster.com/dictionary/intervenor
[50] https://www.vocabulary.com/dictionary/intervenor

O interessante é que o P3 não se preocupou tanto em buscar os significados das palavras em inglês, como fez o P1, e, em alguns poucos momentos, o P2, mas, sim, termos que pareciam ser mais conceituais. O P3 disse ter finalizado sua preparação e estar pronto para realizar a interpretação simultânea intramodal gestual-visual de ASL para Libras aos 9'05". Após essa apresentação geral, e importante pensarmos em alguns aspectos importantes que apareceram no decorrer dos estudos.

Um aspecto interessante que podemos citar aqui é o tipo de estratégias empregadas pelos intérpretes durante esse momento de estudo prévio à tarefa de interpretação (i.e., pré-conferência) (NOGUEIRA, 2016). Assumindo a distinção feita por Alves, Magalhães e Pagano (2002) entre subsídios/recursos internos e subsídios/recursos externos, podemos considerar que durante a fase de preparação, onde os intérpretes têm os *slides* em inglês que serão usados na palestra, eles utilizam tanto recursos externos (e.g., dicionários on-line inglês-português, tradutor automático, *sites* etc.) quanto internos (e.g., inferências, estabelecimento de relações, memória etc.).

Nessa fase preparatória, a internet foi central para os intérpretes buscarem significados de palavras e termos especializados, já que o acesso e a busca são livres e gratuitos. Além disso, os intérpretes tentaram recorrer ao pesquisador que também é intérprete intramodal de Libras-ASL para buscar apoio. Entretanto, vemos que a busca por apoios externos não foi a única estratégia empregada para que pudessem processar as informações dos *slides* de modo eficaz. Observamos em diversos momentos os intérpretes refletindo, tentando lembrar significados e usos dos sinais, atribuindo significados ao texto dos *slides*, identificando é buscando a tradução de palavras-chave etc. Várias vezes registramos os intérpretes sinalizando e interagindo consigo mesmos.

Foi nesse momento de preparação e reflexão que os intérpretes buscaram: (i) lembrar-se dos sinais da ASL para aquelas palavras em inglês que compunham os *slides*; (ii) estabelecer inter-relações entre sinais em ASL e Libras que são usados para as palavras e os conceitos em inglês que estavam presentes nos *slides*; e (iii) realizar as primeiras inferências sobre o tema, o que e como ele seria desenvolvido, quais sinais apareceriam, por exemplo. Vejamos uma tabela comparando o tempo que os intérpretes usaram para buscar apoio externo e o tempo em que se dedicaram a processar o texto em inglês, fazer inferências, identificar relações etc.

TABELA 25 – Busca de apoio externo e interno na preparação

	APOIO EXTERNO	APOIO INTERNO	
	Buscas na Internet	*Reflexões sobre os Slides*	*Sinalização individual*
P1	1’51’’	10’21’’	1’30’’
P2	6’30’’	3’42’’	0’21’’
P3	3’12’’	3’18’’	0’16’’

Fonte: o próprio autor

Observamos que o intérprete P1 dedicou mais tempo à compreensão dos e à reflexão sobre os *slides*, recorrendo bem pouco ao apoio externo. Em relação ao intérprete P3, vemos que o tempo de busca por apoio externo e uso de apoio interno foi bem próximo. Por outro lado, o intérprete P2 buscou por uma pouco mais de tempo o apoio externo. Essa diferença confirma que os participantes possuem perfis bem diferentes, o que se confirma quando verificamos como eles usaram a interpretação e lidaram com os *slides* (ver quadros 7, 8 e 9). O que os intérpretes mais fizeram foi buscar palavras na página inicial do *Google* ou em seu tradutor (P1- cinco palavras; P2- duas palavras e P3- quatro palavras). Vale lembrar que, além da página inicial do Google, poucos *sites* foram acessados (P2- acessou mais três *sites* e P3- acessou mais dois *sites*).

Um aspecto que podemos relatar aqui é que não existem dicionários on-line ou outras ferramentas de tradução automática que traduzam diretamente do inglês para a Libras ou vice-versa. Isso auxiliaria os intérpretes na leitura e compreensão dos *slides* e em sua contextualização. Temos que destacar que só foi possível aos três intérpretes buscarem recursos de apoio restritos, usando o português e o inglês em sua modalidade escrita. Nesse sentido, a interpretação intramodal envolveu: (i) **durante a fase de estudo/pré-conferência** – duas línguas gestuais-visuais em seu uso oral (i.e., ASL e Libras nas mãos dos intérpretes e no vídeo do pesquisador) e duas línguas vocais-auditivas em seu uso escrito (i.e., na internet, anotações e no *slide* em inglês); e (ii) **durante a tarefa de interpretação simultânea** – duas línguas gestuais-visuais em seu uso oral (i.e., ASL e Libras, respectivamente, nas mãos do palestrante e dos intérpretes – algumas vezes a ASL também estava nas mãos dos intérpretes) e uma língua vocal-auditiva em sua modalidade escrita (i.e., inglês nos *slides* apresentados no vídeo).[51]

[51] Estamos considerando as datilologias e sinais soletrados, nesse caso, com parte das línguas gestuais-visuais.

Vemos que as quatro línguas estiveram presentes e ativas durante a atividade dos intérpretes surdos intramodais: português (escrito), inglês (escrito), ASL (oral) e Libras (oral).

6.2 A TAREFA: DADOS DA INTERPRETAÇÃO REALIZADA

A tarefa foi realizada assim que o participante finalizou sua preparação. Como tudo já estava devidamente organizado, o período entre a finalização da fase de pré-conferência e a interpretação simultânea intramodal foi bem curto. O participante foi posicionado no local indicado e, antes de iniciar o registro da tarefa, verificamos com ele se a iluminação estava boa e se ele conseguia ver bem a TV por onde ele receberia o texto fonte em ASL. Além disso, conferimos se o enquadre nas duas filmadoras estava bom (conforme a Figura 4).

Um dos dados que temos refere-se à quantidade de sinais do texto fonte em ASL (i.e., 2327 sinais) em relação à quantidade de sinais de cada um dos textos alvo em Libras. Vemos que há uma diferença significativa, já que os três intérpretes utilizaram menos sinais na sua interpretação em Libras do que o palestrante usou em ASL. Não sabemos se essa diferença teria alguma relação com a taxa de produção dessas línguas, ou seja, se a Libras seria mais sintética que a ASL ou se isso teria relação apenas com o processo interpretativo intramodal e não com uma possível diferença entre as línguas. Portanto, acreditamos que novas pesquisas poderiam verificar isso, inclusive vendo como seria uma interpretação simultânea intramodal da Libras para a ASL. Vejamos os dados na tabela abaixo:

TABELA 26 – Dados da sinalização em Libras

	SINAIS - LIBRAS	MÃO DIREITA	MÃO ESQUERDA	INSERÇÃO DE SINAIS DA ASL	PAUSAS
P1	2263	2252	1255	24 (9 correções)	30
P2	2118	2056	1143	13 (5 correções)	54
P3	2261	2345	1416	120* (38 correções)	59

Fonte: o próprio autor

* O participante 3 produziu o sinal para *Deaf Interpreter* (DI) 41 vezes em ASL, sem tradução para Libras. Essa quantidade não está incluída no total de inserções nem na quantidade de correções, pois consideramos como uma opção de se manter esse sinal sem sua tradução.

Em relação às pausas nos textos alvo em Libras, temos que os intérpretes de certa maneira seguem as pausas do texto fonte. Todos eles fizeram pausas coordenadas com as do palestrante em ASL. É interessante notar que algumas dessas pausas tiveram a finalidade de contribuir com o monitoramento da interpretação enquanto outras foram apenas a reprodução

da pausa do palestrante. As pausas, assim como o *lag time*[52], permitem que o intérprete administre o fluxo de produção do texto alvo em relação ao fluxo de recebimento do texto fonte (RODRIGUES, 2013). Segundo Cokely (1986),

> devido às exigências cognitivas do processo de interpretação, os intérpretes não podem começar a interpretar assim que o orador começa a emitir a mensagem na língua fonte (LF). Eles devem esperar até que tenham ouvido o suficiente da mensagem na LF para então começarem a oferecer a interpretação na língua alvo (LA). Este tempo transcorrido desde o recebimento do enunciado da LF até sua interpretação e oferecimento na LA é o *lag time* [tempo de escuta] ou decalage. (p. 344, tradução minha).[53]

Vejamos como foi o *lag time* em cada um dos intérpretes:

TABELA 27 – *Lag Time*: tempo entre o recebimento do texto e sua interpretação

MOMENTO NO TEXTO FONTE		**CORRESPONDÊNCIA NO TEXTO ALVO**			
Palestrante		**Intérprete:**	**P1**	**P2**	**P3**
Apresentação inicial – duração: 0’03”					
Início da Sinalização	0’04”	Início da Interpretação	0’10”	0’08”	0’05”
Término da Sinalização	0’32”	Término da Interpretação	0’38”	0’37”	0’34”
1° *slide* – duração: 0’03”					
Início da Sinalização	0’35”	Início da Interpretação	0’42”	0’39”	0’37”
Término da Sinalização	1’12”	Término da Interpretação	1’19”	1’15”	1’13”
2° *slide* – duração: 0’03”					
Início da Sinalização	1’15”	Início da Interpretação	1’20”	1’18”	1’16”
Término da Sinalização	2’04”	Término da Interpretação	2’09”	2’07”	2’04”
3° *slide* – duração: 0’05”					
Início da Sinalização	2’13”	Início da Interpretação	2’19”	2’15”	2’14”
Término da Sinalização	4’31”	Término da Interpretação	4’37”	4’34”	4’32”
4° *slide* – duração: 0’08”					
Início da Sinalização	4’39”	Início da Interpretação	4’45”	4’42”	4’41”
Término da Sinalização	8’37”	Término da Interpretação	8’43”	8’41”	8’38”
5° *slide* – duração: 0’05”					
Início da Sinalização	8’43”	Início da Interpretação	8’49”	8’45”	8’44”
Término da Sinalização	9’54”	Término da Interpretação	10’02”	9’56”	9’53”
6° *slide* – duração: 0’05”					
Início da Sinalização	10’02”	Início da Interpretação	10’08”	10’05”	10’03”

[52] Termo usado para indicar o tempo transcorrido entre o recebimento do texto fonte pelo intérprete e o seu oferecimento do texto alvo. Alguns autores usam o termo *time lag* ou *décalage* (em francês).

[53] *Because of the cognitive demands of the interpretation process, interpreters cannot immediately begin interpreting when the speaker begins uttering the source language (SL) message. They must wait until they have heard a sufficient portion of the SL message before beginning to produce the target language (TL) rendition. This period of time between the SL utterance and the TL rendition is the interpreter's lag time or decalage.*

Término da Sinalização	10’11”	Término da Interpretação	10’17”	10’13”	10’11”
7° *slide* – duração: 0’05”					
Início da Sinalização	10’18”	Início da Interpretação	10’24”	10’22”	10’19”
Término da Sinalização	12’01”	Término da Interpretação	12’06”	12’04”	12’00”
8° *slide* – duração: 0’05”					
Início da Sinalização	12’07”	Início da Interpretação	12’12”	12’10”	12’08”
Término da Sinalização	14’03”	Término da Interpretação	14’07”	14’07”	14’03”
9° *slide* – duração: 0’08”					
Início da Sinalização	14’13”	Início da Interpretação	14’19”	14’16”	14’13”
Término da Sinalização	15’32”	Término da Interpretação	15’37”	15’35”	15’32”
10° *slide* – duração: 0’05”					
Início da Sinalização	15’39”	Início da Interpretação	15’44”	15’41”	15’39”
Término da Sinalização	17’24”	Término da Interpretação	17’28”	17’26”	17’21”
11° *slide* – duração: 0’05”					
Início da Sinalização	17’30”	Início da Interpretação	17’36”	17’33”	17’30”
Término da Sinalização	18’33”	Término da Interpretação	18’37”	18’36”	18’33”
12° *slide* – duração: 0’05”					
Início da Sinalização	18’39”	Início da Interpretação	18’44”	18’41”	18’39”
Término da Sinalização	19’52”	Término da Interpretação	19’57”	19’54”	19’51”
13° *slide* – duração: 0’05”					
Início da Sinalização	19’59”	Início da Interpretação	20’04”	20’01”	19’59”
Término da Sinalização	20’49”	Término da Interpretação	20’54”	20’52”	20’49”
14° *slide* – duração: 0’05”					
Início da Sinalização	20’56”	Início da Interpretação	21’00”	20’58”	20’56”
Término da Sinalização	22’14”	Término da Interpretação	22’20”	22’19”	22’15”

Fonte: o próprio autor

Notamos que o tempo entre o recebimento do texto fonte em ASL (i.e., *input*) e o início de sua interpretação para Libras (i.e., *output*) varia tanto entre os intérpretes quanto em um mesmo intérprete no decorrer da palestra. Entretanto, se considerarmos o comportamento geral de cada um dos intérpretes, individualmente, verificamos que há certo padrão de *lag time*, ou seja, o intérprete segue um determinado ritmo entre ver a sinalização e iniciar sua interpretação. Na tabela abaixo, podemos ver o menor *lag time* encontrado durante a sinalização, assim como o maior, em cada um dos intérpretes (veja a tabela 28, acima).

TABELA 28 – Menor e maior *lag time* dos participantes

Duração	**P1**	**P2**	**P3**
menor – maior	5” – 7”	2” – 4”	0” – 3”

Fonte: o próprio autor

É interessante observar que temos três comportamentos bem diferentes entres os intérpretes intramodais durante a simultânea. O intérprete P1 tem como menor *lag time* 5”, o qual é maior que o maior *lag time* de P2 e de P3, respectivamente, 4” e 3”. Dentre os intérpretes,

P3 é o que possui o menor *lag time*. Seu comportamento evidencia que em diversos momentos ele inicia sua interpretação junto ao início da sinalização do palestrante sem esperar que este conclua a ideia/frase para que ele possa construir o sentido desse trecho do texto fonte, compreendendo-o em ASL, para, só então, interpretar e oferecer o texto em Libras.

Estudos sobre o *lag time* consideram que ele pode variar de acordo, por exemplo, com a proximidade ou distância das línguas que compõem o par-linguístico (COKELY, 1986). Assim sendo, línguas com estruturas mais próximas, mais parecidas, permitiriam um *lag time* menor e línguas com estruturas muito distintas exigiriam um *lag time* maior. De acordo com Cokely (1986), teríamos *lag times* que vão de 2" a 3" até aqueles que chegam a 10". Portanto, com base em algumas discussões (COKELY, 1986; RODRIGUES, 2013; BARBOSA, 2014, entre outros) podemos pensar em pelo menos três tipos de *lag time*: (i) um *lag time* insuficiente, muito curto; (ii) um *lag time* adequado; e (iii) um *lag time* excessivo, muito longo.

De certo modo, podemos considerar que o comportamento do intérprete P3, no que refere ao seu quase inexistente *lag time*, foi um dos responsáveis por seu grande número de inserções de sinais da ASL no texto alvo em Libras (confira na quarta coluna da Tabela 26 acima). Segundo Cavallo, durante a interpretação simultânea, os intérpretes "devem controlar continuamente sua produção para que não se realizem fenômenos de troca linguística, dividindo seus recursos de atenção entre múltiplos focos" (2015, p. 65). Assim, o monitoramento do fluxo de recebimento do texto fonte, em relação ao oferecimento do texto alvo, exige do intérprete a habilidade de controlar a influência de uma língua sobre a outra, principalmente, quando essas línguas são de uma mesma modalidade.

Embora nosso foco não seja a análise de "equívocos" dos intérpretes, mas, sim, a descrição do processo interpretativo simultâneo intramodal, a comparação do total de inserções de sinais da ASL no texto alvo em Libras com o *lag time* demonstra que o intérprete P2 — que manteve um *lag time* mais constante e com menor variação (entre 2" e 4") — foi aquele que realizou menos inserções, ou seja, que menos empregou sinais da ASL em sua sinalização em Libras: que controlou melhor a interferência da ASL em sua sinalização em Libras.

Além disso, proporcionalmente, P2 foi quem mais percebeu essa interferência (i.e., a inserção de sinais da ASL em seu texto alvo em Libras) e, por sua vez, o que mais a corrigiu, substituindo imediatamente alguns sinais da ASL que apareceram em sua interpretação por sinais da Libras (i.e., P2 corrigiu 38,46% do total de inserções que encontramos em seu texto

alvo, enquanto P1 corrigiu 37,5% e P3 corrigiu apenas 31,67%). Se considerarmos que essa inserção de sinais do texto fonte no texto alvo pode ser vista como o que Cokely (1986) chamou de "intromissão lexical" (em inglês, *lexical intrusion*), podemos vê-la como um "equívoco" sempre que ela comprometer a compreensão do público alvo. Para Cokely, na interpretação intermodal, haveria uma relação entre essas intromissões e o *lag time*, pois

> à medida que o grau de sincronia temporal entre a mensagem na LF [língua fonte] e a interpretação na LA [língua alvo] aumenta, também aumenta a frequência de erros. A principal razão para isso é a quantidade da mensagem da LF disponível para o intérprete. Quanto maior o *lag time*, mais informações estarão disponíveis; quanto mais informação disponível, maior o nível de compreensão. Claramente, há um limite temporal, pois abaixo desse limite as informações serão insuficientes para o intérprete.[54] (1986, p. 373, tradução minha).

Diante disso, podemos inferir que na interpretação simultânea intramodal, assim como na intermodal, há uma relação entre a inserção de sinais da língua fonte na língua alvo com o *lag time*. Entretanto, são necessários novos estudos capazes de verificar se essa relação seria diretamente proporcional, inversamente proporcional ou de outra ordem, visto que o que encontramos aqui foi: (i) o *lag time* muito reduzido vinculou-se ao maior número de inserções de sinais do texto fonte no texto alvo (e.g., P3); (ii) o *lag time* mais constante, com menor variação, vinculou-se ao melhor controle de inserções de sinais do texto fonte no texto alvo (e.g., P2); e (iii) o maior *lag time* não se vinculou ao melhor de controle de inserções de sinais do texto fonte no texto alvo, já que talvez ele tenha sido um *lag time* excessivo (e.g., P1).

Após apresentarmos alguns dados sobre a preparação para a tarefa e a própria tarefa, seguiremos para a reflexão dos participantes sobre o seu desempenho durante a tarefa, suas escolhas, tomadas de decisão etc.

---

[54] […] *as the degree of temporal synchrony between the SL message and TL interpretation increases, so does the frequency of miscues. The primary reason for this is the quantity of the SL message available to the interpreter. The greater the lag time, the more information available; the more information available, the greater the level of comprehension. Clearly there is a temporal threshold below which insufficient information cannot be available to the interpreter.*

6.3 OS TAPS: DADOS DA REFLEXÃO SOBRE A TAREFA

Como já mencionamos, os Protocolos Verbais Retrospectivos (TAPs) nos ajudam a compreender o que passou na mente dos intérpretes intramodais surdos enquanto interpretação da ASL para a Libras. Apresentaremos a seguir tanto os TAPs livres quanto os guiados.

A coleta dos TAPs ocorreu logo depois da interpretação intramodal gestual-visual ASL-Libras; e para o registro dos protocolos, foram utilizados duas câmeras e um monitor. Os intérpretes tiveram acesso à sua interpretação nesse monitor, a imagem trazia dois vídeos simultâneos acoplados, os quais ficaram como um único vídeo, sendo exibidos ao mesmo tempo — vídeo do participante junto ao vídeo do palestrante — no *software Adobe Premiere*. Deste modo, o participante pode assistir a sua interpretação e falar sobre ela, tanto de forma livre quanto guiada pelo pesquisador.

FIGURA 8 – A Interface do *Premiere* como insumo ao intérprete

Fonte: o próprio autor – à direita o vídeo do palestrante (texto fonte) e à esquerda o vídeo do intérprete (texto alvo)

Nos TAPs guiados, cortes do vídeo do palestrante foram mostradas aos participantes e o pesquisador fez perguntas a eles. Portanto, num primeiro momento, o participante falou sobre os problemas de interpretação selecionados do texto fonte de forma livre e, num segundo momento, o pesquisador fez perguntas, inclusive sobre os possíveis problemas não percebidos pelos participantes. Podemos dizer que realizamos: TAP 1 – protocolos verbais livres; TAP 2 – protocolos verbais guiados.

6.3.1 TAPs Livres: P1, P2 e P3

No TAP Livre, os participantes assistiram a sua interpretação e falaram sobre ela sem intervenção do pesquisador, logo depois de encerrar a interpretação intramodal gestual-visual ASL-Libras. Os intérpretes intramodais surdos fizeram diversos comentários assistindo ao vídeo de sua interpretação em Libras ao lado do vídeo do palestrante em ASL. Vejamos:

QUADRO 10 – TAP 1: comentários de P1 sobre sua interpretação

TEMPO	COMENTÁRIOS
0'17"	Logo no começo da apresentação do palestrante, o participante comentou que, durante a interpretação, fez os mesmos sinais de ASL que o palestrante.
0'28"	O participante comentou que omitiu alguns sinais da apresentação do palestrante.
0'36"	O intérprete pausou o vídeo e comentou que quando o palestrante fez o sinal de *INTERNATIONAL* e pensou em interpretar para o sinal de *internet* em Libras, mas quando o palestrante sinalizou *TRAVEL* e falou que viaja em mundo todo, percebeu que o sinal era para ser MUNDO.
0'49"	Voltou a reproduziu o vídeo.
1'16"	Comentou que repetiu o mesmo sinal *INTERNATIONAL*.
1'54"	Percebeu e comentou que atrasou um pouco a interpretação e que precisava se aproximar mais do tempo da sinalização do palestrante.
2'56"	Percebeu algumas diferenças na interpretação.
3'36"	Comentou que percebeu a confusão durante sua sinalização no uso do espaço.
4'23"	Complementou algumas frases em Libras, acrescentou explicações na interpretação.
5'35"	Comentou que a partir desse momento sua interpretação melhorou.
7'54"	Afirmou ter feito uma boa interpretação.
10'38"	Percebeu que se perdeu, nesse momento, e explicou ter sido por causa do termo *mirror interpreter*, já que pensou que fosse um intérprete na frente do espelho.
11'01"	Percebeu e comentou ter omitido alguns sinais.
11'10"	Comentou que não conhece nem sabe o significado do sinal *INTERVENOR* o que fez com que, durante a interpretação, ele se perdesse.
12'17"	Comentou que nesse momento a interpretação melhorou e que mesmo tendo suas falhas foi uma boa interpretação.
12'32"	Disse conhecer esse tema.
13'41"	Comentou que, nesse momento, se sentiu confuso na interpretação e "parou" a interpretação por um instante para pensar um pouco.
14'31"	Comentou que, se sentiu confuso também na interpretação, nesse momento.
16'04"	Percebeu que se atrasou muito na interpretação.
16'47"	Comentou que omitiu um sinal.
18'07"	Percebeu que melhorou a interpretação, conseguindo se aproximar mais do tempo da sinalização do palestrante.
20'47"	Disse que confundiu o número, que foi 3 ao invés de 2.
22'24"	Comentou que não entendeu a informação em ASL.
22'56"	Percebeu e mencionou seu erro devido a não entender.
23'09"	O intérprete terminou de assistir ao seu vídeo interpretando e comentou que a interpretação foi mais ou menos difícil, que teve omissões e que fez complementos. E ainda disse que acontece com todos os intérpretes também. A dificuldade é a mesma para todos.

Fonte: o próprio autor com base nos dados do TAP

QUADRO 11 – TAP 1: comentários de P2 sobre sua interpretação

TEMPO	COMENTÁRIOS
0’49”	O intérprete comentou que omitiu o sinal CANADÁ em sua interpretação, mas não mencionou o motivo.
1’03”	O intérprete comentou que omitiu o sinal WASLI em sua interpretação, mas não mencionou o motivo.
3’55”	Ele disse que ficou boa sua interpretação.
4’33”	Comentou que, às vezes, não precisa de ajuda, mas que nesse momento, precisava.
4’54”	Disse que o palestrante não citou o intérprete ouvinte e que precisou complementar com uma explicação.
5’18”	Comentou que percebeu a confusão durante sua sinalização no uso do espaço.
5’36”	Percebeu que não tinha sinalizado o número 4 em Libras o se referir ao ano.
5’50”	O intérprete comentou que omitiu o sinal *RELAY* em sua interpretação, mas não mencionou o motivo.
7’08”	Ele comentou ter mantido a sinalizou em ASL *MISSED THAT*.
8’33”	Comentou que sua interpretação foi mais ou menos nessa parte.
10’19”	Mencionou que manteve a sinalização em ASL *MISSED ASP*.
11’16”	O intérprete comentou que omitiu o sinal *PUBLIC* em sua interpretação, mas não mencionou o motivo.
13’46”	Comentou que o que ele sinalizou e o que palestrante sinalizou ficaram parecidos.
15’16”	Comentou que, nesse momento, a interpretação não ficou boa
15’44”	Percebeu que omitiu alguns sinais.
20’13”	O intérprete comentou que omitiu novamente o sinal *RELAY* em sua interpretação, mas não mencionou o motivo.
20’31”	Comentou que não era para interpretar assim, que está errado.
22’30”	Ele terminou de assistir ao vídeo. Disse que errou bastante só no final, mas que o restante da interpretação ficou muito boa.

Fonte: o próprio autor com base nos dados do TAP

QUADRO 12 – TAP 1: comentários de P3 sobre sua interpretação

TEMPO	COMENTÁRIOS
0’16”	O intérprete percebeu e comentou que soletrou o número errado.
0’54”	Ele pausou o vídeo e comentou que percebeu que quando interpretou, sinalizou alguns sinais de ASL sem querer na interpretação.
1’17”	Voltou a reproduzir o vídeo de sua interpretação.
1’23”	Nesse momento, disse que se perdeu na interpretação, no contexto.
2’07”	Comentou que o palestrante sinalizou muito rápido e que por isso não conseguiu acompanhar muito bem. Ainda disse que perdeu muito nessa parte.
3’08”	Pausou o vídeo e disse que percebeu que pegou o sinal de ASL *ROLE* como fosse um empréstimo. E disse que poderia ter estudado esse termo antes.
3’28”	Voltou a reproduzir o vídeo de sua interpretação.
4’52”	Pausou novamente o vídeo. Comentou que perdeu uma parte importante e poderia interpretar essa parte.
5’11”	Voltou a reproduzir o vídeo de sua interpretação.
5’42”	Disse a si mesmo que fez esses sinais ANJO SANTO e que poderia interpretar de outra forma.

6’20”	Pausou o vídeo. Comentou que o sinal *BACKGROUND* não combinou tanto com a interpretação que ele mesmo fez e ainda disse que não teve tempo para pensar em como iria interpretar melhor.
6’50”	Voltou a reproduzir o vídeo de sua interpretação.
6’59”	Comentou que omitiu alguns sinais.
7’21”	Comentou ter percebido que se atrasou na interpretação.
7’26”	Percebeu que sinalizou os sinais de ASL sem querer na interpretação.
8’24”	Pausou o vídeo. Comentou que quando o palestrante citou *CDI*, o sinal de certificado, interpretou o sinal de certificado de Libras, mas achou que ficou fora de contexto porque o conceito de *CDI* é diferente. O conceito é que um intérprete surdo recebe o seu certificado para poder trabalhar profissionalmente. Achou que não teve o tempo de explicar o significado desse *CDI*.
9’04”	Voltou a reproduzir o vídeo de sua interpretação.
10’44”	Pausou o vídeo. Percebeu que, nesse momento, sinalizou na interpretação de modo não muito claro e comentou que tentou expressar com o mesmo uso de expressões faciais do palestrante e não deu muito certo essa interpretação porque o palestrante estava sinalizando muito rápido. E comentou que poderia ter interpretado de forma clara para Libras.
11’11”	Voltou a reproduzir o vídeo de sua interpretação.
11’19”	Disse que soletrou algumas palavras em inglês sem querer na interpretação.
12’21”	Comentou que esqueceu de soletrar algumas palavras.
12’29”	Pausou o vídeo. Comentou que quando o palestrante soletra, ele se preocupa em soletrar também por causa de tempo de interpretação que iria ficar atrasado.
13’11”	Voltou a reproduzir o vídeo de sua interpretação.
13’15”	Comentou que quando fez o sinal de *ROLE* sem querer, e poderia interpretar para o sinal de MODELO.
13’51”	Comentou que sinalizou alguns sinais de ASL sem querer, que poderia interpretar para Libras nessa parte.
14’12”	Comentou que não consegue imitar as expressões faciais do palestrante, pois as expressões dele são bem difíceis.
15’31”	Considerou que ficou atrasado na interpretação.
15’39”	Comentou que sinalizou o sinal *SAME TIME* em ASL sem querer.
16’06”	Pausou o vídeo. Mencionou que está acostumado a traduzir o sinal *MEDICINE* para *REMÉDIO* e que deveria traduzir para MEDICINA, já que era o que palestrante queria dizer. Destacou que esse sinal é usado para dois.
16’36”	Voltou a reproduzir o vídeo de sua interpretação.
16’58”	Falou que se perdeu muito nessa parte.
17’59”	Disse que sua interpretação melhorou bastante nessa parte.
18’42”	Pausou o vídeo. Comentou que está preocupado se o público entenderia a sua interpretação, o seu jeito de interpretar.
19’04”	Voltou a reproduzir o vídeo de sua interpretação.
20’05”	Pausou o vídeo. Comentou que não sabia como interpretar o sinal *APPROPRIATE* para Libras e que ainda nem sabe como fazer isso para Libras.
21’04”	Voltou a reproduzir o vídeo de sua interpretação.
21’25”	Voltou a disser que é impossível imitar as expressões faciais do palestrante.
21’51”	Falou que a interpretação continuou boa.
22’18”	Pausou o vídeo. Disse que o palestrante não fez muito aquela coisa de “falar” com a boca inglês ao mesmo tempo que estava sinalizando, mas que quando interpretou nesse momento, se sentiu obrigado em “falar” português, articulando com a boca ao mesmo tempo em que está sinalizando.
22’45”	Voltou a reproduzir o vídeo de sua interpretação.
22’58”	Viu que sinalizou *EXACTLY* sem querer e que poderia interpretar para CERTO com duas mãos.
24’37”	Disse que se atrasou um pouco na interpretação dessa parte.
25’16”	Nessa parte, falou que conseguiu chegar ao tempo certo na interpretação, mas que depois se atrasou de novo.

26’01”	Disse que sinalizou *SITUATION* sem querer e poderia interpretar para SITUAÇÃO.
26’19”	Finalizou e comentou que achou que omitiu muito, porque achou difícil interpretar alguns sinais de ASL para Libras e que nem teve tempo de estudar mentalmente como interpretaria esses sinais e viu única opção era omitir para não perder tanto o discurso de palestrante.

Fonte: o próprio autor com base nos dados do TAP

Vemos que os três intérpretes falam sobre questões que percebem em seu texto alvo, tais como a manutenção de sinais da ASL, algumas omissões e acréscimos, necessidade de ajustar o ritmo da sinalização, momentos em que consideraram sua interpretação melhor, partes em que sua interpretação teria deixado a desejar etc. Vemos que dois aspectos podem ser facilmente identificados. O primeiro deles se refere às reflexões que os intérpretes fazem durante a sinalização, as quais guiam suas tomadas de decisão. E o segundo aos momentos em que algum tipo de automatismo os faz optar por alguma tradução que, segundo eles, deveria ter sido realizada de outra maneira ou ter sido mais bem pensada/elaborada.

TABELA 29 – Duração do TAP Livre

	P1	**P2**	**P3**
Duração	**23’09”**	**22’30”**	**26’19”**

Fonte: o próprio autor

Em relação à duração dos TAPs Livres, temos que o tempo do intérprete P2 é exatamente o mesmo do texto fonte, já que ela não fez nenhuma pausa no vídeo. O intérprete P1 pausou o vídeo uma vez para fazer comentários e o intérprete P3 pausou por onze vezes. Embora todos tenham recebido a mesma orientação em relação ao como seriam coletados os TAPs cada um se comportou de uma maneira. Vale observar que o intérprete que menos comentou sobre sua sinalização (i.e., P2) parece ter sido a que considerou sua interpretação como mais satisfatória, entre os três. Além disso, em relação aos dados do *lag time* parece ter sido a que melhor administrou o fluxo de recepção do texto fonte em relação ao oferecimento do texto alvo.

É interessante notar que, embora mencionem diversas percepções, comentem sua interpretação e identifiquem falhas e acertos, muitas vezes, os intérpretes não mencionam os motivos que os teriam conduzido a determinada escolha. Devido exatamente a isso, é que optamos em realizar um TAP guiado, no qual o pesquisador pode fazer questões sobre alguns tópicos específicos já previamente selecionados. Vejamos.

6.3.2 TAPs Guiados: P1, P2 e P3.

Nesse segundo momento de coleta dos TAPs, foram mostrados trechos do vídeo em ASL, já previamente selecionados pelo pesquisador, aos participantes e realizadas perguntas em Libras. Os participantes respondem em Libras. As respostas foram também gravadas em vídeos, assim como no primeiro TAP. A diferença do TAP anterior é que o pesquisador selecionou problemas de interpretação e interferiu com algumas perguntas. Vejamos os problemas selecionados:

QUADRO 13 – Problemas de intepretação

	GLOSAS	PROBLEMA
1	E(next-down) . NATIONAL . CONFERENCE . STAGE . EXAMPLE . **CANADA . ASSOCIATION . VISUAL . LANGUAGE . INTERPRETER . CANADA . FS(avic) .** E(so) . DIFFERENT . WORKSHOP . E(so) . GUEST . CANADA . STAGE . IX(middle_finger) . E(next_down) . INTERNATIONAL;	Referência à *Association of Visual Language Interpreter of Canada* (em Português, Associação de Intérpretes de Língua Visual do Canadá) com a soletração da sigla dessa associação. Dificuldade para captar essa informação.
2	BUT . PROFESSIONAL . STILL . NEW+ . **PLENTY .** PRATICE . IX(finger) . HAVE . DEVELOP . SKILL . HAVE . **PLENTY .** OUT . AREA . E(more_or_less) . DONT . MUCH . THERE . DEVELOP+ . E(next) . IX(there) . E(so) . IF . DV(bring) . FS(di) . THERE . PLENTY . MEAN . SUFFICIENT.	Uso do sinal *PLENTY* (que significa em Português "suficiente"). Como esse sinal não é tão conhecido (vemos que o público interrompeu e perguntou o significado) pode ser um problema até o momento que o palestrante explica o seu significado.
3	X(frame) . DEAF . BLIND . INTERPRETER . DEAF . BLIND . **INTERVENOR** . **FS(ssp)** . DIFFERENT . SEPARATE . DIFFERENT . DEAF . INTERPRETER . MEAN . INCLUDED . GUIDE . E(area) . DIFFERENT . ROLE . SEPARATE . IMPORTANT . NOTICE . THAT . ROLE . DIFFERENT . THAT . FS(di) . IX(di) . E(what) . INVOLVE . THAT . AREA . RESPONSIBLE . AREA . WHICH . MIX . CLEAR . SEPARATE;	Destacamos o sinal *INTERVENOR* que faz referência ao profissional que presta serviços aos surdocegos seguido da soletração *SSP*. Essas informações estão nos *slides*. Assim queremos perceber como os intérpretes integram as informações visuais dos *slides* à sua sinalização.
4	E(sign) . OR . E(sign) . CLEAR . B(sign) . PLUS . **BING** . WHO . LECTURE . B(copy-message) · SI · SIGN · SAME . EQUAL . **NOT . ALWAYS . NOT . ALWAYS** . E(so);	Aqui temos o sinal *BING* que é um sinal marcado culturalmente que os surdos americanos usam para se referir por exemplo ao momento quando um surdo apaga as luzes para chamar outro de longe. Além disso, temos o uso de *NOT ALWAYS* como "nem sempre" e queremos ver como os intérpretes lidam isso.
5	ENGLISH . ASL . ENGLISH . INTERPRETER . E(get) . ASL . TRANSLATE . SPOKEN . ENGLISH . HEAR . ENGLISH . TRANSLATE . ASL . THAT . BASIC . POINT . BUT . FS(di) . CONFUSE . E(what) . IX(me) . FS(di) . IX(me) . SIGN . BUT . TOO . IX(me) . SUPPORT . CAN' T . IX(me) . TWO . ROLE . CAN'T . IX(me) . BOTH . **ROLE**.	Nesse trecho temos o uso do sinal *ROLE* que indica a função, o papel assumido. Nesse caso seria o papel do intérprete. Queremos ver como esse sinal foi compreendido e interpretado em Libras.
6	IX(frame) . HEARING . INTERPRETER . HOW . INCLUEDED . E(person_side_other_person) . REALY . ALMOST . **ANY SITUATION** . HAPPEN . CHILD .	Temos aqui os sinais *ANY SITUATION* . que vão indicar em qualquer situação.

	IX(frame) . CHILD . IX(that) . E(child_signing) . LOOK . MAYBE . IX(mental) . PYCHOLOGICAL . THEM . EVALUATE . IX(that).	Queremos ver se essa informação foi percebida e se foi interpretada em Libras.

Fonte: o próprio autor

Considerando esses trechos acima, apresentamos cada um deles aos intérpretes perguntando se tiveram alguma dificuldade nesse trecho, em caso afirmativo, qual seria ela. Após isso, mencionamos cada possível problema que identificamos e pedimos ao intérprete que pudesse comentá-lo em relação à sua interpretação. Obtivemos o seguinte:

QUADRO 14 – TAP 2: comentários de P1 sobre a interpretação de trechos selecionados

1	Comentou que o palestrante tem as suas experiências de interpretação em todo o lugar de Canadá e em todo o mundo. Falou que o palestrante mencionou um lugar que parece com uma instituição com esse nome *AVC* (o mesmo participante soletrou assim, embora o certo seja *AVIC*). E complementou que se perdeu na soletração que o palestrante fez.
2	Comentou que o palestrante falou sobre a formação de intérpretes surdos onde ele está seria fraca. Sobre *PLENTY,* o participante achou que fosse treinamento ou falta de treinamento.
3	Não notou a soletração *SSP*. Comentou que o palestrante explicou que o intérprete surdo não é só para os surdocegos e existe outro profissional para surdocegos também, mas não sabe o que é esse profissional (*INTERVENOR*).
4	Comentou que sempre que um intérprete interpreta para o sistema de Sinais Internacionais, a interpretação em SI tem que ser de forma clara, não igual a o jeito de sinalização de palestrante.
5	Explicou que o intérprete ouvinte tem a sua responsabilidade de interpretar do inglês para ASL e vice-versa e o intérprete surdo só serve para o apoio e não tem a mesma responsabilidade que o intérprete ouvinte.
6	Explicou que o intérprete surdo tem que estar em qualquer situação como a situação de criança surda que tenha "problemas mentais"

Fonte: o próprio autor

Em relação ao primeiro trecho que selecionamos (Quadro 13), assim como esperado, o intérprete P1 teve dificuldades em perceber a soletração *A-V-I-C,* já que, de fato, o palestrante soletrou bem rápido. É interessante notar que, como o palestrante sinalizou os sinais correspondentes a cada letra de sigla *AVIC* antes de fazer a sigla, o intérprete P1 pode inferir que o palestrante estava mencionando algum lugar ou uma instituição com essa sigla, como observamos no TAP2. Entretanto, na interpretação, o intérprete P1 não mencionou a associação, omitindo o trecho sobre ela. Vemos que ele comentou que, nesse momento (como mostra o Quadro 10, em 1'54''), se atrasou na interpretação e precisou se aproximar mais da sinalização do palestrante.

No que se refere ao segundo trecho, vinculado à explicação do palestrante de que os intérpretes precisam ter o seu treinamento e que esse treinamento tem que ser "suficiente", vemos que o intérprete P1 não teve dificuldades com o sentido da mensagem. Entretanto, vale

notar que mesmo sem dominar o sinal *PLENTY*, como o P1 comentou aos 3'36" do TAP2 (Quadro 10), ele conseguiu interpretar. Mesmo após a interpretação, P1 afirmou não saber o significado do sinal *PLENTY*. Isso ocorrer porque quando a plateia perguntou ao palestrante o significado desse sinal, ele estava desatento naquele momento rápido de explicação do palestrante, pois estava concluindo sua interpretação e sinalizando ÁREA em Libras.

Durante o terceiro trecho mencionado (Quadro 13), o P1 disse que não notou a soletração *S-S-P* que o palestrante fez e que não soube o significado de *INTERVENOR*. Entretanto, ele entendeu que o palestrante se referia a outra profissão. Na interpretação, ele indicou isso. Vemos que aos 11'10" (Quadro 10), ele comentou que ficou perdido quando viu o sinal desconhecido *INTERVENOR* e que, durante a preparação, pré-conferência, não chegou a pesquisar a palavra em inglês (ela está no sétimo *slide*, confira no anexo 3).

Nesse quarto trecho (Quadro 13), o intérprete P1 entendeu a mensagem, mas não notou o sinal *BING* nem o *NOT ALWAYS.* Na interpretação, antes de o palestrante fazer o sinal *BING,* notamos que o P1 olhou para as mãos enquanto sinalizou. Assim, no momento quando o palestrante sinalizou *BING,* ele fez uma pausa de 2". E, logo depois, quando voltou a interpretar na parte que mencionava *NOT ALWAYS*, ele sinalizou NUNCA. É interessante notar como o foco de atenção constantemente posto no palestrante exige um esforço extra do intérprete que não pode nem mesmo olhar sua própria sinalização.

No quinto trecho (Quadro 13), o intérprete P1 usou o sinal de RESPONSABILIDADE como o termo que traduz o sinal de *ROLE.* Pudemos observar, que a palavra *ROLE* consta no 13º *slide*, em seu título "*ROLE & RESPONSABILTIES"*. Portanto, isso já demonstra um proximidade e, ao mesmo tempo, diferença entre os termos. Durante os estudos, o P1 não chegou a pesquisar algo sobre esse termo do título.

Por último, no sexto trecho, conseguiu interpretar, mas o palestrante não mencionou que a criança tenha "problemas mentais", explicou apenas que se tem que avaliar a criança de acordo com a jeito dela. Durante a interpretação, o P1 interpretou da mesma forma que no trecho, mas desta vez, teve uma "inserção de sinal de ASL".

Agora veremos os comentários de P2:

QUADRO 15 – TAP 2: comentários de P2 sobre a interpretação de trechos selecionados

1	O participante viu a dificuldade em perceber a soletração e achou que fosse assim *ADC.* Ficou confundindo com a letra do meio "D", depois pensou que poderia ser "F", ou seja, *AFC.* Depois pensou, novamente, que poderia ser também "T". E comentou que poderia ser uma sigla de alguma associação de intérpretes.
2	Disse que conhece o sinal *PLENTY*, mas não se recorda do significado. Achou que poderia ser "estimular".
3	Comentou que existiria duas profissões diferentes: intérprete para surdocegos e intérprete "assistente-social" para surdocegos e ainda disse que conhece o sinal *INTERVENOR* que significa que é assistente social, mas desconhece *SSP* (soletração). E achou que poderia ser de algum serviço público.
4	Entendeu "nem sempre". E sobre *BING,* conhece o termo, mas não soube como explicar em Libras nem traduzir.
5	Em relação a *ROLE* não soube o significado. E pensou que poderiam ser "regras".
6	Disse ser "qualquer lugar".

Fonte: o próprio autor

No primeiro trecho (Quadro 13), o P2 teve dificuldades em notar a soletração, mas inferiu que seria a sigla de alguma associação de intérpretes, já que o palestrante explicou isso antes da soletração. Durante a interpretação, quando o palestrante falou sobre a associação, antes de soletrar *A-V-I-C*, o P2 fechou os olhos, parece que estava pensando em como interpretar o que o palestrante tinha acabado de dizer. Logo, no momento em que o palestrante soletra a sigla, o intérprete sinalizou olhando para o sinal LUGAR, falando sobre a conferência que o palestrante falou antes de falar sobre a associação e assim omitiu uma frase.

No segundo trecho, notou o sinal *PLENTY*, mas não se recorda bem do que ele significa. Achou que poderia ser ESTIMULAR, já que o palestrante praticamente explicou que é preciso que o treinamento do intérprete surdo seja bastante "suficiente". Na interpretação, interpretou da mesma assim.

Logo no terceiro trecho, o P2 disse que desconhece o significado da soletração de *S-S-P*. Ele achou que poderia ser algum serviço público. Durante a interpretação, não soletrou *S-S-P* nem traduziu *INTERVENOR* para Libras*,* e sinalizou NOME. Como o P2, ele não chegou a pesquisar durante preparação de pré-conferência o que seria *INTERVENOR* (ela está no sétimo *slide*, confira no anexo 3).

No quarto trecho, notou os dois problemas, conseguiu interpretar um deles. Os sinais seriam *NOT ALWAYS,* que em Libras seria NEM SEMPRE e *BING* que disse que sabia o significado e não soube como interpretar. Durante a interpretação, omitiu o sinal *BING,* mas sobre *NOT ALWAYS,* interpretou desta forma: NÃO TEM.

E no quinto trecho (Quadro 13), achou que *ROLE* poderia ser REGRAS, fez isso por causa de configuração de mão "R" no sinal de *ROLE.* Durante a interpretação, o P2 sinalizou APOIO no lugar de *SUPPORT* e como estava olhando para baixo como se estivesse apoiando

uma outra pessoa, olhou pra essa pessoa, talvez não tenha visto toda a frase em ASL. No último trecho, interpretou sem problemas.

Agora por último, vejamos o P3.

QUADRO 16 – TAP 2: comentários de P3 sobre a interpretação de trechos selecionados

1	Conseguiu entender o palestrante referindo-se à associação de intérpretes: *ASSOCIATION VISUAL LANGUAGE*. O participante comentou que quando ele sinalizou esses sinais, não sabia se deveria interpretar sinal por sinal para público ou interpretar de forma clara, por causa desses sinais *VISUAL LANGUAGE*. Ele conseguiu soletrar o mesmo que o palestrante.
2	O sinal *PLENTY*, para ele, significa mais treinamento, treinar por mais tempo.
3	Quando o palestrante sinalizou *INTERVENOR,* o participante queria que ele soletrasse para poder interpretar melhor e disse que o palestrante foi direto sem explicar o significado desse sinal. Afirmou que sabe o significado de *INTERVENOR*, mas disse que o palestrante quer dizer que o intérprete surdo *DI* não faz parte da profissão de *INTERVENOR.* Os papéis dessas profissões são diferentes e devem ser separados.
4	Explicou ser "nem sempre".
5	Não conseguiu pensar direto em como interpretar *ROLE* para Libras, mas entendeu o que o palestrante queria dizer: o intérprete surdo *DI* não pode ter duas funções ao mesmo tempo.
6	Informou ser "qualquer situação".

Fonte: o próprio autor

Nos primeiros dois trechos (Quadro 13), o P3 conseguiu entender os sinais e não teve problemas, embora tenha comentado que não sabia bem como interpretar o nome da associação. Durante a interpretação, do segundo trecho, sinalizou PROGREDIR, e não ESTIMULAR como no texto fonte.

Conseguiu entender a mensagem do palestrante no terceiro trecho, mas não soube o significado de sinal de *INTERVENOR.* Durante a interpretação, do terceiro trecho, quando o palestrante sinalizou *INTERVENOR,* o P3 fez uma pausa e nem interpretou esse sinal, mas soletrou *S-S-P* e passou a mesma mensagem que no trecho em ASL.

No quarto trecho, conseguiu solucionar os problemas de interpretação. Mas na interpretação, sobre o sinal *BING,* interpretou assim SEMPRE e logo no *NOT ALWAYS,* sinalizou NÃO SEMPRE.

No quinto trecho (Quadro 13), entendeu a mensagem. Durante a interpretação, o P3 teve as suas "inserções de sinais de ASL", mas se corrigiu, sinalizando assim DOIS SIGNIFICADO DIFERENTE IGUAL MODELO.

Por último, no sexto trecho, entendeu a mensagem, mas na interpretação, aconteceu o mesmo que na anterior, teve as suas "inserções de sinais de ASL" e se corrigiu sinalizando assim QUALQUER *SITUATION* ÁREA.

Considerando as perspectivas apresentadas pela Teoria Interpretativa, de Seleskovitch (1978), e os comentários de participantes, podemos afirmar que por diversos momentos os participantes ficaram presos a alguns sinais, já em outros conseguiram construir o sentido da sinalização em ASL. Vemos que as "intromissões lexicais", por exemplo, evidenciam certa aderência ao texto fonte e uma aproximação com a recuperação lexical. Por outro lado, em diversos trechos vemos que a *desverbalização* serviu de direcionamento a construção dos sentidos no texto fonte em ASL conduzindo um processo de escolhas e tomadas de decisão conscientes.

Durante a tarefa e os TAPs, encontramos um fenômeno interessante. Ele se aproxima bastante da conhecida alternância de códigos (*code-switching*). Embora existam muitos estudos sobre o *code-switching* na área de linguística, não encontramos tantos estudos na área de tradução e interpretação que o discutam. Na verdade, temos algumas referências ao fenômeno de alternância de línguas e ao de sobreposição (*code-blending*) na interpretação intermodal. Segundo Rodrigues (2013, p.49),

> interpretar entre línguas de uma mesma modalidade (de uma língua oral para outra língua oral ou de uma língua de sinais para outra língua de sinais) impõe a restrição de não se poder articular palavras ou sinais simultaneamente nas duas línguas, visto que os articuladores envolvidos no processo de tradução ou interpretação seriam os mesmos. Assim, para usar as duas línguas ou palavras/ sinais das duas línguas numa mesma fala, os intérpretes monomodais precisam fazer uma alternância de códigos (*code-switching*).

Em relação à coleta de TAPs, podemos afirmar que os participantes fizeram a alternância de códigos pelo fato de o pesquisador ser fluente nas duas línguas. Algumas vezes, sem a sua intenção. Entretanto, embora em alguns momentos durante a interpretação intramodal gestual-visual de ASL para Libras também ocorra certa alternância de códigos, devido às restrições e características da interpretação, preferimos entender o fenômeno como sendo certa intromissão lexical (COKELY, 1986; BARBOSA, 2014).

Após análise, temos a hipótese de que essa intromissão pode ocorrer por diferentes razões, entre as quais podemos citar a dificuldade de os participantes realizarem o monitoramento do fluxo da interpretação, já que precisam coordenar uma serie de esforços simultaneamente, ou mesmo a proximidade entre as duas línguas de sinais. Mais uma vez, não

é objetivo desta pesquisa aprofundar nesse aspecto e, portanto, deixamos como sugestão a pesquisas futuras.

6.3.3 As entrevistas semiestruturadas: um último diálogo.

Além dos TAPs, consideramos importante realizar um último diálogo com os participantes para que pudessem falar um pouco mais sobre sua experiência e sua vivência durante a coleta de dados. Esse momento foi encaminhado como uma entrevista semiestruturada sem o apoio do vídeo ou de demais informações da interpretação realizada (para os TAPs usamos insumos em forma de vídeo do texto fonte em ASL e do texto alvo em Libras). Separamos as seguintes questões em cada um dos tópicos abaixo:

- **OS SLIDES:**

1. O fato de ter acesso aos slides antes muda algo na sinalização em Libras?
2. Você teve dificuldades de leitura e compreensão do texto em inglês? Tanto antes quanto durante? Ou foi diferente? O que você fez quando não entendeu algo em inglês escrito?
3. Os slides sendo apresentados durante a palestra em ASL favorecem ou atrapalham a interpretação? Por quê?

- **OS SINAIS DESCONHECIDOS**

1. Teve algum sinal de ASL que você não conseguiu entender ou que você desconhece? Exemplo.
2. O que você fez quando não entendeu o sinal? Exemplo.

- **A SOLETRAÇÃO**

1. Você encontrou alguma dificuldade de compreensão da soletração manual de palavras e/ou siglas e/ou de números em ASL? Qual foi a dificuldade (velocidade, falta de familiaridade com a datilologia em ASL, etc.)? Exemplo.
2. Como você fez para resolver isso? Exemplo.

- **O ESTILO DO PALESTRANTE**

1. Você acredita que o jeito do palestrante, seu modo de sinalizar, interferiu no seu entendimento da ASL? Explique.
2. E em relação ao uso de expressões faciais e corporais que acompanham a ASL, você encontrou alguma dificuldade de interpretá-las e usá-las junto a Libras?

- **O PÚBLICO ALVO**

1. Você acredita que sua sinalização em Libras teve algum empréstimo da ASL ou alguma influência no que se refere ao uso do espaço e as expressões corporais e faciais?
2. Acha que o público surdo sinalizante de Libras teria dificuldade de entender alguma parte de sua interpretação ou algum sinal que você usou? Exemplo.

Embora as perguntas acima estejam apresentadas em Português e as respostas abaixo também, toda a entrevista foi conduzida em Libras e devidamente registrada em vídeo. Vejamos:

QUADRO 17 – Respostas de P1 na entrevista

SLIDES	Comentou que os *slides* ajudaram bastante e que se sentia seguro ao interpretar, que o ajudou a saber o que o palestrante iria sinalizar, sabendo o conteúdo de cada *slide*. Em relação à dificuldade dos *slides* estarem em inglês, disse que teve algumas dificuldades em *A - EI*, mas que teve a sorte de o palestrante não sinalizar nenhuma vez sobre isso. E ainda comentou a importância de estudar os *slides* antes de começar a interpretação.
SINAIS DESCONHECIDOS	Teve a dificuldade no sinal de *WHAT FOR* porque o palestrante sinalizou em lugar diferente. O sinal fica na cabeça, mas durante a palestra, ele sinalizou ao lado do tronco. O participante confundiu, e pouco depois, conseguiu entender. Sobre o sinal *INTERVENOR*, o participante disse que não conseguiu interpretar porque desconhece esse sinal e se sentiu perdido. Esperou palestrante sinalizar alguma coisa em seguida que pudesse ajudar a entender o significado, e não conseguiu. Disse que sua única estratégia foi omitir esse sinal.
SOLETRAÇÃO	Em relação ao sinal *DI* (*Deaf Interpreter*), comentou que já tinha lido os *slides* antes e que procurou o significado desse sinal, sendo que os *slides* ajudaram. O participante disse que o palestrante, em nenhuma vez, sinalizou números e perguntou ao pesquisador se o palestrante sinalizou algum número. E ficou chocado por não perceber os números. Ainda comentou que ele não se acha bom em perceber os números em ASL.
ESTILO DO PALESTRANTE	Disse que o uso de expressões faciais e corporais em ASL é completamente diferente de Libras.
PÚBLICO ALVO	Respondeu que não se sente muito seguro em interpretar de ASL para Libras em contextos de conferências e que prefere interpretar em lugares mais particulares, como em reuniões, porque assim teria tempo de interpretar melhor com duas pessoas, podendo perguntar para essas pessoas suas possíveis dúvidas. Em relação ao uso do espaço e às expressões corporais e faciais, disse que teve muita dificuldade em usar bem o espaço e que se perdeu um pouco com uso de expressões faciais por conta da sua preocupação com a mensagem que iria ser re-expressar para público e do tempo de interpretação. E comentou que precisa de mais de treinamento. Acredita que o público, a maioria, conseguiria acompanhar a sua interpretação, mas apenas quem conhece o tema de palestra. Achou que a interpretação poderia estar melhor se tivesse o intérprete de apoio.

Fonte: o próprio autor com base nos dados das entrevistas

QUADRO 18 – Respostas de P2 na entrevista

SLIDES	O participante comentou que tem fluência em inglês. Entretanto, disse que existem alguns termos que não conseguiu compreender, como *A . EI.* Falou que depois de procura no *Google,* encontrou o significado. Ainda disse que teve a sorte de que o palestrante não citou esse termo nenhuma vez durante a palestra. Para ele, os *slides* não ajudaram tanto com a sua interpretação como ele pensou que seria, já que o palestrante quase não citou nenhum *slide*. Afirmou que já conhecia o tema da palestra, porque já tem seus conhecimentos com seus estudos sobre esse tema e que os *slides* ajudaram durante a palestra, sim. Porque saberia o que o palestrante iria falar em seguida. Mesmo assim, ainda disse que os intérpretes devem estudar antes de começar a interpretação como preparação e que deveriam saber a língua inglesa também para poder traduzir algum termo para a língua portuguesa, quando fosse importante para o público.
SINAIS DESCONHECIDOS	Falou que teve a dificuldade com o sinal *MEDICINE*. Pensou que fosse "braile" ou "balé", já que nunca tinha visto esse sinal. Pensou em interpretar e interpretou assim como fosse uma estratégia: surdocego lendo em braile. O palestrante soletrou *HVO*, e

	o participante não sabia o que era e fez a mesma soletração durante a interpretação, pensando que isso seria possível já que era algo na área da medicina.
SOLETRAÇÃO	Não recordou nenhum momento, além de *HVO* e *DI (Deaf Interpreter)*. Falou que não lembrava se fez a soletração durante a interpretação. Falou que só recorda os números, como o ano. E afirmou conseguir acompanhar a palestra e sinalizar os números durante a interpretação. Sobre *DI*, disse que pensou em fazer a soletração também em português: IS (Intérprete Surdo), mas que percebeu que não poderia soletrar assim, porque o público confundiria com o sinal de SI (Sinais Internacionais). Achou melhor interpretar assim com os sinais de Libras: INTÉRPRETE SURDO.
ESTILO DO PALESTRANTE	Comentou que teve sorte com esse palestrante sinalizando "normal" porque conhece os americanos que sinalizam muito rápido. Disse que só no final de palestra que se atrapalhou porque houve alguma parte da palestra que não teve nada a ver com o tema. Explicou que, normalmente, os americanos quando sinalizam, sente que sinalizam de forma pouco clara. Entretanto, o palestrante, quando sinalizou, fez de forma clara na maior parte da palestra. Disse que acha que é possível existir alguma influência por causa de língua inglesa. Sobre o uso de expressões corporais e faciais, considerou que é preciso adaptar seu uso para a cultura surda brasileira e comentou que não é possível usar as mesmas expressões corporais e faciais de ASL para o público surdo brasileiro, senão o público não vai conseguir entender. Explicou que em um encontro com um americano surdo, esse americano mostrou um vídeo de uma surda fazendo os sinais próprios de beisebol e o mesmo participante percebeu que eram de beisebol, porque já havia morado nos EUA por algum tempo. E comentou que se mostrasse para outro surdo que sabe só ASL e nunca viajou para os EUA, que nunca tinha vivido a cultura americana, que ele não perceberia que esses sinais seriam de beisebol. Que até testou isso com um surdo e esse não entendeu. Ainda disse que precisa conhecer a cultura americana para poder interpretar melhor para público brasileiro. Admitiu que usou alguns sinais de ASL como fossem um empréstimo linguístico.
PÚBLICO ALVO	Comentou sobre o termo *HVO*, dizendo que acha que o público não iria entender e que tem a sua certeza de que um surdo iria levantar a mão para perguntar o significado desse termo. Admitiu que não pesquisou esse termo e que sentiu a falta de intérprete de apoio.

Fonte: o próprio autor com base nos dados das entrevistas

QUADRO 19 – Respostas de P3 na entrevista

SLIDES	Disse que teve algumas dificuldades em traduzir para português e para Libras também, mas afirmou que, mesmo assim, os *slides* ajudaram a se preparar. Falou que teve outro problema também, já que mesmo estudando os *slides* antes, o palestrante sinalizou de forma diferente, como aconteceu com o sinal *MEDICINE.* Explicou que pensou que fosse "remédio" e que, por isso, pensou em interpretar assim. Só que depois, durante a palestra, viu que era "medicina" mesmo. Ele disse que queria que tivessem dois *PowerPoints* em duas línguas diferentes, um em inglês e outro em português, para poder estudar melhor. Destacou que, durante a palestra, os *slides* ajudaram bastante a interpretar, porque assim sabia qual seria o conteúdo que o palestrante iria sinalizar. Se não fosse isso, não saberia como seria a interpretação.
SINAIS DESCONHECIDOS	Informou que não teve nenhum problema, que é fluente em ASL. Entretanto, disse que mesmo assim teve muitas dificuldades em interpretar para Libras, com os sinais de *ROLE* que não sabia como interpretar para Libras. Interpretou assim MODELO mas só que não sabia se o público entenderia. E achou que o que interpretou não combinou tanto. Disse que sua estratégia foi explicar o significado desse sinal *ROLE*, mas não teve muito tempo de executar a estratégia.
SOLETRAÇÃO	Afirmou que a maior dificuldade foi a soletração de números, pois os números em ASL e Libras são muito diferentes. Explicou que isso confunde um pouco na hora de interpretar. Assim, quando acontece a soletração de número pelo palestrante, disse que espera um pouco para processar, para poder interpretar o número certo. Disse que considerou isso como uma boa estratégia para interpretação.
ESTILO DO PALESTRANTE	Disse que entende muito bem o que o palestrante sinalizou, mas que achou que ele foi muito rápido e, por isso, não conseguia acompanhar direito durante a interpretação.

	Falou que teve muita dificuldade com as expressões corporais e faciais do palestrante, já que não conseguia imitar direito, porque ele mudava as expressões faciais o tempo todo. Falou que achou que foi bem difícil adaptar as expressões faciais dele para Libras. Ainda comentou que as expressões faciais de ASL e Libras são completamente diferentes. Explicou que quando o palestrante sinalizou *NON-ACCEPTANCE* com a expressão facial que combina com esse sinal, ele não conseguiu interpretar direito para Libras porque interpretou o sinal para Libras com a mesma expressão facial e não combinou tanto. Falou que pensou que poderia interpretar diferente com a expressão facial diferente para que o público pudesse entender melhor. Mencionou também que há outro problema, pois quando o palestrante faz a expressão facial, de forma clara e bem forte, ele imita e acaba sinalizando ASL sem querer.
PÚBLICO ALVO	Sobre os empréstimos linguísticos, falou que interpretou com muitos empréstimos de sinais de ASL, porque não consegue se recordar muito bem quais sinais de Libras seriam adequados para interpretar ou, às vezes, alguns sinais de ASL não tem na Libras, tal como *ROLE.* Ele comentou ainda que se o público ou outro intérprete pudesse fazer as críticas sobre a intepretação dele, ele iria querer para poder melhorar a interpretação. Mencionou também que sentiu a necessidade de ter intérprete de apoio que facilitaria a sua interpretação.

Fonte: o próprio autor com base nos dados das entrevistas

Percebemos que os participantes entendem que os *slides* são importantes para a fase de preparação que é o momento que, segundo Nogueira (2016, p. 114),

> diz respeito ainda à mobilização da competência instrumental (grupo PACTE, 2003), pois os intérpretes buscam recursos que podem contribuir no processo de interpretação, identificando possíveis problemas e já pensando em soluções para eles. Ao realizar esse processo, os intérpretes se apropriam dos assuntos que serão posteriormente interpretados, a fim de refletir sobre suas escolhas.

Os *slides* "contribuem como instrumentos para conhecimento do conteúdo que será abordado na conferência" (NOGUEIRA, 2016, p. 114).

Sobre os sinais desconhecidos, os intérpretes P1 e P2 tiveram dificuldades em reconhecer os sinais *INTERVENOR* e *MEDICINE.* E o P3 teve a dificuldade em interpretar o sinal *ROLE*, usou uma estratégia para sinalizar assim "MODELO".

É relevante mencionar que o P1 ficou chocado ao verificar que não tinha percebido nenhuma soletração de número em ASL. Acreditamos que isso possa ter relação como o fato de ele ter mais experiência na interpretação de Libras-SI, sendo os sistemas numéricos de SI, Libras e ASL bem distintos. Em ASL, os números em ASL são feitos com uma mão, como na Libras, e em SI se faz em duas mãos. Na verdade, ele, nos comentários durante o TAP livre (Quadro 10, aos 20'47''), diz que confundiu o número. Entretanto, essa não foi a única vez que o palestrante usou números, mas o P1 soletrou o número somente dessa vez.

O mais interessante é que todos os participantes comentam que as expressões faciais e corporais na sinalização em ASL são completamente diferentes das da Libras, sendo que um deles comentou que a cultura surda americana é completamente diferente de cultura surda brasileira. Entendemos que essa diferença se deve inclusive as distintas prosódias visuais dessas línguas (LEITE, 2008). A prosódia se "expressa através de diferentes expressões face corporal" (FELIPE, 2013). Mais uma vez, como não é objetivo desta pesquisa, sugerimos que novos estudos possam abordar essa questão.

Um aspecto importante que não podemos deixar de registrar aqui é que os participantes mencionaram ter sentido falta de um trabalho em equipe, de um "intérprete de apoio"[55]. Isso ocorre, pois, na maioria das situações de conferência, os intérpretes intramodais surdos trabalham em duplas como os intérpretes intermodais fazem (em algumas situações temos em trios[56]). Todavia, não reproduzimos essas condições por não corresponderem à nossa proposta de pesquisa. Um aspecto relacionado a isso é o fato de o sinalizante não se ver sinalizando, assim o "intérprete de apoio", embora exija mais esforço de atenção do intérprete surdo, contribui com ele por ajudá-lo em seu monitoramento. Quando a língua alvo é uma língua gestual-visual existe uma menor possibilidade de se detectar os erros na interpretação, já que como sinalizante não se vê (NICODEMUS, EMMOREY, 2013).

Essa questão dos esforços de atenção e as demais questões relacionadas aos esforços demandados dos intérpretes surdos intramodais podem ser pensadas, assim como já mencionamos, a partir do Modelo de Esforços de Gile (1995, 2018) e de Pointurier-Pournin (2014). Para isso, refletiremos, brevemente, sobre situações interpretativas simultâneas de diferentes grupos de intérpretes (i.e., intermodais, intramodais vocais-auditivos e intramodais gestuais-visuais) para a partir delas pensar os esforços envolvidos e suas diferenças.

---

[55] Estamos usando esse termo "intérprete de apoio" de modo geral, ainda que não concordemos muito com ele para definir os demais integrantes da equipe de interpretação que não estão, naquele momento, efetivamente sinalizando diante do público. Como esse não é nosso foco, não vamos problematizar o termo aqui nem propor termos novos.

[56] É comum vermos, atualmente, intérpretes intramodais gestuais-visuais surdos atuando em trios ou mesmo equipes maiores. Geralmente, a dinâmica é a seguinte: no palco, temos (01) *o intérprete que oferecerá o texto alvo ao público*; sentados em meio a plateia temos (pelo menos) dois outros intérpretes da equipe: (02) *o intérprete que servirá de suporte visual ao intérprete que está no palco sinalizando* e, ao lado desse, (03) *o intérprete que acompanhará a sinalização do intérprete que está no palco, contribuindo com seu monitoramento, informações extras e com a solução de problemas e tomadas de decisão*.

Normalmente, nas conferências, o *intérprete intramodal vocal-auditivo* ou *intermodal* (quando o texto alvo é em língua vocal), em uma situação de interpretação simultânea, senta-se numa cadeira, de frente para o orador, de costas para público ou ao fundo do auditório, dentro ou não de uma cabine, com ou sem o apoio tecnológico, tendo o "intérprete de apoio" ao seu lado, sem necessário contato visual com o público que recebe a interpretação pela audição. Na maioria dos casos, temos apenas um trabalho em dupla.

Por outro lado, os *intérpretes intermodais* (quando o texto alvo é em língua de sinais) e os *intramodais gestuais-visuais* ficam ao lado do orador, diante do público que recebe a interpretação por meio da visão. No caso dos intérpretes intermodais, o "intérprete de apoio" fica sentado à sua frente em meio ao público, e, no caso dos intramodais gestuais-visuais, o "intérprete de apoio", embora também fique à sua frente, junto ao público, ele pode estar ao lado de outro intérprete que também oferece "apoio" ao acesso do intérprete intramodal surdo que está no palco ao texto fonte em língua de sinais que o palestrante está produzindo ao seu lado. Assim temos que na interpretação intramodal gestual-visual realizada por surdos há uma singularidade, já que podemos ter um segundo "intérprete de apoio" que pode: (i) apenas estar reproduzindo o que o orador está sinalizando, sem traduzir, para que o intérprete que está no palco possa receber o texto fonte e fazer a tradução (nesse caso ele está fazendo um espelhamento que pode envolver certa interpretação intralingual); ou (ii) interpretar o que o orador está sinalizando, oferecendo o texto já na língua alvo, para que o intérprete que está no palco possa receber o texto alvo e reproduzi-lo para o público, sem ter que traduzir (nesse caso ele está fazendo uma interpretação interlingual).[57]

Essas situações já evidenciam aspectos bem distintos e que, por sua vez, possuem demandas operacionais e cognitivas diferentes. Estamos citando isso para demonstrar que existem diferentes dinâmicas e atividades envolvidas na interpretação de/para/entre línguas de sinais que precisam ser melhor investigadas e analisadas com a finalidade de, não somente descrever esses processos, mas de contribuir para futuras propostas de formação dos profissionais da tradução e da interpretação de línguas de sinais.

[57] Apenas estamos citando algumas possibilidades sem o objetivo de descrever todas as situações que ocorrem envolvendo a equipe de intérpretes intermodais e intramodais em contextos de conferências. Entretanto, precisamos destacar aqui que os intérpretes intramodais gestuais-visuais surdos podem exercer diferentes funções.

Em relação aos intérpretes intramodais gestuais-visuais, temos que o *esforço de audição e análise* (GILE, 1995, 2018) na verdade se refere à recepção do texto fonte por meio da *visão* e não da audição. Além disso, há a exigência de um grande esforço extra, já que é preciso olhar para várias coisas e/ou pessoas que, inclusive, podem estar sinalizando ao mesmo tempo: o orador, o(s) "intérprete(s) de apoio" e o público, por exemplo. Além de olhar e/ou estar atento aos *slides*. Isso é importante, pois tanto o "intérprete de apoio" quanto os destinatários da interpretação oferecem um relevante *feedback* para que o intérprete possa monitorar a sua interpretação e coordenar seus esforços.

Os três participantes da pesquisa — P1, P2 e P3 — comentaram que sentiram a falta do "intérprete de apoio". Embora não tivesse que utilizar um esforço de atenção extra, já que o intérprete, durante a coleta de dados, não estava com o público presente nem com o "intérprete de apoio", eles reconhecem que esse profissional poderia auxiliar na análise da sinalização e, por sua vez, contribuir operacionalmente com o processo[58]. A presença do "apoio" talvez ofereça maior segurança e o esforço extra de atenção seja compensado pelo fato de o intérprete poder reduzir seu auto monitoramento (que exige muito dele, já que ele não pode ver sua própria sinalização).

Pointurier-Pournin (2014), a partir da interpretação simultânea intermodal tendo como língua alvo uma língua de sinais, aponta o *esforço de autogestão do espaço* e o *esforço de interação em tempo real com os surdos* como esforços característicos desse tipo de interpretação, assim como podemos ver na seção 3.5) . Ambos os esforços estariam diretamente vinculados à interpretação de uma língua vocal para outra de sinais. Reconhecemos que esses esforços também podem ser identificados na interpretação intramodal gestual-visual, ainda que em nossa tarefa não tenhamos tido o público presente.

Entretanto, podemos pensar em outros esforços relacionados a esses dois esforços identificados por Pointurier-Pournin (2014) na interpretação simultânea intermodal para a língua de sinais. O primeiro deles seria o *esforço de autogestão da recepção visual do texto fonte e informações visuais*, o qual, vai além de simplesmente receber o texto em língua de sinais e compreendê-lo, já que a recepção do texto fonte, em várias situações, se torna mais

[58] Observe que os participantes não estão se referindo ao intérprete que permitiria o seu acesso ao texto fonte (pois eles estão tendo acesso direto ao texto fonte no vídeo), mas ao "intérprete de apoio" mesmo, ou seja, aquele intérprete que vai estar atento e contribuir com o processo de interpretação (assim como acontece na interpretação simultânea intramodal vocal-auditiva e na intermodal).

complexa (veja a questão do trabalho em trios que explicamos acima). Se o intérprete está ao lado do palestrante e os dois estão usando línguas de sinais, pressupõe que o contato visual seria uma exigência. Assim, muitas vezes, em grandes eventos, o intérprete recebe a sinalização do palestrante que está ao seu lado por monitores de vídeo diante dele, inclusive com os *slides* sendo apresentados ao lado da sinalização do palestrante. E em outras situações, um dos intérpretes, aquele que está ao lado do "intérprete de apoio" faz o espelhamento da sinalização do palestrante para que o intérprete no palco tenha acesso a ela (ou mesmo sua interpretação para a língua alvo, como citamos brevemente acima). Portanto, quando se tem a apresentação de *slides* e/ou de outros recursos visuais necessários à recepção e compreensão do texto fonte e à sua interpretação, o intérprete que está no palco sinalizando precisa lidar com uma série de informações recebidas pela visão.

O segundo seria o *esforço de interação em tempo real com o(s) "intérprete(s) de apoio"*, já que, em situações reais de interpretação simultânea, é comum a presença deste profissional e, em alguns casos, ele é indispensável para que o intérprete possa ter acesso ao texto fonte e, quando for o caso, as demais informações visuais etc. que se passam ao seu lado no palco. Nesse sentido, além de administrar a recepção de um conjunto de informações visuais acopladas à sinalização do texto fonte, o intérprete precisa saber como lidar com o(s) intérprete(s) que está(ão) diante dele, os quais podem estar desenvolvendo distintos papéis (i.e., reproduzindo o que o orador está sinalizando; interpretando o que o orador está sinalizando; oferecendo informações e pistas sobre o que está se passando no palco; indicando uma necessidade de ajuste na sinalização; oferecendo um sinal, uma data, a soletração de um nome etc.).

Esses esforços impactam o esforço de coordenação (C) e marcam todo o processo interpretativo simultâneo intramodal realizado por intérprete surdos. Poderíamos pensar a partir disso e de nossos dados, em uma proposta de aplicação do Modelo de Esforços à interpretação simultânea intramodal gestual-visual, substituindo a audição pela visão, o esforço de audição e análise (A) ficaria como um *esforço de visão e análise* (V), e os esforços do Modelo de Pointurier-Pournin (2014), *esforço de autogestão do espaço* (AGE) e o *esforço de interação em tempo real com os surdos* (ICS) seriam mantidos, sendo que é preciso incluir o *esforço de autogestão da recepção visual do texto fonte e informações visuais* (ARV) e o *esforço de interação em tempo real com o "intérprete de apoio"* (ICI).

No modelo de Gile (1995, 2015, 2018) temos o *esforço de audição e análise* (A), o *esforço da memória de curto prazo* (M) e *esforço de produção* (P), incluindo também o *esforço*

de coordenação (C), ou seja, a necessidade de coordenar e direcionar a atenção entre os três esforços:

SIM = A + M + P + C

Em uma atualização do Modelo, a partir de sua aplicação a Intepretação Simultânea Intermodal para a Língua de Sinais, Pointurier-Pournin (2014) inclui dois esforços, o *esforço de autogestão do espaço* (AGE) e o *esforço de interação em tempo real com os surdos* (ICS) (GILE, 2018):

SIM = A + M + P + AGE + ICS + C

Com base nessas propostas e em nossa pesquisa, consideramos que uma possível aplicação do Modelo à interpretação simultânea intramodal gestual-visual (i.e., com texto fonte e alvo em língua de sinais), deveria considerar a inclusão, como mencionamos acima, do *esforço de autogestão da recepção visual do texto fonte e de informações visuais* (ARV) e do *esforço de interação em tempo real com o "intérprete de apoio"* (ICI). Assim, teríamos:

SIM = V + M + P + AGE + ARV + ICS + ICI + C

Esclarecemos que nossa proposta não é definir um novo Modelo de esforços, nessa dissertação, mas, sim, destacar a singularidade do processo de interpretação simultânea intramodal evidenciando a necessidade de novos estudos e pesquisas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora existam ações formativas, no contexto internacional, direcionadas especificamente aos intérpretes surdos intramodais, aqui no Brasil há muitos surdos atuando como tradutores e intérpretes sem formação. Esses profissionais, muitas vezes, não têm nada além de suas experiências como intérpretes nos contextos de conferências. Os cursos de formação de tradutores e intérpretes intermodais de Libras-Português, oferecidos pelas universidades, têm foco nos ouvintes falantes de Português como L1.

Vimos que, mesmo assim, encontramos seis surdos egressos desses cursos e além disso temos mais de uma centena de surdos que obtiveram o ProLibras de tradução e interpretação Libras-Português. Além disso, vale mencionar que já temos vinte e três mestres e um doutor surdo egressos da Pós-Graduação nos Estudos da Tradução e dezoito mestrandos e seis doutorandos em fase de pesquisa na pós-graduação. Esses dados evidenciam a urgência de melhor conhecermos a atuação dos tradutores e intérpretes surdos, bem como os processos tradutórios e interpretativos intramodais gestuais-visuais, com vistas a proposição de uma formação adequada de profissionais surdos da tradução e interpretação intermodal e intramodal gestual-visual, assim como guias-intérpretes.

Considerando que já temos uma primeira política previsto no capítulo V do Decreto 5626/2005, que em seu item III estabelece o "profissional surdo, com competência para realizar a interpretação de línguas de sinais de outros países para a Libras, para atuação em cursos e eventos", precisamos avançar na constituição de uma legislação que considere os tradutores e intérpretes surdos como parte da categoria profissional dos tradutores e intérpretes intramodais vocais-auditivos e intermodais gestuais-visuais. Sabemos que o fato de saber duas línguas de sinais não faz dos surdos tradutores e/ou intérpretes pois como Hurtado Albir (2005) ressalta "embora qualquer falante bilíngue possua competência comunicativa nas línguas que domina, nem todo bilíngue possui competência tradutória".

Além disso, defendemos que o tradutor e o intérprete surdos, assim como a tradução e a interpretação intramodal gestual-visual fazem parte do corpo de temáticas que precisam ser tratados no âmbito dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Interpretação de Línguas de Sinais (RODRIGUES, BEER, 2015). Essas discussões são importantes para que possamos definir os elementos que compõem a competência requerida desses profissionais surdos e dos processos intramodais gestuais-visuais, já que a Competência Tradutória é um conhecimento especializado/experto formado por um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que

distingue o tradutor/intérprete profissional dos demais falantes bilíngues, como defendem Hurtado Albir (2005) e Rodrigues (2018c).

Destacamos também, assim como nossos dados mostram, é necessária uma competência tradutória intramodal gestual-visual que considere assim como a competência intermodal proposta por Rodrigues

> o impacto da modalidade de língua sobre a competência do tradutor, destacando, no mínimo, algum traço ou componente distintivo relacionado às habilidades corporais motoras de codificação integrada de propriedades gestuais e espaciais e, também, às habilidades visuais de interpretação do conjunto de informações gestual e espacialmente codificadas, as quais se vinculam a uma determinada capacidade corporal cinestésica diretamente ligada à competência linguística e à competência comunicativa. (2018d, p.311- 12).

Com nossos dados sobre os intérpretes surdos no Brasil, temos algumas perguntas que nos inquietam: como foi o processo de formação desses seis surdos egressos dos cursos de formação de tradutores e intérpretes intermodais Libras-Português? Por que a maioria dos 231 candidatos surdos inscritos nos processos seletivos aos vestibulares dos cursos de graduação destinados à formação de tradutores e intérpretes intermodais Libras-Português não conseguiram ingressar? Se 48 surdos ingressaram nesses cursos, por que muitos deles já desistiram, seria a inadequação dos desenhos curriculares às suas necessidades de formação?

Durante as transcrições e análises, vimos que o processo interpretativo intramodal gestual-visual compartilha de várias características com os processos interpretativos intramodais vocais-auditivos e com os intermodais. Podemos afirmar que os participantes possuem diferentes perfis e níveis de competência interpretativa intramodal devido à sua trajetória pessoal e acadêmica e a outros fatores. Entretanto, entendemos que todos precisam se aprimorar e eles reconhecem e querem isso. Nós surdos, intérpretes interlíngues intramodais gestuais-visuais e intermodais, queremos uma formação específica, assim como aquela que hoje existem para os profissionais ouvintes que atuam com a tradução e interpretação intermodal.

Por fim, além de modelos de esforços que considerem a interpretação simultânea de uma língua vocal para outra de sinais e proposta de modelagem da competência intermodal, temos que realizar novas pesquisas como essa com o propósito de pensarmos e desenvolvermos modelos para a tradução e para a interpretação intramodais gestuais-visual, ou seja, modelos de esforços e de competência intramodal gestual-visual que não somente considerem a

singularidade desse processo, mas que também levem em conta os profissionais surdos da tradução e interpretação.

Espera-se que a dissertação com suas análises possa ajudar e incentivar novos estudos e propostas formativas.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, R., et al. **Deaf Interpreters at Work. Washington**. DC: Gallaudet University, 2014.

AMORIM, W. P. **Do conforto Linguístico**. In: Além dos Sentidos: Ensaios sobre LIBRAS. RevDia - Revista Diálogos, UFMT, p. 31-33, 2014.

BARBOSA, D. M. et al. **Omissões na interpretação simultânea de conferência: língua portuguesa-língua brasileira de sinais.** 2014.

BOUDREAULT, P. **Deaf Interpreters**. In T. Janzen (Ed.), Topics in signed language interpreting. Amsterdam: Benjamins. 2005, p. 323-356.

BRASIL. Decreto n. 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 2018.

BRÜCK, P. & SCHAUMBERGER, E. **Deaf interpreters in Europe: a glimpse into the cradle of an emerging profession.** The Interpreters' Newsletter: Sign Language Interpreting. nº 19. Università degli Studi di Trieste. Dipartimento di Scienze Giuridiche, del Linguaggio, dell'Interpretazione e della Traduzione, 2014.

CAMPELLO, A. R. e S. **Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução / interpretação cultural e seu desafio.** Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 1, n. 33, p. 143-167, jul. 2014.

CARNEIRO, T. D. **Intérpretes de línguas orais e intérpretes de Libras: semelhanças e diferenças na formação, atuação e status social.** Tradução em Revista, v. 23, p. 2, 2017.

CARTY, B.; MACREADY, S.; SAYERS, E. E.. **A Grave and Gracious Woman.** Deaf People and Signed Language in Colonial New England. Sign language studies, v. 9, n. 3, p. 287-323, 2009.

CAVALLO, P. **A carga cognitiva em interpretação simultânea e as diferenças entre intérpretes e bilíngues.** TradTerm, São Paulo, v. 25, Agosto/2015, p. 61-81

EDITAL/PGET/UFSC. EDITAL N° 07/PGET/2018 DE SELEÇÃO DE DISCENTES PARA O SEMESTRE 2019.1 DOS CURSOS DE MESTRADO E DOUTORADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO. Disponível em: <http://ppget.posgrad.ufsc.br/editais/2019-1/>. Acesso em: 9 junho 2019.

EDITAL/POET/UFC. EDITAL Nº 03/2018 SELEÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO - TURMA DE 2019.1. Disponível em: <http://www.ppgpoet.ufc.br/wp-content/uploads/2019/03/edital-03-2018.pdf>. Acesso em: 9 junho 2019.

EDITAL/POSTRAD/UnB. EDITAL N° 2/2019. SELEÇÃO DE CANDIDATOS SURDOS OU COM DEFICIÊNCIA VISUAL ÀS VAGAS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO PARA O CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO PARA O SEGUNDO PERÍODO LETIVO DE 2019. Disponível em: < http://postrad.unb.br/images/Noticias/2019/Selecao2019/Edital2-2019.pdf>. Acesso em: 9 junho 2019.

FELIPE, T. A. **De Flausino ao Grupo de Pesquisa da FENEIS** – RJ. In: Seminário Nacional do INES, 5, 2000, Rio de Janeiro: INES, 2000. p. 87- 89.

FELIPE, T. A. **O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais–Libras**. Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso, v. 8, n. 2, p. 67-89/Eng. 65-86, 2013.

FORESTAL, E. M. **Deaf interpreters: Exploring their processes of interpreting.** Capella University, 2011. Disponível em: <http://www.diinstitute.org/wp-content/uploads/2012/07/Forestal_Dissertation.pdf >. Acesso em: dez/2018

FREIRE, E. L. **Teoria interpretativa da tradução e teoria dos modelos dos esforços na interpretação: proposições fundamentais e inter-relações.** Cadernos de Tradução, v. 2, n. 22, p. 151-174, 2008.

GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training.** Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GILE, D.; DOS SANTOS, G. B. F., & BARBOSA, D. M. **Testando a hipótese da "corda bamba" do modelo dos esforços na interpretação simultânea–uma contribuição.** Cadernos de Tradução, v. 35, n. 2, p. 590-647, 2015.

GRBIC, N. **Where Do We Come From? What Are We? Where Are We Going?.** The Sign Language Translator and Interpreter, v. 1, p. 15-51, 2007.

HURTADO ALBIR, A. Aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. **Competência em Tradução: cognição e discurso.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.19-58.

ISHAM, W., LANE, H. **A common conceptual code in bilinguals: Evidence from simultaneous interpretation.** Sign Language Studies, 23, 291-317, 1994.

ISHAM, W.; LANE, H. **Simultaneous interpretation and the recall of source-language sentences.** Language and Cognitive Processes, v.8, n.3, p.241-264, 1993.

ISHAM, W. P. Signed language interpreting. In: BAKER, M. **Routledge encyclopedia of translation studies**. London; New York: Routledge, 1998. p. 231-235.

LEDERER, M & SELESKOVITCH, D. **The Interpretation Process.** In: A Systematic Approach to Teaching Interpretation. Paris: European Communities, 1989.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras): Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos.** 2008. Tese (Doutorado em Estudos Linguístico e Literários em Inglês) – Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LINDSAY, M. S. **Deaf Interpreters in Europe: a comprehensive European survey of the situation of Deaf Interpreter's today.** Danish Deaf Association. Erasmus+ project: Developing Deaf Interpreting, 2016.

LOURENÇO, G. **Investigando a produção de construções de interface sintático-gestual na interpretação simultânea intermodal.** Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 319-353, out. 2015.

MARQUES, R.R. OLIVEIRA, J. S. **A normatização de artigos acadêmicos em libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores.** Anais -III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, 2012, Florianópolis

MATHERS, C.M. **The Deaf interpreter in court: An accommodation that is more than reasonable.** Document Prepared for the National Consortium of Interpreter Education Centers, 2009.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. **Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados.** ALFA: Revista de Linguística, v. 54, n. 1, 2010.

MCCLEARY, L; VIOTTI, E. **Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB).** Bilingüismo dos surdos: Questões lingüísticas e educacionais. Goiânia, GO: Cânone Editorial, p. 73-96, 2007.

MEC/INES/UFSC. 1º ProLibras – Exame Nacional de Certificação na Libras: Relatório Técnico. Disponível em: < https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/134207/relatorio_tecnico_completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y >. Acesso em: 8 junho 2018.

MEC/INES/UFSC. 2º ProLibras – Exame Nacional de Certificação na Libras: Relatório Técnico. Disponível em: < https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/134209/relatorio_tecnico_completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 junho 2018.

MEC/INES/UFSC. 3º ProLibras – Exame Nacional de Certificação na Libras: Relatório Técnico. Disponível em: < https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/134211/relatorio_tecnico_completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 junho 2018.

MEC/INES/UFSC. 4º ProLibras – Exame Nacional de Certificação na Libras: Relatório Técnico. Disponível em: < https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/134213/relatorio_tecnico_completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 junho 2018.

MEC/INES/UFSC. 5º ProLibras – Exame Nacional de Certificação na Libras: Relatório Técnico. Disponível em: < https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/134215/relatorio_tecnico_completo2010.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 junho 2018.

MEC/INES/UFSC. 6º ProLibras – Exame Nacional de Certificação na Libras: Relatório Técnico. Disponível em: < https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/134217/relatorio_tecnico_prolibras.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 8 junho 2018.

MEC/INES/UFSC. 7º ProLibras – Exame Nacional de Certificação na Libras: Relatório Técnico. Disponível em: < http://www.prolibras.ufsc.br/files/2013/10/relatorioTecnicoCompleto-prolibras7.pdf>. Acesso em: 8 junho 2018.

MEIER, R. P., CORMIER, K., QUINTO-POZOS, D. **Modality and structure in signed and spoken languages.** Cambridge: Cambridge University Press. 2004

NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Direction asymmetries in spoken and signed language interpreting. **Bilingualism: Language and Cognition**, 16 (3), 2013. p.624-636. Disponível em: < http://vl2.gallaudet.edu/research/center-papers/nicodemus-emmorey-2013/>. Acesso em: 20 jul. 2017.

NILSSON, Anna-Lena. **Sign language interpreting in Sweden.** Meta: Journal des traducteurs/Meta: Translators' Journal, v. 42, n. 3, p. 550-554, 1997.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine.** In: V Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, 2016, Florianópolis.

Anais - V Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa. Florianópolis: PGET-UFSC, 2016. p. 01-17. ISSN 2316-2198.

PADDEN, C. A. **Simultaneous Interpreting across modalities.** Interpreting. n.5, v.2, 2000/01, p.169-185.

PAGANO, A. (Org.) **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

PAGURA, R. **A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores.** Delta, v. 19, p. 209-236, 2003.

PAGURA, r. J. **Tradução & Interpretação.** Eds. Amorim, LM, Rodrigues, CC, Stupiello, ENA Tradução &: perspectivas teóricas e práticas. São Paulo: Unesp Digital, p. 183-207, 2015.

PELUSO, L. **Traducción entre español escrito y lengua de señas uruguaya videograbada: un nuevo desafio. Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 479-504, 2015.

PEREIRA, M. C. P. **Produções Acadêmicas sobre Interpretação de Língua de Sinais: dissertações e teses como vestígios históricos.** Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 99-117, out. 2010.

PEREIRA, M. C.P. **Interpretação interlíngüe: as especificidades da interpretação de língua de sinais.** Cadernos de Tradução XXI, Vol. 1, p. 135-156. Florianópolis: UFSC, PGET: 2008.

POINTURIER-POURNIN, S. **L'interprétation en Langue des Signes Française: contraintes, tactiques, efforts.** 2014. Tese de Doutorado. Université de la Sorbonne nouvelle-Paris III.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. **Letras Libras EaD. Letras Libras ontem, hoje e amanhã.** 1ed.Florianópolis: UFSC, 2014, v. 1, p. 9-35.

QUADROS, R. M., & SEGALA, R. R. **Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral.** Cadernos de Tradução, 35(2), 354-386, 2015.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L. **Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora.** Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas. (artigo aceito para publicação no final de 2005), 2007.

QUADROS, R. M. **Um capítulo da história do SignWriting, *History of SignWriting.*** 1999. Disponível em: < http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html > acesso em: 12 de março.

QUIGLEY, S. P.; YOUNGS, J. P. **Interpreting for deaf people.** US department of Health, Education, and Welfare, 1965.

REILY. L. H.: SOFIATO. C.G. **"Companheiros de infortúnio": a educação de "surdos-mudos" e o repetidor Flausino da Gama**, Revista Brasileira de Educação, SCIELO, v. 16 n. 48, set.-dez. 2011.

REIS, F. **O Surdo como intérprete.** Anais do XII Congresso Internacional e XVIII Seminário Nacional do INES. Rio de Janeiro: INES, Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico, 2013.

ROCHA, S. **O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos.** Rio de Janeiro: INES, 2007.

RODRIGUES, C. H. **Efeitos de Modalidade no Processo de Interpretação Simultânea para a Língua de Sinais Brasileira.** Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 10, p. 93-124, 2012a.

RODRIGUES, C. H. **De uma modalidade à outra: desvendando o processo de interpretação.** In: III Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012b.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação simultânea entre línguas e modalidades.** Veredas (UFJF. Online), v. 17, p. 266-286, 2013a.

RODRIGUES, C. H. **Aspectos processuais na interpretação simultânea para a Língua de Sinais Brasileira.** In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. (Org.). Estudos da Língua Brasileira de Sinais I. 1ed.Florianópolis: Insular, 2013b, v. 1, p. 195-229.

RODRIGUES, C. H. **A busca por semelhança interpretativa no processo de interpretação simultânea para a língua de sinais.** In: QUADROS, R. M.; WEININGER, M. J. (Org.). Estudos da Língua Brasileira de Sinais III. 1ed. Florianópolis: Insular, 2014, v. 3, p. 35-69.

RODRIGUES, C. H. **O uso de Protocolos Verbais na investigação do processo de interpretação simultânea do Português para Libras.** Revista Veredas, v. 19, n. 2, 2015b.

RODRIGUES, C. H. **Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa.** Revista da Anpoll (ONLINE), v. 44, p. 111-129, 2018a. ISSN 1982-7830. DOI: https://doi.org/10.18309/anp.v1i44.1146

RODRIGUES, C. H. **Translation and Signed Language: Highlighting the Visual-Gestural Modality.** Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 38, n. 2, p. 294-319, maio 2018b. ISSN 2175-7968. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n2p294

RODRIGUES, C. H. **Formação de Intérpretes e Tradutores de Língua de Sinais nas Universidades Federais Brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular.** Translatio, n.15, p.197-222, junho 2018c.

RODRIGUES, C. H. **Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal.** Trabalhos em Linguística Aplicada, [S.l.], v. 57, n. 1, p. 287-318, mar. 2018d.

RODRIGUES, C. H.; MEDEIROS, D. V. **O uso de mouthing na interpretação simultânea para a Língua Brasileira de Sinais.** In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

RODRIGUES, C.; BEER, H. **Os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais: Novo Campo Disciplinar Emergente?** Cadernos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil. 2015a, p.17-45.

SANTOS, S. A. **Tradução e interpretação de língua de sinais: deslocamentos nos processos de formação.** Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 145-164, out. 2010.

SANTOS, S. A. **Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010.** Tese de doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2013.

SANTOS, S. A. **Estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais nos programas de pós-graduação em estudos da tradução.** Revista da Anpoll, v. 1, n. 44, p. 394, 2018.

SELESKOVITCH, D. **Interpreting for international conferences.** Washington: Pen and Booth, 1978.

SELESKOVITCH, D. **Interpreting versus translating.** Paris: Actes du Congres de l' association des traduceurs americains, 369-376, 1986.

SELESKOVITCH, D.; LEDERER, M. **A systematic approach to teaching interpretation.** Registry of Interpreters for the Deaf, 1995.

SILVEIRA, B. **Intérprete Surdo: conquistando espaço no campo de conferências no Brasil. Libras e sua tradução em pesquisa: interfaces, reflexões e metodologias.** Florianópolis: Biblioteca Universitária UFSC, 2017. p. 14-37.

SILVÉRIO, C. C. P.; RODRIGUES, C. H.; MEDEIROS, D. V.; ROMEIRO, S. A. L. V. **Reflexões sobre o processo de tradução-interpretação para uma língua de modalidade espaço-visual.** In: III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, 2012, Florianópolis. Anais - III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa. Florianópolis: PGET-UFSC, 2012. p. 01-07. ISSN 2316-2198.

SIQUEIRA, R. B. **De professor surdo à intérprete de Línguas de Sinais: dois perfis em um profissional surdo.** Monografia. Instituto Nacional De Educação De Surdos, Departamento De Ensino Superior, Rio de Janeiro. 2016.

SIQUEIRA, R. B. **O Papel Do Intérprete Surdo.** Trabalho de Conclusão do Curso. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Tradução e interpretação de LIBRAS. 2015

STONE, C. **Toward a Deaf Translation Norm.** Gallaudet University. Washington, D.C. 2009.

STROBEL, K.L. Capítulo **"Surdos como intérpretes/tradutores: um sonho possível?"** Cultura Surda na Contemporaneidade – negociações, intercorrências e provocações. Editora da ULBRA. 2011.

STUMPF, M. R. **Sistema SignWriting: por uma escrita funcional para o surdo.** In: Adriana Thoma e Maura Corcini Lopes. (Org.). A invenção da surdez cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. 1ed.Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, v. 1, p. 143-159.

SWABEY, L.; NICODEMUS, B. **Bimodal bilingual interpreting in the U.S. healthcare system: A critical linguistic activity in need of investigation.** In: NICODEMUS, B., SWABEY, L., (Eds.). Advances in interpreting research: Inquiry in action. Amsterdam: John Benjamins, 2011. p. 241-259.

WURM, S. **Translation across Modalities: The Practice of Translating Written Text into Recorded Signed Language.** An Ethnographic Case Study. 255f. Tese de Doutorado (Doutorado em Filosofia) Heriot-Watt University, Department of Languages and Intercultural Studies. 2010.

ANEXOS

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(INTÉRPRETE)

Prezado(a),

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa *Os intérpretes surdos e o processo interpretativo interlíngue intramodal gestual-visual da ASL para Libras*, associada ao Projeto de Mestrado do pesquisador João Gabriel Duarte Ferreira do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues. O objetivo é a descrição e análise dos aspectos operacionais e cognitivos que caracterizam os processos interpretativos interlinguísticos intramodais, envolvendo línguas de mesma modalidade, a saber, a gestual-visual, no caso, ASL (*American Sign Language*) e Libras (Língua Brasileira de Sinais). A pesquisa envolve a coleta de dados por meio das filmagens de uma tarefa de interpretação simultânea realizada por intérpretes surdos de ASL-Libras, a coleta de relatos sobre a tarefa realizada, a aplicação de questionários, para traçar os perfis de intérpretes, e a realização de entrevistas semiestruturadas. Esses dados não serão usados para outros fins, salvo a produção da Dissertação de Mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação e de artigos para revistas especializadas, livros, capítulos de livros e demais produções acadêmicas relacionadas à Dissertação.

A pesquisa não apresenta riscos. No entanto, caso a sua participação na pesquisa provoque algum tipo de mal-estar, desconforto, constrangimento, sofrimento ou aborrecimento, pedimos que informe imediatamente ao pesquisador. Você pode se recusar a participar da pesquisa, retirar o seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa. Sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou prejuízo.

Os benefícios da pesquisa estão relacionados com o desenvolvimento dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais, com foco na interpretação intramodal. A pesquisa servirá como referência futura para a formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais e, principalmente, para a de intérpretes intramodais gestuais-visuais que atuam, inclusive, em conferências internacionais interpretando entre duas línguas de sinais. Vale salientar que essa pesquisa não lhe oferecerá nenhum tipo de benefício financeiro (pagamento ou bens materiais) e que você não terá nenhuma despesa ou custo ao participar. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido nos termos

da lei. No caso de algum eventual dano material ou imaterial decorrente da pesquisa, você poderá solicitar a indenização, conforme a legislação vigente.

Este termo de consentimento livre e esclarecido têm duas vias que devem ser rubricadas e assinadas por você e pelo pesquisador. Uma cópia será arquivada pelo pesquisador e a outra ficará com você para que, caso queira, possa consultar os contatos e seus direitos ao participar desta pesquisa.

Após a conclusão do estudo, os pesquisadores se comprometem em garantir que você tenha acesso aos resultados da pesquisa, podendo disponibilizar uma cópia do estudo, se houver interesse.

Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH). O CEPSH é um órgão interdisciplinar, deliberativo e educativo, vinculado a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que tem como objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, a fim de contribuir no desenvolvimento da pesquisa normatizada pelos padrões éticos.

O pesquisador responsável por esta pesquisa, João Gabriel Duarte Ferreira compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução CNS 510/16, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.

Diante dessas informações dadas pelos pesquisadores, estou ciente do que a pesquisa trata e de como será realizada e, também, de que ela não oferece nenhum risco além daqueles desconfortos comuns que podem ocorrer durante a interpretação entre duas línguas de sinais: desgaste físico e cognitivo.

Os pesquisadores também deixaram claro que tenho assegurada minha privacidade, a manutenção do sigilo dos dados confidenciais fornecidos, a garantia de quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa, antes e durante o seu curso, e a liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, bastando comunicar minha decisão a eles.

Eu, _____, RG _____, CPF _____, aceito participar da pesquisa *Os intérpretes surdos e o processo interpretativo interlíngue intramodal gestual-visual da ASL para Libras* dos pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, Mestrando João Gabriel Duarte Ferreira e Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues. Estou ciente de que não receberei nenhuma renumeração e não terei qualquer ônus financeiro (despesa) em função do meu consentimento espontâneo em participar. Portanto, assino este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, que serão assinadas

também pelo pesquisador responsável pelo projeto, sendo que uma cópia se destina a mim, como participante, e a outra aos pesquisadores.

Florianópolis, ____ de _____ de 2018.

_____

_____

Assinatura do participante Pesquisador João Gabriel Duarte Ferreira

---

Mestrando João Gabriel Duarte Ferreira– 21 94522093 (*whatsapp*) / dferreira.joaogabriel@gmail.com
Professor Dr. Carlos Henrique Rodrigues – 48 9 9901-1044 (*whatsapp*) / rodriteos@yahoo.com.br

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) – 48 3721-6647 / secpget@gmail.com
Campus Reitor João David Ferreira Lima, CCE – Prédio B, Sala 301. Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88040-900

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CESPH) – 48 3721-6094 / cep.propesq@contato.ufsc.br
Pró-Reitoria de Pesquisa, Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, 222, Sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400

ANEXO 2 – TEXTO FONTE

E(me)ME FS(nigelhoward) FROM VICTORIA FS(bc) CANADA IX(there) DONT FROZEN NORTH NO NICE GREEN LOCAL OK · PAUSE · OK ME INVOLVE DI MANY YEARS AROUND 18 YEARS YEAR BENT-V MANY DIFFERENT MAJOR++++++ · _wh_ · MEDICINE MENTAL HEALTHCARE COMMUNITY PERFORMANCE INTERNATIONAL BENT-L+++ XI (mouth) SHORT BG (Background) · XI THERE REGION(local) OFTEN INTERPRETER 5(local/region) EXAMPLE COURT(judicial) 5+5_wh_ MENTAL HEALTH MEDICINE BENT-V ++++ · B-(next down) NATIONAL CONFERENCE STAGE(B-floor-level) EXAMPLE CANADA ASSOCIATION VISUAL LANGUAGE INTERPRETER CANADA A-K-L-I-C · _wh_ DIFFERENT WORKSHOP _wh_ GUEST CANADA STAGE 2 BENT-B INTERNATIONAL THUMB UPxi WDF WORLD FEDERATION DEAF 3 WASLI WORLD ASSOCIATION SIGN LANGUAGE INTERPRETER Y · EXAMPLE DEAF OLYPIMPICS BENT-L++ INVOLVE IX-POINT-THERE BENT-B(down) B(there) _wh_??? MY PERSPECTIVE YOUR PERSPECTIVE TWO BENT-V++ DIFFERENT++++ · KNOW DI HIS/HER ROLE IX(my) KNOW HEARING INTERPRETER HIS/HER ROLE KNOW _WH_ BUT YOURS PERSPECTIVE CAN BUT MEAN DIFFERENT FOR EXAMPLE BENT-U 2 TEAM INTERPRETER B SAME PERSPECTIV · 5 5_wh_ IX V(me) LOOK-POINT MEAN Y 5(palm up) LOOK-POINT NO IX(me) THINK MEAN Yxi Y(oh see) Y(oh see) · HOW INVOLVE(chest) INVOLVE(right) HOW CONNECT POINT POINT GOAL · MAKE SURE DEAF HEARING B(parallel) CONNECT SUCCEED THROUGH B(pararell) INTERPRETER 2 2 POINT-DOWN · IX FINGER · S (hire) DI FOR-FOR++ NEED NEW FIELD(area professional) YES DEAF INTERPRETER NEW FIELD(area) WANT PROFESSIONAL(being professional) NEW IX · BUT DI TRUE ITSELF SINCE(been) _WH_ DEAF BING SCHOOL BENT-4 BENT-O SIGN+++ SOMETHING 4 STAND UNDERTAND(face negative) SIGN ALREADY HAVE ROLE TERM INTERPRETER B(there) ALREADY INDEEX(there) · I NDEX-1 BUT PROFESSIONAL NEW+++ PLENTY +++ TRAINING V (second number) HAVE DEVELOP SKILLS HAVE OPEN-A++ OUT THERE _NEGATIVE_ 5 (more or less) NOT MUCH · INDEX-1 DEVELOP(slow)++ · Bent(Next down) IX(point) · _WH_ 5 5 (then-what) · IF S (hire) DI THERE OPEN A+++ MEANING SUFFICIENT · S (all finger movement) S (hire) · DI HAVE MEANING ME(XI) ALSO HEARING INTERPRETER 5 (open hand movement) · DI HAVE MEANING ME(XI) ALSO HEARING INTERPRETER 5 (open-hand movement) MY CONCERN IF HAVE DI WITH ME MEANING DEAF COMMUNITY 4+4(look down) ME(XI) 5(open-hand movement) PROFICIENCY INTERPRETER ME 5(open hand-movement) · OR V(second) S (hire) ME(XI) _WH_ 5+5 NOT CLEAR MANY AWKWAD MYSEF · BUT PROFESSIONAL INTERPRETER _WH_(face) BUT ANOTHER DEAF LOOK-POINT OF VIEW ME(XI) S(hire/move) S+S (holding) ME(XI) CAN WHY ME(XI) EXPERT SIGN(smooth) SKILLS _WH_(face) Y(that) ENOUGH ?? · MANY 2+2(look) _WH_(face) #WHAT SKILL WHAT I FEEL WHAT I CAN WHAT I SHOULD NOT _WH_(afirmative) MANY DIFFERENT AREA EXAMPLE · INDEX(IX) S(hire) ME(IX) DI _WH_ (no matter) · _WH_ (face expression) · XI DI I KNOW YOU REMEMBER XI LITTLE CHILD INSIDE COMMUNITY AWFUL XI COMMENT(say) BECOME DI XI _WH_(face concern) S (arm righ) · _WH_NGOOD INDEX(XI) ALL HAVE HOLY SAINT (good, nice, good saint) GROW UP ???? · BENT-5 GOOD STUDENT GROW-UP ALL HAVE BIT LITTLE HISTORY _WH_(face obvious) MAYBE BUT POINT DEAF COMMUNITY STRONG GROUP HANG OUT XI GOW-UP IX BECOME DI ME(XI)

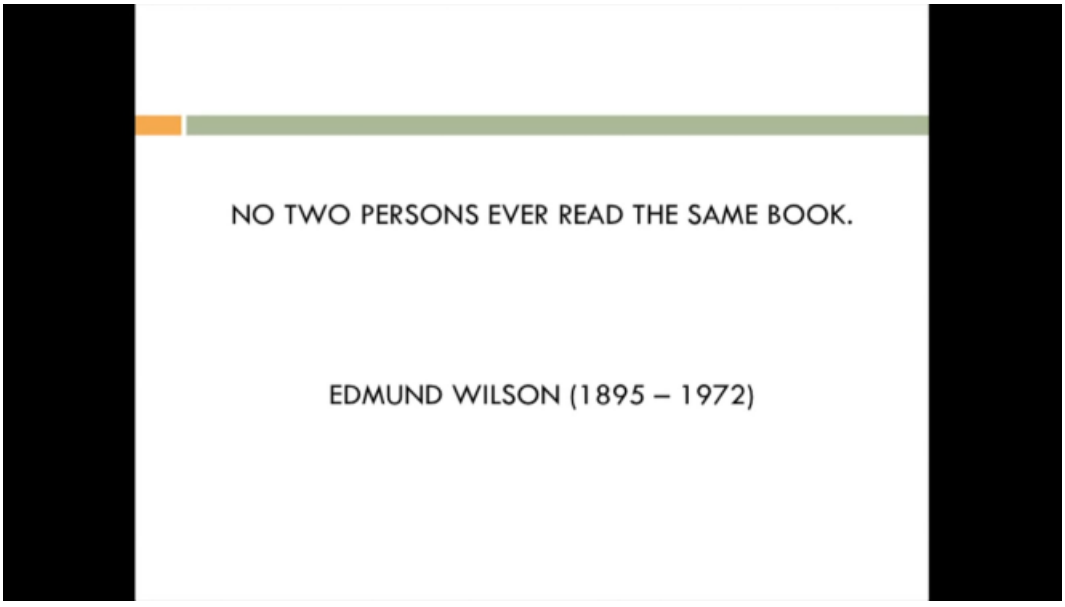
LOOK (dow-up) HOW XI · XI _WH_(face) XI WILL SECRET NOT SURE THAT ISSUES DIFFERENT HEARING INTERPRETER XI S (hire) _wh_(face) MEANING ME 5 (hand movemet)+++ ME(XI) · PERSPECTIVE+++ · DEAF COMMUNITY VIEW-POINT S (hire) DI INVOLVE LOOK-CIRCLE _WH_ FOR-FOR THINK ME BENT-5(down) 5+5_WH_ · FOR-FOR ME(xi) 5 B (get out) ME SINCE GET USED HEARING INTERPRETER S(hire) SINCE GET USED REFERS _WH_(?) · MAYBE WHY IX(point) GET USED SINCE ALWYAS THERE HEARING INTERPRETER S (hire) ALWAYS OR · XI(right) XI(left) like I X(chin) EXPLAIN XI(him) REMEMBER XI BG AWFUL OR INVOLVE COMMUNITY IX_wH_ · ALREADY KNOW MUCH MY SECRET _WH_ HOW IX_WH_ MANY 5+5_WH_ ISSUES _WH_(weird) ·OR 3(third) XI XI KNOW HEARING INTERPRETER PRIORITY TRAIN 1(point-list) 5 (left) XI(him) WHERE TRAIN WHERE XI _WH_(suspect) · HAVE TRAIN RELATE INTERPRETER THEORY 2(second) HAVE TRAIN RELATE INTERPRETER ROLE HAVE++ XI _WH_(???) · EXAMPLE FOR NOW RID 16 HOURS · FINISH RECOGNIZED LOOK-UP XI(left) 2 YEARS 4 YEARS XI(left) 16 HOURS BUT KNOW WILL GAIN(more) WILL XI(left) BUT STILL NUMBER COMPARE BING PEOPLE COMPARE XI BG 1(point-list) 5(hand) GOOD BG 1(list) 5(hand) _WH_(not) PREFERS · XI · BING 5+5_wH_(yes) REALITY 5+5_WH_ XI ASL ENGLISH INTERPRETER TITLE HEARING INTERPRETR XI · 1 XI(point-frame) LOOK-UP _WH_(weird) S+(hire) BUT ME STUDY ME WORK UPDATE THEN S(hire) LOOK-CIRCLE XI X(chin) BECOME CERTIFIELD DI SOMETHING LOOK-HIM _WH_(suspect) OR S(hire) INEQUALITY THAT VIEW-POINT XI V (index) XI(ooint-frame) DEAF INTERPRETER COMMUNITY ITSELF XI KNOW XI(him) SIGN 5(hand movement) XI NOT MUCH INVOVLE COMMUNITY XI_WH_(??) · NOT MUCH XI(point-frame) DEAF INTERRPETER COMMUNITY ITSELF GROUP_wh_ S(hire) NEW DI LOOK-HIM _WH_(weird) XI (him) NOT YET INVOLVE COMMUNITY GROW-UP MAYBE OR XI _WH_(weird) GOOD SIGN BUT UNDERSTAND INTERPRETER ROLE _WH_(untrust) · _WH_(oh) ME CERTIFIELD ME CERTIFIELD CERTIFIELD HAVE CERTIFIELD TITLE FS(c) ME(XI) ADMIT ME(Xi) BENT-5+++ XI(look-attention) ME CERTIFIELD INTERPRETER CERTIFIELD _WH_(??) GOOD YES BUT _WH_(???) HAVE HEARING INTERPRETER XI(call) ME CERTIFIELD HEARING INTERPRETER NOTHING INTERPRETER PERIOD DI SHOULD ME(XI) DI DONE INTERPRETER PERIOD CERTIFIELD++ WHY REMIND CERTIFIELD XI C CERTIFIELD WHY XI C+++ SHOW PROOF ME(xi) FINISH 16 HOURS OR WHATEVER NUMBER TRAIN PROOF PASS THUMB UP NICE RECOGNIZED YES AGREE BUT ME(xi) POINT CERTIFIELD _WH_WHY REMIND XI(indeex) CERTIFIELD + IX(index(+++) WH_(no) XI(no) SHOULD ME(xi) INTERPRETER PERIOD XI(me) CAN SKILL THAT AREA BUT 5 (hand movement) ANOTHER AREA HONEST · CERTIFIELD MEAN 5(hand flat) AUTOMATIC 5(hand flat) SKILL EVERY AREA EVERY FIELD(different way) _WH_???? · OR RESEARCH(myself) WHAT MEAN CERTIFIELD XI(point-there) · XI(him) DEAF NOT XI(him) GROW-UP MAINSTREAM XI(him) _WH_ (not) XI B(next) XI ASL XI(him) SIGN(oral speech) XI _wH_(not) WHY GIVE CERTIFIELD WHY MANY PERSPECTIVE DEAF COMMUNITY VIEW-POINT 2(second) PROFESSIONAL INTERPRETER VIEW-POINT DEAF INTERPRETER ITSELF VIEW-POINT PERSPECTIVE TRUE TOUCH++++ · IDEA WHAT ISSUES BASIC IX(down) SHORT WHAT MEAN OFTEN PEOPLE CONFUSE DI _WH_(thought) GIVE++(message) XI (point-frame) · XI(point-frame) GIVE++(message) B(negative) IX(point-frame) TRUE JUST MESSAGE (right) GIVE MESSAGE (left) FINISH 5+5 (two hand clap) · ZERO+ZERO(nothin) CULTURE ZERO+ZERO(nothing) 5 SPREAD 5-BENT-

CLOSED(two hands open-closed) Y+++ WHAT GOAL BEHIND WHAT MEAN 5+5 CIRCLE 5+5 TRANSLATION GIVE HIM · HEAR-EYES _WH_(yes) TRANSLATION SIGN MATCHES HIS LANGUAGE MATCHES HIS LANGUAGE INDEX(right) INDEX(left) IX(frame) GIVE++(right-left) message · XI(me) SEE THAT HAPPEN OFTEN XI(me) LOOK-FRONT GIVE-MESSAGE NO DI _WH_(???) GIVE-MESSAGE(right-left) LOOK-DOWN MEAN B(next) IX(frame) COPIE (MIRROR) BING PERSON SIDE-SIDE ALREADY(at all) · 1 SIDE- 1SIDE INDEX(no) COPY IX(me) INDEX-HAND-UP WHAT I SEE ADUTIORIUM NO TRUE BENT-5 (next) IX (frame) · IX(index) HAND-UP(left) B (bent-up) 1 SIDE- 1 SIDE THEATER BING STRONG THEATER 1 SIDE-1 SIDE · B(bent-dow) XI(frame) AUDITORIUM LOOK-DOWN SEE-THERE SAY IX(index) IX(index-up) SAY FINE 5+5 (copy) THAT MEAN IX(frame) B (bent-down) XI(frame) TRUE XI(frame) POINT WHAT LANGUAGE INDEX-INDEX TRANSLATION ANOTHER LANGUAGE FINISH INDEX · 5+5 HAND UP · IX(frame) DEAF BLIND INTERPRETER DEAF BLIND SP DIFFERENT SEPARATE DIFFERENT DEAF INTERPRETER MEAN INCLUDED GUIDE DIFFERENT ROLE SEPARATE WORTH RECOGNIZED THAT ROLE DIFFERENT IT DI XI(index) DI 5 (hand-what) INVOLVE THAT AREA RESPONSIBLE AREA WHICH MIX CLEAR SEPARATE · B(next-down) IX(frame) U+U INTERPRETER XI(frame) XI(me) CAN EXPERT FLUENT SIGN MEAN I CAN U+U _WH_(no) NOT OFTEN THINK U+U ITSELF LANGUAGE NOT _WH_(no) MORE IF IX(you) BENT-U+++(travel) DIFFERENT COUNTRY ACQUIRED +++ DIFFERENT 5+5 SIGN 5+5(spread-line) ACQUIRED SAME TIME WHAT CULTURE VARIOUS ACQUIRED Y Y(oh see) CHANGE(flexible) FINE FIGURE-OUT WHO AUDITORIUM CHANGE(control) TRY MATCH MOST WHO OUT THERE SIGN(smooth-fluent) 5+5 SIGN DIFFERENT COMPARE TO INTERPRETER XI (me) EXPERT U+U FINE SIGN IX(him) THAT ASL NO U+U _WH_(no) THAT ASL FINGERSPELLING BENT-5(mix) 5(hand move bye) U+U MEAN TRUE-BIZ 5 5 SIGN OR BENT-OPEN-5 SIGN CLEAR+ · BENT-5 SIGN + BING WHO LECTURE BENT-5 (copy) U+U SIGN SAME EQUAL NOT ALWAYS NOT ALWAYS XI(frame) HVCO XI(index) SIGN HAND(space) FINISH BASIC POINT MEAN FINISH BENT-B (down) · IX(frame) INTERPRETER HAND + HAND UP IX(you) IMAGINE MEAN WHAT SPEAK 5(hand move) SIGN TRANSLATION ANOTHER LANGUAGE MEAN TWO SEPARATE LANGUAGE BENT-C(right) BENT-C (left) · SAME LOOK IX(frame) ENGLISH AS ASL ENGLISH INTERPRETER 3+3 (get) ASL TRANSLATE SPOKEN ENGLISH HEAR ENGLISH TRANSLATE ASL THAT BASIC POINT 1(one) 1(one) B (next-down) DI _WH_(???) CONFUSE WHAT I DI SIGN BUT TOO I SUPPORT · CAN'T XI(me) TWO ROLE CAN'T IX(me) BOTH ROLE XI(frame) IX(frame) _wh_WHAT XI(me) HAND UP(no) CHANGE(correct) HELP HAND UP (no) ADVICE HAND UP(no) CHANGE(correct) THROUGH INTERPRETER PROCESS _WH_(concern) APPROPRIATE NOT APPROPRIATE THA MAYBE THAT WHY DEAF COMMUNITY PROTECT _WH_(weird) XI (YOU) DI BUT YOU LOOK LIKE SUPPORT 5(chest)_WH_(mad) XI(you) NOT UNDERSTAND FINE CHANGE(correct) _WH_(wondering) THAT FOR EXAMPLE IF IX(you) MEDICINE SITUATION 5+5 (piano-movement repeat) LOOK-CIRCLE Y (oh see) IX(hiim) NOT ONLY MEDICINE SITUATION SOMETHING BEHING MAYBE MIND · PYSCHOLOGICAL MENTAL HEALTH ONE-UP INDEX HAND BUT IX(me) 5-ClAW (no) IX(you) MISUNDERSTAND CHANGE(correct) CHANGE+ BUT IX(this) HAVE MENTAL HEALTH ISSUES APPEAR X NOTICE BENT-2(copy/paste) ALLOW DOCTOR XI Y(oh) SEEMS MENTAL HEALTH ISSUES APPEAR · BUT IX DI BG TRAIN NOT ENOUGH XI CHANGE IX MISUNDERSTAND HAND(call) HABIT DEAF COMMUNITY BING MYSELF

CRITICIZE EACH OTHER · CHANGE NOT UNDERSTAND INTERPRETER EXPLAIN IX(him) HAVE XI(me) HABIT SUPPORT ROLE · IX(frame) INCLUSION IX(index) OFTEN 1 (right) 1 (left) MY ROLE YOUR ROLE IX HEARING INTERPRETER TRUE POINT TWO(open-closed) NOT IX(me) INEQUALITY BECAUSE IX DEAF IMPORTANT COMMUNICATE IX INEQUALITY NO ANY SITUATION BOTH ISSUES WHAT LECTURE COMMUNICATE WORKING PERFECT IX (me) WHO DO-DO IX (you) DO-DO GO AHEAD UNITE++++++ IX(frame) HAND UP (right) HAND UP(left) IX(me) BODY SIGN MIND COMMUNICATE UNITED ++ _WH_(yes) SIGN TRUE GOALMAKE SURE · WHO LECTURE GIVE OUT THERE SUCESSSFUL NOT ONLY IX(me) IX(you) FEED TAKE CARE IX(me) TAKE CARE EVERYTHING SIGN OR IX(you) FOR ME FOR ME IX(you) +++++ GIVE ME DO-DO BENT-2(copy/paste) SIGN NOT THAT _WH_(no) X BECAUSE BOTH AGREE+ WORKING _WH_(yes) SIGN THAT ALL POINT XI(frame) · TEAM INVOLVE(chest) INVOLVE (right) WHEN S (hire) DI + WHY XI HOW XI (frame) · XI(index) FINGER MEDICAL IX 2(second) MENTAL HEALTH IX SOCIAL SERVICE LEGAL IMMIGRANT NON-NATIVE SIGNER CHILD APART OLDER XI (frame) COMMUNITY DIVERISTY SOME SITUATION XI (you) XI (me) _WH_(no) BETTER S (hire) DI _WH_(yes) YES BUT TIME DI ITSELF MUST HAVE FLUENT WHICH AREA TOO NOT BECAUSE FLUENT ASL PERIOD. HAND UP (right) HAND UP (left) _WH_(no) SAME IX(Tthem) XI FLUENT SIGN RIGHT BUT CAN'T SIGN ANY SITUATION · WILL GO FEEL XI(me) CAN EXPERT AREA IX WILL GO SIGN RIGHT XI (you) BING WORK SUGGEST LOOK IX (index) IX (me) _WH_(no) KNOW WHO GOOD FLUENT RECOMMEND IX(me)_WH_(no) RECOMMEND THAT PERSON THIS RECOMMMEND BACK HIM · IX BUT IX(me) OFTEN S (hire) INTERESTING GOOD SIGN · _WH_(concern) LOOK MORE THAN ONLY SIGN ITSELF IX (frame) XI(frame) IX (me) INTERPRETER HOW INVOLVE 1 SIDE- 1 SIDE TRUE ALMOST ANY SITUATION (holding+++) THINK SAME CHILD IX (frame) CHILD XI (this) SIGN (baby signing) LOOK MAYBE MENTAL PYCHOLOGICAL EVALUATE IX (this) _WH_ BETTER DI UNDERSTAND DI ITSELF SKILL AREA TOO S (hire) FACE (look) Y Y (oh see) HOW APPROPRIATE INTERPRETER WITHOUT FEED WITHOUT OR CHANGE (correct) IX (this) · Y (this) XI U+(mouth) U+ (hand closed) BING WHO DECISION WHO_WH_5+5FIRST IX(me) BING HEARING INTERPRETER XI S (hire) XI _WH_(concern) INTERPRETER 5+5 SITUATION _WH_ 8 + 8 SITUATION BETTER S (hire) DI BING HEARING INTERPRETER BING S (hire) SOME AGENCY WILL LOOK IX (index) WILL BETTER S (hire) XI DI MOST BING HEARING INTERPRETER BING WHY XI (me) _WH_(concern) NOT XI (me) CAN'T 5 (hand movement NO) XI (him) Y THIS SITUATION COMPLEX BETTER S (hire) XI TRUE BIZ NEED XI S (hire out) ++++ DA ANY TIME ANY SITUATION TRUE BIZ TRUE NEED ? BALANCE ++ Y THAT BENT XI APPROPRIATE TRUE BIZ IMPORTANT NEED _WH_??? BENT-5 (next down) XI BENEFIT WHO COMMUNITY OR MY INTERPRETER ROLE BENEFIT RELIEVED C (right) C (left) HAND OFF POINT BENEFIT WHAT TWO INVOLVE DI GOOD XI MORE EXACTLY+++ IF HAVE GOOD TEAM TWO(both) NOT INEQUALITY TWO(both) _WH_(yes) · BOTH _5+5 (work out) Y Y (oh see) SIGN LOOK (two hand) TAG BACK TAG HIM SIGN MORE GOAL GIVE OUT MORE EXACTLY +++++ · PERFECT_WH_(no) EXACLTY _WH_(yes) INFORMATION GIVE OUT GIVE BACK THROUGH TWO (both) XI MORE IDEA BLURRY CHANGE (correct) BENT-2 UNDERSTANDABLE CLEAR · EXPRESS HIM CLEAR GIVE HIM THEM ++ GIVE BACK IX BENT (next down) IX MESSAGE EQUAL IX WHAT SIGN DIFFERENT SIGN (exaggeratedly) · XI FINE BENT-2 TRANSLATE HOW MATCH APPROPRIATE ENGLISH SPOKEN RIGHT

ENGLISH CHOOSE WORD MATCH XI (left) XI (right) SAME CONTRARY ENGLISH SENTENCE FINE NOT MATCH FINE SIGN (fast-sign) EQUAL (hand holding) · BENT (next down) I IX TWO (both) MY PROCESSING -MIND ALONE _WH_(no) TRUE TWO (both) PROCESSING-MIND (myself) PROCESSING-MIND (him) DOUBLE 1 (process) 1 (process) _WH_(rhird) · BOTH 1 INDEX UP 1 INDEX UP SIGN WITH BENT-(next down) · XI MEAN TEAM TWO (together) LOOK (down) FIRST BEFORE AHEAD ANY WORK WHAT MEAN XI TWO (both) XI XI (frame) · XI LOOK(down) _WH_(no) XI YOURSELF FULL TAKE RESPONSIBLE OR SHARE XI (me) IX (him) JUST GIVE ME BENT-2(copy/paste) SIGN XI (him) _WH_ (no) CALL RELAY INTERPRETER SO AGREE TWO (together) BENT-(next down) MY RESPONSBLE YOUR RESPONSBILE AGREE WORKING _WH_ AHEAD DEPEND ON SITUATION 2 (second) DEPEND ON WHO DEPEND WHATEVER BENT (next down) IX BENT-5 (call) ME MY ROLE ALSO DI XI (him) HEARING HIS ROLE ALS O HEARING INTERPRETER EXPOSURE WHO EXPLAIN EXAMPLE XI (him) XI (me) XI (person) PREFER XI (me) EXPLAIN MY ROLE ALSO DEAF INTERPRETER · XI (frame) XI (me) WHAT XI THINK INTERPRETER BECAUSE XI LOOK-HIM _WH_(weird) WHY TWO DEAF HEARING INTERPRETER WHY HEARING INTERPRETER WHY DEAF INTERPRETER FOR-FOR · _WH_(no) XI (me) MAYBE EXAMPLE XI (frame) ME IX (him) _WH_(yes) ENGLISH ASL IX(me) LINGUISTIC CULTURE APPROPRIATE MATCH · ME XI(him) BECAUSE MENTAL XI (him) LOW MAYBE PROTECT DI MEAN XI THINK LOW THAT WHY DEAF COMMUNITY 5 (chest) DI FOR-FOR THINK LOW _WH_(no) CULTURE LINGUISTIC APPROPRIATE MATCH · 5 5 _WH_??? WHO WHATEVER XI (him) ME# BING WORD APPEAR MLS 2 (second) MOVE STAY _WH_(no) NEGATIVE _WH_normal CULTURE LINGUISTIC APPROPRIATE MATCH _WH_ (not care) ACCEPT FINE S(hire) · I LIKE DI S (hire) WATCH-LOOK NO MATTER WHO DEAF MATTER WATCH-LOOK CELAR XI (him) HEARING INTERPRETER CLEAR LOOK BETTER PREFFER HEARING INTERPRETER XI TRUE DEPEND SITUATION XI THAT XI INDEX INDEX INCLUDED INDEX RESPONSE HEARING INTERPRETER HAVE MIND-OPEN WHAT MEAN FIRSTXI UNDERSTAND SECOND XI UNDERSTAND WHAT MEAN TEAM TWO (together) LOOK (both) INCLUDED FOR WORK RELATIONSHIP PROCESS ANY INTERPRETER SITUATION ANY TRUE · THANK YOU THUMB UP

ANEXO 3 – *SLIDES*



PERCEPTION

- THE NEED FOR DEAF INTERPRETERS
  - NEW?
- QUALITY OF ONE'S INTERPRETATION
  - AM I GOOD ENOUGH?
  - WHAT WILL OTHERS THINK OF ME AS A PROFESSIONAL INTERPRETER?
    - DI and A-EI

PERCEPTION

- DEAF COMMUNITY
  - WHAT IS ACCEPTABLE OR NOT IN THE DEAF COMMUNITY?
- ASL-ENGLISH INTERPRETER COMMUNITY
  - UNDERMINE ONE'S PROFESSION AND ABILITY?
- DEAF INTERPRETER COMMUNITY
  - "C"DI
  - DEAF OR ASL ENOUGH?
- ATTITUDINAL

DEFINITIONS

- RELAY INTERPRETER
- SHADOW INTERPRETER (i.e. theatre – side-by-side)
- MIRROR INTERPRETER (i.e. auditorium – visibility)

- TRANSLATION
  - Communication of the meaning of a source-language text by means of an equivalent target language text

The Oxford Companion to the English Language, Namit Bhatia, ed., 1992, pp. 1,051-1,054

DEFINITIONS

- DEAF-BLIND INTERPRETER
  - INTERVENOR (difference)
- INTERNATIONAL SIGNS INTERPRETER
  - NOT A LANGUAGE
- HIGH VISUAL ORIENTATION (HVO – gesturing, etc.)

DEFINITIONS

- INTERPRETER
- ASL-ENGLISH INTERPRETER
- DEAF INTERPRETER
  - CONFUSION – ADVOCACY ROLE?
  - CLARIFICATION OF BOUNDARIES

INCLUSION

- TEAM INTERPRETING IS THE UTILISATION OF TWO OR MORE INTERPRETERS WHO SUPPORT EACH OTHER TO MEET THE NEEDS OF A PARTICULAR COMMUNICATION SITUATION

RID Standard Practice Paper, Team Interpreting, www.rid.org

- TEAM INTERPRETING REFERS TO TWO OR MORE INTERPRETERS WORKING TOGETHER, NOT JUST PHYSICALLY BUT INTELLIGETUALLY.

Stewart, Schein & Cartwright, 1998. p.107.

WHEN, WHERE AND WHY?

- MEDICAL
- MENTAL HEALTH
- SOCIAL SERVICES
- LEGAL
- IMMIGRANTS
- NON-NATIVE SIGNERS
- CHILDREN – ELDERLY
- COMMUNITY
- ETC..

INCLUSION

- HOW?
  - WHO DECIDES? WHY?
- REAL NEED?
- RATIONALE? REALISTIC?
- BENEFITS WHO?

BENEFITS

- ACCURACY
- CLARITY OF IDEA/POINT/CONCEPT
- MESSAGE EQUIVALENCY
- INFORMATION PROCESSING MANAGEMENT
  - DUAL (DI and A-EI)

ROLES & RESPONSIBILITIES

- DEFINITION OF TEAM PARTNERSHIP
  - TWO POSSIBLE DIFFERENT PERSPECTIVES FROM DI and A-EI
- DELEGATION and/or DISTRIBUTION OF RESPONSIBILITIES AND ROLES
- EXPLANATION OF ROLE(S) – WHOSE?

INCLUSION

- HOW TO CONVINCE THE NEED TO INCLUDE A DEAF INTERPRETER?

LINGUISTICALLY AND CULTURALLY APPROPRIATE